DIÁLOGOS

VOL. XI

TIMEU – CRÍTIAS – O 2o. ALCIBÍADES – HÍPIAS MENOR

PLATÃO

DIÁLOGOS

VOL. XI

TIMEU – CRÍTIAS – O 2o. ALCIBÍADES – HÍPIAS MENOR

Tradução de

CARLOS ALBERTO NUNES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

1977

TIMEU

I

O **Timeu** se compõe de duas partes claramente distintas. A primeira, que se desenvolve à maneira de prólogo, encerra a indicação das circunstâncias do diálogo e o relato de Crítias a respeito dos atenienses proto-históricos (17a-27b); a segunda, muito mais extensa e importante, é constituída pela exposição de **Timeu** sobre a origem do universo e do homem, detendo, assim, a significação cosmológica do diálogo. O problema primeiro que se coloca é o do sentido da conexão dessas partes, aparentemente tão distanciadas; para esclarecê-lo, deveremos elucidar o objetivo primordial da obra.

A indicação de que a conversa desenvolvida no **Timeu** é continuação daquela que constitui a **República** é feita pelo próprio autor, que apresenta um resumo da organização da **polis** ali proposta (Livros I a V; **Timeu**, 17c-19a). A crermos em Crantor, o primeiro da série longa e ilustre dos comentaristas do **Timeu** (a que pertencem ainda, entre outros, Plutarco de Queroneia, Apuleio, Porfírio, Calcídio, Proclo, Guillaume de Conches, Stallbaum, Burnet, Taylor e Cornford), Platão foi censurado e escarnecido por seus contemporâneos em virtude de haver tomado da história dos egípcios o modelo para aquela organização. O autor da **República** teria considerado tão a sério a censura que preocu-

pou-se em relacionar a citada organização com a história dos próprios atenienses. Esse é o objeto do relato de Crítias, cuja plausibilidade está fundada na personalidade de Solão (21a-25d).

Se a informação de Crantor pode explicar a narração de Crítias e nos autoriza a situar o **Timeu** depois da **República**, ela não dá conta, no entanto, do nexo entre as duas partes do diálogo. Para tanto, devemos considerar que o **Timeu** era o primeiro elemento de uma trilogia que compreendida ainda o **Crítias**, inacabado, e o **Hermócrates**, que não chegou a ser escrito. Mesmo que admitamos a tese de Taylor, que abandona o projeto do **Hermócrates**, e propõe a sequência **Timeu, República** e **Crítias** como ordem lógica dos três diálogos (1), ainda assim impõe-se a consideração do **Timeu** em relação, pelo menos, com o **Crítias**, como exige a passagem em 27a-b. Nesse trecho Crítias expõe a Sócrates a maneira pela qual será efetivado o desejo deste de "transferir para a realidade dos fatos os cidadãos e a cidade" cujo retrado ideal pintara na **República**, de ver, portanto, como se comportaria o estado ideal em ação (26c; cf. 19b-20c). Depois de haver reconhecido, no final da **República** (592b), o caráter utópico da **polis** cujo perfil acabara de traçar, Platão teria se preocupado, em decorrência, novamente, de críticas que lhe foram feitas contra aquele caráter, e que ressoam ainda na obra de Aristóteles, em mostrar a efetiva possibilidade de existência, a perfeita viabilidade da sua **polis**. "Vamos transferir para a realidade dos fatos os cidadãos e a cidade que ontem nos descreveste como uma espécie de mito, admitindo que a cidade seja esta mesma, e seus moradores, como os imaginaste, nossos verdadeiros antepassados a que o sacerdote se referiu. Harmonizam-se perfeitamente, não havendo a menor inconsistência de nossa parte em considerar os homens de hoje como o que verdadeiramente existiram naquele tempo" (26c-d). Não que Platão, assim, vá fazer obra de historiador. Como corretamente mostra **R. Schaerer**, os fatos narrados no início do **Timeu** e no **Crítias** "não serão os da história de Atenas, mas fatos-modelos — que Platão situa, por ficção, em uma idade pré-histórica" (2).

Mas qual o vínculo da exposição de Timeu com isso tudo? Ora, o **Timeu** nos fala da ordem do mundo, mostrando-nos que os princípios dessa ordem regem também o homem. Toda a organização da **polis** descrita na **República**, que vai ser agora colocada em ação, constituindo tal projeto o objeto geral da trilogia, foi

fundada na natureza do homem. Mas esta, por sua vez, funda-se na própria natureza do universo, pelo que se impõe começar pela origem do universo, investigando-se as causas de sua harmonia e passando, daí, para a origem do homem e a harmonia que deve reger a sua alma. É nesse paralelismo entre macrocosmo e microcosmo, que então se define e aperfeiçoa e que não deixará de estar presente na cultura ocidental, que se fundamentará mais radicalmente a **polis** ideal, também ela estruturada sobre a harmonia e portanto sobre a justiça (na acepção platônica), que constituirá assim o eixo principal a ligar o indivíduo, a **polis** e o universo (**cosmos**). Têm razão, assim, **Th. Gomperz**, ao observar que para Platão "a ética se apoia em fundamentos cósmicos" (3); **Sciacca**, em considerar que "ordem social e ordem física, cosmos político e cosmos natural tendem ambos para o mesmo fim: o cosmos inteligível de que são imagens" (4); e principalmente **Cornford**, mais preciso, ao afirmar categoricamente que o objetivo da exposição de Timeu "é ligar a moralidade exteriorizada na sociedade ideal ao conjunto da organização do mundo" (5).

II

A exposição de Timeu sobre a origem do universo e do homem é qualificada pelo próprio Platão de "mito verossímil" (29d), e por todo o relato constata-se a preocupação do autor em reiteradamente advertir que nesse assunto (origem do universo e do homem) não podemos alcançar senão o provável e o verossímil, e isso através do "método de verossimilhança" (59c), que "concilia a necessidade com a probabilidade" (53d) (cf., além de 29d, 59c e 53d, mais os seguintes trechos: 30b, 48d, 56b, 57d, 68d e 72d). É a própria natureza do assunto objeto do relato que impõe esse método, e é também dela que decorrem tanto a **captatio benevolentiae** que encontramos no início da exposição de Timeu (29b-d) como a tensão gnoseológica que está subjacente ao relato, determinando o seu teor e o seu alcance e que não é senão a tensão resultante da necessidade de ultrapassar a oposição existente entre o mito e a ciência, que se resolve no verossímil e no provável, e conduz-nos, em primeiro lugar, ao próprio núcleo das concepções gnoseológicas e ontológicas do pensamento de Platão (esferas que se ligam através da Teoria das Idéias) e, em seguida, à reflexão sobre as relações entre o mito e a ciência.

Em toda a obra de Platão encontramos, de uma maneira ou de outra, as teses de que não há conhecimento sem que exista algo de permanente e de constante que constitua objeto desse conhecimento e que o mundo sensível, domínio do que é instável e sujeito a mudanças, opõe-se ao mundo inteligível, reino do que é estável e permanente. Toda ciência (**episteme**) concerne ao mundo inteligível, reino das Idéias eternas; ao mundo sensível, das coisas visíveis e tangíveis, sujeitas a incessantes transformações, concerne a opinião (**doxa**). Assim, como observa Abbagnano (6), a "ciência incide somente sobre o que é estável e constante, e concebível pela inteligência; sobre a natureza, que não tem constância nem estabilidade, só pode haver conhecimentos prováveis". Ora, o mito, precisamente, assinala V. Brochard, "é a expressão da probabilidade" (7). Esforçando-se por aproximar, na sua explicação do universo, o raciocínio rigoroso e a verossimilhança (cf. 56b), Platão viu-se compelido a dar ao relato (**mytos**) de Timeu o qualificativo de "verossímil", fazendo desse relato uma história provável, na qual a necessidade se alia à probabilidade (cf. 53d). Tanto a natureza do que é explicado — o mundo sensível, sujeito a mudanças e por isso objeto de um conhecimento provável, que se localiza entre a simples opinião e o conhecimento certo — como o caráter da ação a que essa explicação tem que se referir — a ação divina de produção do mundo sensível — determinar a verossimilhança que qualifica o relato. Pois como poderiam o devir (29c: "o que a essência é para o devir, a verdade é para a crença") e o pai do universo (cf. 28c) constituir objeto de ciência (**episteme**)? Isso não nos autorizaria, no entanto, como excelentemente observou Taylor, a trocar "ciência por contos de fadas" (8), mas significaria que devemos buscar, em tais assuntos, a maior precisão possível.

III

No prelúdio ou preâmbulo com o qual começa seu discurso (27d - 29d) Timeu não apenas formula a ressalva a que nos referimos na parte anterior, como indica as premissas que presidem toda a exposição. Essas premissas são as seguintes: 1 — "o que sempre existiu e nunca teve princípio" e que verdadeiramente "é", é o inteligível; "o que devém e nunca é", "porque a todo instante nasce e perece", é o sensível; 2 — "tudo o que nasce ou devém procede necessariamente de uma causa, porque nada pode origi-

nar-se sem causa"; 3 — a obra feita com vistas no inteligível, modelo eterno, é bela; mas a que tem por modelo o sensível jamais poderá ser bela (28 a-b). A aplicação dessas premissas ao objeto da exposição dará os seguintes resultados: 1 — o universo é sensível ("pois é visível, tocável e dotado de corpo, coisas sensíveis todas elas" — 28b) e, por isso, sujeita-se ao devir; 2 — porque devém, o universo tem uma causa, "autor e pai deste universo", porém difícil de ser encontrado e de se indicar o que seja (28 c); 3 — o universo é belo ("entre as coisas nascidas não há o que seja mais belo do que o mundo" — 29a) e portanto seu autor teve por modelo o inteligível, o "paradigma eterno" (29a).

Essas premissas e as conclusões a que chegamos quando as aplicamos à explicação do universo encerram algumas das teses axiais do pensamento de Platão. Em primeiro lugar, a da existência de dois mundos, o das formas inteligíveis ou Idéias, eternas e detentoras do ser, e o das coisas sensíveis, sujeitas ao devir; em seguida, a de que o mundo sensível não é senão imagem ou cópia do mundo das Idéias. O relato cosmológico do Timeu acha-se todo ele fundado, assim, na Teoria das Idéias: é essa teoria que constitui (também aqui) o seu pressuposto fundamental. Ao mesmo tempo, o Timeu ilustra exemplarmente essa teoria, e várias de suas implicações mais essenciais, como vimos acima, além de conter, conforme assinala M. F. Sciacca, a única solução dada por Platão ao problema da relação entre os dois mundos (9), solução esta que tem a virtude de situar-nos no próprio centro da cosmologia platônica, tanto estão ligadas aquela relação e a geração do cosmos. Não é, como poderíamos supor, a participação que constitui a solução, porque a participação (sob os dois aspectos de metexis e parousia) não é senão um resultado da relação, e assim sendo a solução explicará também a própria participação. É na função mediadora do demiurgo que encontramos a solução. Causa eficiente do universo, o demiurgo o produziu porque era bom e isento de inveja (29e); mas o produziu emprestando-lhe "a mais completa semelhança com o ser inteligível, mais belo e mais perfeito em tudo" (30d), pois o demiurgo contempla as Idéias. É a ação do demiurgo, portanto, que explica a relação entre os dois mundos, solucionando-se, assim, ao mesmo tempo, o problema dessa relação e aquele, inseparável, concernente ao processo de geração do universo.

"Animal dotado de alma e de razão" (30b/c), o mundo terá, além da alma, um corpo, e os princípios reguladores e formadores

do macrocosmo serão observados na geração do homem, microcosmo. O universo, porém, não é resultado apenas da ação inteligente do Demiurgo. Platão introduz na produção desse resultado uma causa errante, a **necessidade**, potência obscura que encerrará alguns dos maiores problemas da cosmologia platônica e à qual se liga o "meio espacial", receptáculo "sobre" os quais o demiurgo cunha as imagens das Idéias (47e e ss.). **O Demiurgo**, as **Formas Inteligíveis**, o **Receptáculo**, a **Alma** e o **Corpo do Mundo**, o **Homem** — tais são os temas que estruturam a concepção platônica da cosmologia. Consideremos, de cada um, os traços gerais.

IV

O Demiurgo — O Demiurgo de que nos fala Platão no **Timeu** não é o mero artesão, o que simplesmente trabalha com as mãos, mas aquele que produz contemplando um modelo, transferindo para a cópia as virtudes desse modelo. O Demiurgo contempla e produz: há nele uma atividade teórica e uma atividade prática, inseparáveis.

A atividade teórica do Demiurgo faz-nos reconhecer nele uma inteligência, um **nous**, porque não há contemplação sem inteligência, através da qual é unicamente possível "ver" as formas inteligíveis (o que é propriamente contemplar). Além disso, a ação persuasiva do Demiurgo, a que se refere Platão em 48a, é atribuída expressamente a uma inteligência que convence a necessidade "a dirigir para o bem a maior parte das coisas que nascem", e ao Demiurgo cabe ainda (30a) o papel de princípio da ordem do mundo. Daí ter razão Diès em notar que "o Demiurgo do **Timeu** é bem a inteligência ordenadora, que Platão recebeu de Anaxágoras, e que acaba de espiritualizar e divinizar" (10). Mas, diferentemente do **Nous** de Anaxágoras, o Demiurgo platônico não é apenas inteligência, pois há nele a outra feição, a feição propriamente artesanal, que constitui, juntamente com a persuasão e a ação ordenadora (que pressupõem a inteligência), a atividade prática do Demiurgo. Vários trechos ilustram e definem o trabalho artesanal do Demiurgo, que não se restringe a um ofício mas incorpora vários. A produção da Alma do Mundo, da alma humana e da alma vegetativa, por exemplo, utiliza técnicas pertencentes à **metalurgia** (cf. 35a/b, 41d, 77a); a constituição do Corpo do Mundo é uma verdadeira **construção** (no sentido de construção de prédios: 34b, 36d/e); com as técnicas da **cerâmica**

identificam-se aquelas utilizadas na produção da esfericidade do Corpo do Mundo (33b), da "argila" aplicada na fabricação dos ossos (73e) e do esqueleto (73e — 74a); e além de ser qualificado de modelador de cera (74c); o Demiurgo conhece, ainda, a arte (**téchne**) de entrançar (78b-c).

O Demiurgo, todavia, não é onipotente. Em primeiro lugar, o modelo que utiliza não é de sua criação e nem poderia sê-lo, porque esse modelo é eterno; igualmente, o receptáculo, a "matéria" que "recebe" as imagens das formas inteligíveis, o Demiurgo já a encontra existindo; e, finalmente, sua ação é limitada pela necessidade. A criação do mundo pelo Demiurgo não é uma criação **ex nihilo**.

As Formas Inteligíveis — A teoria das Idéias é o nexo mais forte e mais decisivo a ligar as diferentes partes do **Corpus Platonicum**. Todo o platonismo funda-se principalmente nela e dela deriva. Daí a importância do **Timeu**, porque nesse diálogo encontramos a utilização da teoria das formas inteligíveis para a explicação da natureza do mundo sensível, a única solução do próprio Platão ao problema da participação (a que já nos referimos acima) e a demonstração da realidade das Idéias fundada sobre a distinção entre a inteligência e a opinião verdadeira.

Apenas pelas Idéias podemos explicar a natureza do universo, da totalidade das coisas sensíveis. Estas, por sujeitarem-se à geração, foram criadas de acordo com um modelo; mas esse modelo não é senão o paradigma eterno, porque o mundo é o que há de mais belo entre as coisas criadas. Por outro lado, é necessário que causas imutáveis sejam aplicadas ao que é instável por natureza; a não ser assim, não mais poderemos considerar válidos os princípios de contradição e do terceiro excluido. Em suma, como assinala Brisson, "a própria mudança não tem sentido senão em relação à eternidade das formas inteligíveis da qual é a imagem" (11). Assim, as coisas sensíveis têm nas formas inteligíveis a própria possibilidade de sua existência. As Idéias não apenas encerram a possibilidade de uma ética e de uma epistemologia (com sentido mais amplo em Platão do que o atual), como os diálogos anteriores provam, mas também de uma ontologia. Essas formas inteligíveis, finalmente, são reais, como se demonstra em 51 b-e.

Problema particular concernente ao mundo inteligível, no âmbito traçado pelos temas do **Timeu**, é o de sua relação com o Demiurgo. As Idéias existem independentemente do Demiurgo ou existem como pensamentos dele? A segunda posição, susten-

tada ainda hoje, deve ceder diante de certos aspectos da natureza das Idéias que o próprio Timeu esclarece, a saber: 1 – as formas inteligíveis existem de maneira absoluta e em si mesmas, quer dizer, têm em si mesmas seu próprio princípio de existência (51b-c) – portanto, não podem depender do demiurgo para existir; 2 – elas são eternas (27d, 29a, 37d-e, 52a) – e não podem assim existir no que é apenas imortal, pois o Demiurgo é imortal mas não é eterno (12).

O **receptáculo** – "Espécie difícil e obscura" (49a), o receptáculo ou meio espacial deve ser incluído como gênero ao lado do modelo e da cópia (48e e ss.). Manifestação da Necessidade, que é fator de produção do universo tanto quanto a Razão (47e e ss.), o receptáculo é precisamente aquilo pelo que as cópias diferem do modelo. Sendo as coisas sensíveis imagens ou cópias das Idéias, elas, enquanto imagens, são diferentes do modelo. Mas a causa dessa diferença não pode estar nas formas inteligíveis, de onde a necessidade de se admitir um terceiro termo, o receptáculo, sobre o qual age o demiurgo cunhando as imagens do modelo e produzindo, assim, as coisas sensíveis.

É acentuado o esforço de Platão para esclarecer a natureza do receptáculo, que ele mesmo reconhece difícil de definir. "Matriz de tudo o que devém" (49a), o receptáculo é inicialmente elucidado através da análise da transformação (49b ss.): se os quatro elementos básicos, água, ar, terra e fogo, nunca se mostram sob a mesma forma, visto que estão continuamente mudando, não podem jamais ser considerados permanentes e nem designados pelas expressões "**isto** e **aquilo**"; "somente aquilo em que cada um desses elementos nasce e aparece sucessivamente, para logo desaparecer, é que poderá ser designado pelas expressões isto e aquilo" (49e). A seguir, Platão o elucida por meio de comparação com a matéria utilizada na fabricação de objetos: o receptáculo é como o ouro que o artista usa para modelar "figuras das mais variadas formas" (50a), e que recebe todas essas figuras mantendo-se entretanto sempre o mesmo ouro. Assim o receptáculo, à semelhança de cera mole, é uma espécie de natureza que "recebe todas as coisas sem nunca assumir, de maneira alguma, o caráter do que entra nela" (50 b-c).

Porque deve poder receber todas as formas, o receptáculo deve ser amorfo, indeterminado, de uma plasticidade infinita. Não pode, igualmente, ser visível, e nem possuir qualquer outro caráter especial. Como, então, conhecê-lo? É a questão do conheci-

mento do meio espacial que elucida a sua ligação com a necessidade. Não pode ser apreendido pelos sentidos (52b) nem pelo intelecto, embora participe, de "maneira obscura e difícil de compreender" (51a-b), do inteligível. O seu conhecimento se faz por meio de um "raciocínio bastardo" (52b), porque o receptáculo não pertence totalmente nem ao mundo sensível nem ao mundo inteligível. E, no entanto, sua necessidade se impõe, porque "a imagem, por isso que não lhe pertence nem mesmo o princípio em vista do qual se formou, não passando, pois, de um fantasma sempre mutável de outra coisa, deve, por tal razão, nascer em outra coisa e agarrar-se, de qualquer modo, à existência, sob pena de não ser nada" (52c).

O receptáculo, que se identifica assim com aquilo em que o devir e a geração ocorrem, e que foi a partir de Aristóteles designado pelo nome de "matéria", tem sido identificado com o espaço, interpretação que resulta numa aproximação de Platão e Descartes, na medida em que, nessa perspectiva, ambos admitiriam como qualidade essencial dos corpos a **extensão**. Mas se isso é certo em Descartes, em Platão é inteiramente discutível. Pois, como mostra **V. Brochard**, invocando texto do próprio Timeu, a matéria de que fala Platão encontra-se em estado de incessante agitação (cf. 52e), enquanto que o espaço é, por sua natureza, inerte (13).

A Alma do Mundo — "Animal visível" (30b-d, 92c), o mundo possui uma alma, criada pelo demiurgo antes do corpo do mundo e "mais velha e mais excelente do que ele, por estar ela destinada a dominar e comandar, e ele, a obedecer" (34c-35a). Do corpo do mundo resulta a figura própria do mundo; da alma, seu movimento.

A constituição da alma do mundo, cuja descrição começa em 35a, consiste inicialmente na mistura de três elementos: o Mesmo, o Outro (ou Diferença) e a Substância (ou Existência). Reunindo nesses elementos o que é divisível e indivisível, o demiurgo obtém um estado intermediário de cada um desses elementos, que, misturados, constituirão a alma. Esse processo pode ser assim representado, segundo **Cornford e Brisson** (14):

		Mistura inicial	Mistura final
Substância	indivisível	Subst. intermediária	Alma
Substância	divisível		
Mesmo	indivisível	Mesmo intermediário	
Mesmo	divisível		
Outro	indivisível	Outro intermediário	
Outro	divisível		

A mistura assim obtida será dividida, e dessa divisão resultará a estrutura harmônica da alma do mundo. A série matemática sobre a qual essa divisão se baseia (35b-36b) resulta de duas progressões geométricas, ambas terminando em números cúbicos: a primeira, de razão 2, fornece-nos a sub-série 1, 2, 4, 8; a segunda, de razão 3, a sub-série 1, 3, 9, 27. A série completa, portanto, será 1, 2, 3, 4, 8, 9, 27. Os intervalos serão preenchidos também de maneria harmônica, tanto quanto os novos intervalos resultantes desse preenchimento, restando, de cada um, um intervalo definido pela relação 256/243. Essa estrutura matemática possibilitará a consistência e a estabilidade da alma do mundo, na medida em que nela residirá a conciliação do Mesmo com o Outro.

Há uma relação essencial entre a estrutura harmônica da alma do mundo e a música, relação que resulta dos próprios elementos utilizados por Platão para a construção daquela estrutura. Dessa relação, importante tanto para a cosmologia como para a filosofia da música (porque os princípios que dirigem a construção da alma universal são os mesmos utilizados na constituição da alma individual), impõem os limites deste trabalho a indicação, apenas, de alguns aspectos, a saber: o termo **diástema** (intervalo), inequivocamente usado por Platão na acepção de intervalo musical (cf. **República**, 531a; **Filebo**, 17 c), aproximaria a obra do Demiurgo da harmonia musical; na construção da Alma do Mundo, Platão teria utilizado relações matemáticas e musicais recém descobertas (15).

A "matéria" da alma, constituída de acordo com os princípios harmônicos, é dividida pelo Demiurgo em duas metades, que ele cruza em X e cujas extremidades une, vergando-as, produzindo assim os círculos do Mesmo e do Outro, aos quais atribui movimento. O círculo exterior, do Mesmo, permanece sem divisão; o interior, do Outro, ele divide em sete círculos de diâmetros diferentes, que recebem movimentos contrários uns dos outros. Nessa disposição, descrita em 36b-d, reside a significação astronômi-

ca da alma do mundo. O círculo ou anel interno corresponderá à eclíptica (ou ao zodíaco, como quer Cornford); o externo, ao equador; os sete círculos desiguais corresponderão às órbitas dos sete planetas (no sentido de astros errantes), entre os quais o sol e a lua (cf. 38c-d e **Leis**, VII, 821b). O centro desses sete círculos, e portanto do círculo interno e também do externo (os dois anéis, do Mesmo e do Outro, têm circunferências iguais e são tangentes), é a Terra, que será assim, então, o centro do próprio universo. Esse modelo de organização astronômica do universo, correspondendo a uma esfera armilar (16), será aquele que, aperfeiçoado pela escola de Alexandria, vigorará durante séculos, até ser revogado pela Nova Astronomia.

Porque é alma, a Alma do Mundo é dotada de movimento (cf. **Leis**, X, 895e-896a) e possui função motora; porque é constituída do Mesmo, do Outro e da Substância, pode conhecer o sensível e o inteligível e possui função cognitiva. Essas duas funções (36d-37c), essenciais à Alma do Mundo, constituem expressão de sua própria natureza. "Entretecida em todo o céu" (36e), a alma comunica movimento a todo o universo, dado que é princípio de todo movimento; e porque é racional e atua com razão e inteligência (cf. 46d), conhece tanto o sensível como o inteligível, pois a vida inteligente da alma (isto será aplicado também à alma individual), funda-se no princípio, comum à filosofia antiga, de que o semelhante conhece o semelhante (através do Mesmo, a alma conhece o inteligível; do Outro, o sensível).

Ao criar o céu, cuidou o demiurgo do aparecimento dos dias e das noites, dos meses e dos anos — em suma, do **tempo** (37c-39e). "Imagem móbil da eternidade", o **tempo** imita a eternidade, porque a eternidade do modelo "não podia ser atribuída em toda a sua plenitude ao que é engendrado". O **tempo**, que tem por instrumentos os planetas e se movimenta de acordo com o número, nasceu com o céu. Isso permitirá esclarecer a questão da origem do mundo formulada por Platão em 28b-c. Com efeito, essa questão não pode indagar por um começo do mundo no tempo, porque, em primeiro lugar, o tempo nasceu com o mundo, e, em segundo, não pode o tempo servir de padrão para o que é engendrado, porque ele mesmo tem essa condição. A questão não visara, assim, à ordem temporal, mas à ordem causal (17).

O Corpo do Mundo — O universo, além de ser vivo, é também único (31a-b, 33a, 55c-d) e esférico, porque a esfera, forma

que abrange todas as outras formas existentes, possui a configuração "mais conveniente para o animal que deveria conter em si mesmo todos os seres vivos" (33b). Além disso, é ainda indissolúvel e composto de quatro elementos: a terra, o fogo, o ar, a água. Por ser visível, o universo é formado de fogo (luz), posto que este elemento é o que permite a visibilidade; mas é também tangível, e toda tangibilidade só é possível por meio de terra. Esses dois elementos iniciais, porém, devem estar ligados, o que só será possível por meio de outro elemento — ou melhor, de dois outros, pois "o mundo tinha de ser sólido" e "os sólidos são ligados sempre por duas mediedades" (32b; os planos ligam-se por uma mediedade). Por essa razão coloca o Demiurgo, entre o fogo e a terra, o ar e a água, harmonizando-os mediante a proporção geométrica progressiva e desse modo introduzindo entre eles a amizade (**philia**), o que assegurará a indissolubilidade do universo, pois em decorrência da amizade os elementos estarão sempre juntos e coesos (32c; cf. **Górgias**, 508a).

Sendo corpos, os quatro elementos devem apresentar profundidade (ou espessura), dimensão que define essencialmente o que é sólido (**stereós**), dado que o plano (superfície) possui apenas largura e altura. Mas toda profundidade limita-se pela superfície, e toda superfície de formação retilínea é composta de triângulos. O triângulo, determinação mínima da superfície, é, por isso mesmo, o elemento geométrico básico dos sólidos. Assim estabelece Platão o seu princípio da estereometria (53c). Entre os triângulos, os de ângulo reto possuem a qualidade de gerar todos os outros, pois de dois triângulos com um ângulo reto e dois agudos originam-se todos os demais. Da combinação dos triângulos resultarão os cinco sólidos regulares conhecidos pela denominação de "figuras platônicas", que, de acordo com os comentários aos "Elementos" de Euclides, não foram "descobertos" (isto é, tratados matematicamente) por Platão, mas pelos pitagóricos e por Teeteto, atribuindo-se aos primeiros o cubo, a pirâmide e o dodecaedro, ao último, o octaedro e o icosaedro (cf. 54d—55e). As qualidades desses sólidos serão determinantes na atribuição de cada um deles aos quatro elementos; do quinto restante, o dodecaedro (na ordem em que o **Timeu** os expõe: pirâmide, octaedro, icosaedro, cubo, dodecaedro),utiliza-se o demiurgo para a configuração do universo, visto ser aquele cujo volume mais se aproxima do da esfera.

O cubo é o sólido que apresenta maior estabilidade (tem a base mais ampla) e maior plasticidade: será o elemento da terra; a pirâmide, dotada de maior mobilidade (porque contém menor número de bases), do menor corpo e do ângulo mais agudo e, por isso, mais cortante, será atribuída ao fogo; o sólido menos móvel (porém mais do que o cubo), de maior corpo e de ângulo menos agudo, o icosaedro, será o elemento da água; finalmente, o que tem mobilidade, corpo e ângulo em graus maiores do que o icosaedro e menores do que a pirâmide, a saber, o octaedro, será conferido ao ar. Assim formou o demiurgo os quatro corpos fundamentais (cf. 55d–56b), observando a correspondência de qualidades entre os sólidos e os elementos. Esses quatro corpos sujeitam-se a transformações, consistentes em dissolução, condensação, decomposição e recomposição (56c–57c), bem como apresentam variedades decorrentes dos diferentes tamanhos de seus triângulos constituintes (57c, 58c–60c).

O Homem — Como o universo (macrocosmo) a que se assemelha, o homem (microcosmo) tem também uma alma e um corpo. Uma alma que conterá o divino e o mortal, e um corpo que, diferentemente do Corpo do Mundo, sujeitar-se-á ao perecimento. Da natureza da alma e do corpo humano, e de sua reunião, advirão consequências da maior importância, concernentes às esferas do gnoseológico e do ético.

A alma do homem é formada de duas espécies de alma: a imortal, produzida pelo demiurgo, e a mortal, feita pelos deuses auxiliares e dividida em duas sub-espécies. Na constituição da espécie imortal (41d), o Demiurgo utiliza os mesmos ingredientes empregados na produção da alma do mundo — o Mesmo, o Outro, a Substância —, mas em um grau inferior de pureza, e observa as mesmas regras de proporção, de tal maneira que a parte imortal da alma humana se apresentará como uma reprodução microscósmica da alma do mundo, da qual imita as revoluções (o pensamento como movimento; cf. 44d, 47b) e detém a mesma possibilidade de conhecimento do inteligível e do sensível. Assemelhando-se à alma do mundo, chamar-se-á divina e receberá a incumbência de comandar a espécie mortal e o corpo (41c, 44d). Aos deuses auxiliares cabe a produção da espécie mortal, da qual Platão não elucida nem a constituição nem a natureza (69c), dela dizendo-nos porém que é "cheia de paixões terríveis e fatais" (69c-d). A espécie mortal compreende duas sub-espécies: a primeira, "que participa da coragem e da

cólera e ambiciona a vitória'' (70a), é a parte irascível; a segunda, ''que apetece comer e beber e tudo o mais de que necessita para a preservação da natureza do corpo'' (70d), constitui a parte apetitiva. Assim reitera Platão a tripartição da alma humana — a racional, a irascível, a apetitiva —, que constitui uma das constantes de seu pensamento. Por sua vez, a localização dessas partes da alma no corpo corresponde às suas respectivas naturezas. A racional, correspondente à espécie imortal e divina, localiza-se na cabeça, o que reforça a semelhança com a Alma do Mundo (44d, 69c); — a irascível e a apetitiva localizam-se no tronco, a primeira acima do diafragma, mais próxima da parte racional, a segunda abaixo, por ser a mais afastada da razão (69c—71a).

Os diversos trechos do **Timeu** referentes, de um modo ou de outro, ao corpo do homem, somam quase a metade de todo o diálogo. Desses trechos, o que encerra a anatomia e a histologia platônica é o que nos esclarece a respeito da formação dos primeiros elementos do corpo humano (73b — 76e). O elemento primordial é a medula, que possibilita a ligação da alma com o corpo, e constitui ''a semente universal de toda espécie sujeita à morte'' (73c). Para sua fabricação, a divindade aproveita os triângulos regulares e polidos dos quatro elementos primordiais (terra, fogo, água, ar), com os quais prepara uma mistura (sempre na proporção devida) que será utilizada também para a produção do cérebro, dos ossos,dos tendões, da carne, da pele, dos cabelos e das unhas. Antes, em 69a—73a, tratara-se dos órgãos ligados às funções anímicas inferiores: à parte irascível vinculam-se o coração e os pulmões; à apetitiva, o estômago (''espécie de manjedoura''), o fígado (importante para a imaginação e a advinhação), o baço e os intestinos. Depois de haver assim descrito a constituição do corpo humano, passa Platão para as considerações concernentes à fisiologia (parcialmente já feitas em 69a — 73a), explicando os aparelhos circulatório e respiratório e o processo de digestão (76e — 81e). Seguem-se, então, as observações sobre a patologia e a terapêutica (81e—90d), cujos aspectos mais importantes são os seguintes: todas as doenças do corpo provém do desequilíbrio dos elementos originais que entram na sua constituição (terra, água, ar, fogo) e, assim, podemos falar de dois grandes grupos de doenças: as que decorrem da carência e as que são consequência do excesso de um desses elementos. As doenças por carência de fogo atingem o sistema nutritivo; as que resultam de carência de ar, o sistema respirató-

rio; as consequentes de carência de água, o sistema humoral; a as provenientes da carência de terra, finalmente, afetam o sistema histológico. As doenças por excesso dos elementos recebem a denominação genérica de febres, e classificam-se de acordo com a presença determinante do respectivo elemento: contínuas (fogo), quotidianas (ar), terçãs (água) e quatãs (terra). As doenças da alma, por sua vez, são genericamente chamadas de demência. Mas Platão distingue duas espécies de demência: a loucura e a ignorância (86b), atribuindo-lhes causas de naturezas diversas, como o excesso de prazeres e de dores, as más instituições e a educação mal feita, voltando a reafirmar, num sentido novo, a tese socrática de que ninguém é voluntariamente mau (86d-e).

A terapêutica platônica aplica-se ao mesmo tempo ao corpo e à alma e funda-se no princípio da proporção, da medida certa nas relações entre a alma e o corpo. A atenção a essa medida pode ser ajudada pelos cuidados com o corpo (higiene) e pela terapêutica propriamente farmacêutica, cuja aplicação é recomendada com sobriedade, porque "não devemos irritar as doenças com medicamentos" (89b). O mais essencial e importante, porém, é a assecuração permanente da harmonia da alma (a parte racional dirigindo as outras duas), dado que à alma cabe governar o corpo. Para tanto, devemos controlar nossos humores e apetites através da espécie imortal e divina, a ser desenvolvida pela contemplação do universo e de seus movimentos, como também pela música (89d-90d; 47d).

Tais são as linhas gerais da biologia platônica, a que ainda pertencem, de certo modo, as observações sobre a psico-fisiologia das sensações, que nos falam das qualidades sensíveis e dos sentidos, e que concernem ao mesmo tempo ao corpo e à alma (61c-68d). Inseparável da cosmologia, que lhe está por trás e que lhe serve de fundamento, essa biologia faz uso de dois tipos de causas: as mecânicas e as finais, as primeiras decorrentes da necessidade, as segundas da inteligência. Essas duas ordens de causas aplicam-se muitas vezes ao mesmo tempo. Por exemplo, a estrutura da boca atende tanto ao necessário como ao melhor (75d-e). Mas as causas finais apresentam clara supremacia sobre as mecânicas, como inequivocamente resulta do trecho compreendido entre 44d e 48e, no qual Platão demonstra a natureza finalista da estrutura do corpo humano, inclusive derivando do uso da visão a própria filosofia, "o mais precioso bem que o gênero humano em algum tempo recebeu ou que venha a receber da muni-

ficiência dos deuses" (47b), e como ocorre, também, no plano muito mais geral da cosmologia, em que a inteligência persuade a necessidade a conduzir as coisas para o bem (48a).

Da união de corpo e alma, que constitui a vida humana, e que, contrariamente àquela da alma e do corpo do mundo, não é perene, surgem consequências da maior importância, gnoseológicas e éticas. Com efeito, sendo necessário que a harmonia dessa união se veja constantemente observada, as suas variações implicarão na existência do erro e, em consequência, do mal. Todo conhecimento, e todo discurso que o explicita, funda-se na participação das formas inteligíveis entre elas e das coisas sensíveis nas formas inteligíveis. Se o enunciado (e, portanto, o conhecimento que ele contém) concorda com a participação efetiva à qual se refere, então será verdadeiro; em caso contrário, falso. Ora, a faculdade de conhecer depende daquela espécie imortal que constitui a parte racional da alma e na qual encontramos, como na alma do mundo, os círculos do Mesmo e do Outro (cf. 37a-c). Ao primeiro círculo estará vinculado o conhecimento intelectual, que é o conhecimento das formas inteligíveis; ao segundo liga-se o conhecimento sensível, que, por sua natureza, não pode ser dissociado do corpo humano, na medida em que depende das sensações. Será necessário, então, zelar por uma outra harmonia, já agora não entre a alma e o corpo, mas entre as espécies imortal e mortal da alma. Quando esta harmonia se estabelece (determinando, por consequência, a outra, entre alma e corpo), detendo a parte racional (espécie imortal) o comando das partes irascível e apetitiva (que constituem a espécie mortal), então o homem é dirigido pelo círculo do Mesmo e deseja o Bem, porque a razão não pode desejar outra coisa senão o Bem, que concordará, assim, com a verdade, pois o conhecimento racional (ou intelectual) é o conhecimento verdadeiro. Mas se a harmonia não se instaura, então os círculos do Mesmo e do Outro se confundirão, e a alma, não mais dirigida pela razão mas pela desrazão, produto da loucura ou da ignorância, e imersa no erro, estará voltada para o mal. O mal e o erro, assim, são indissociáveis.

V

Toda a explanação cosmológica do **Timeu** desenvolve-se sob certos pressupostos fundamentais, de natureza metafísica,

e toda a estrutura da realidade, tal como se depreende da construção e da constituição da Alma do Mundo, do Corpo do Mundo e do Homem, é de natureza matemática.

O pressuposto metafísico mais fundamental sobre o qual se ergue toda a cosmologia platônica é o da existência de dois mundos, do qual o segundo não é senão imitação do primeiro; o mundo das formas inteligíveis e o mundo das coisas sensíveis. Com razão, portanto, assinala Brisson que "a divisão do real em formas inteligíveis e coisas sensíveis é absolutamente fundamental para compreender o **Timeu**" (cf. 27d-28a) (18). Sem tal divisão, que o diálogo cosmológico exemplarmente ilustra e da qual explica, no plano do provável e do verossímil, a origem, não poderia a cosmologia que nela se funda ser considerada como pertencente ao domínio do platonismo. Um outro pressuposto de relevância é o da vigência do Mesmo e do Outro, que estão na própria base da estrutura ontológica do **Timeu**. Com efeito, o Mesmo e o Outro, atuando sucessivamente em relação às formas inteligíveis, ao macrocosmo e ao microcosmo, constituem os elementos metafísicos que concedem a esses três planos a possibilidade de se apresentarem tal como são. Finalmente, é de toda procedência consideramos como pressuposto metafísico a **bondade** do Demiurgo, na medida em que constitui a razão primordial da existência do universo (cf. 29d-e).

A tais pressupostos devemos acrescentar, para a plena configuração do arcabouço teórico do **Timeu**, a utilização das matemáticas, seja do ponto de vista do emprego de seus conceitos formadores essenciais (proporção, harmonia), seja na perspectiva de suas aplicações mais concretas (progressões, etc.). A esse respeito, constitui caso particular o aproveitamento platônico da geometria, através da qual alcançou Platão uma explicação ao mesmo tempo simples e rigorosa do mundo.

É conhecido o apreço de Platão à geometria, bastando, para exemplificá-lo, o que dela diz na **República** (VII, 526c-527c). Outras circunstâncias reforçam tal consideração. Assinala G. Milhaud, por exemplo (19), que quando Platão quer provar a teoria da reminiscência é à geometria que vai buscar testemunho, como ocorre no **Fedão** e no **Menão**. Segundo fortes indícios, havia na Academia um setor de investigações matemáticas, especialmente geométricas. E para completar o círculo das relações de Platão com a geometria, acrescente-se que vários de seus amigos foram geômetras famosos, entre eles Teodoro de

Cirene, Teeteto (que aparece, com o anterior, no diálogo homônimo), Eudóxio de Cnido e Arquitas. Todavia, tais fatos estão longe de poder elucidar o papel essencial da geometria no **Timeu**. Nesse diálogo, com efeito, a geometria não mais aparece apenas como uma das vias (preparatórias) da dialética ascendente, capaz de conduzir a alma à contemplação das Idéias (como os diálogos anteriores mostram), mas como a própria estrutura do Universo. Duas causas explicam tal utilização da geometria no **Timeu**: a adequação da geometria ao princípio fundamental da cosmologia platônica e as relações entre cosmologia filosófica e geometria.

O princípio fundamental da cosmologia platônica é o da economia, através do qual a ordem e a regularidade do Universo se estabelecem pelos elementos mais simples e constantes. Ao espírito de Platão o mundo tal como as teorias de Demócrito o descreviam, encerrando uma variedade infinita e desordenada de formas, não podia ser aceito, porque era preciso que o universo fosse o resultado da ação da inteligência. O **teorema de Teeteto**, que limitou o número de poliedros regulares possíveis aos cinco sólidos conhecidos mais tarde pelo qualificativo de "platônicos", serviu maravilhosamente a Platão, pois através de tal meio tornou-se possível "representar os quatro estados da matéria por figuras estereométricas, sem que a escolha destas figuras parecesse arbitrária" (20). Além disso, a similitude dos poliedros (em relação a si mesmos) não apenas possibilitava a caracterização de um mesmo estado, como assegurava o mesmo caráter geométrico na totalidade da estrutura do universo.

Mas, a nosso ver, mesmo sem o **teorema de Teeteto** teria Platão definido uma configuração geométrica da natureza. "Transposição platônica das cosmogonias antigas" (21), a cosmologia do **Timeu** inscreve-se na corrente de pensamento que começa no século VI unindo cosmologia, geometria e filosofia, e da qual mantiveram-se afastados os sofistas e Sócrates. Na tentativa de explicar racionalmente o mundo, os pré-socráticos ligaram, no mesmo esforço e a partir da mesma intenção, a geometria e a reflexão filosófica, de tal maneira que o estudo racional da natureza não pôde ser concebido senão através de estruturas geométricas. "A instauração da geometria", observa Derrida sintetizando o pensamento de Husserl em "A origem da geometria", "não pode ser senão um ato **filosófico**" (22). Mas a geometria pura, mostra-nos a história, nasce ao mesmo tempo que a filosofia, e é, como esta, obra dos gregos. Nascem, portanto, juntas — mas no

esforço de realizar a intenção de uma explicação racional do mundo. Tributária das cosmologias pré-socráticas, a platônica viu-se envolvida pela necessidade história de um comprometimento original entre a especulação racional sobre a natureza e a geometria, que ela não pôde ultrapassar e que também teve, portanto, de efetivar. Mas o fez de maneira tão completa e tão perfeita, que podemos considerar o **Timeu** como a culminância da corrente de pensamento a que nos referimos (23).

VI

O confronto com os pensadores pré-socráticos, indispensável para o estudo histórico-filosófico do **Timeu**, mostra-nos o que a cosmologia platônica deve a esses pensadores e, ao mesmo tempo, o que deles a diferencia. A relação com os pitagóricos, por exemplo, impõe-se de plano, não só do ponto de vista matemático mas também quanto à teoria da esfericidade do universo, por eles também defendida e, de certo modo, comum ao pensamento pré-socrático. Empédocles também a afirma, mas deste Platão utiliza principalmente a teoria dos quatro elementos (que também era mais ou menos comum, sob aspectos diversos, aos pré-socráticos), sem considerá-los porém como as raízes da realidade sensível, mas admitindo uma força de coesão (**philia**) entre eles, à semelhança de Empédocles. A noção do Demiurgo como inteligência ordenadora do Universo é tributária de Anaxágoras, como já referido (parte IV). É interessante constatar que às vezes a influência pré-socrática alcança detalhes, como a transpiração do corpo, que Platão explica utilizando novamente Empédocles, para quem os poros espalhados por toda a pele é que permitiam a transpiração. A descrição do corpo do mundo, por sua vez, acompanha a de Xenófanes, como observa **Cornford** (24). Quanto aos atomistas, porém, em especial quanto a Demócrito, o que verificamos é a oposição declarada (cf. 46c-d), pela razão mesma de que Platão concede primazia à finalidade sobre o mecanismo.

Tão importante quanto o confronto "vertical" da cosmologia platônica com o pensamento pré-socrático é o confronto "horizontal" do **Timeu** com os outros diálogos, pois a cosmologia de Platão, com efeito, não se limita ao **Timeu**, embora nele encontremos seu corpo principal. Nesse particular, o **Filebo** e o **Político** são especialmente importantes. O primeiro, pelo fato de que os quatro gêneros ali indicados (cf. **Filebo**,23c-d) correspon-

dem aos elementos fundamentais da explicação cosmológica do Timeu: a causa produtora, ao Demiurgo; o limitado, às formas inteligíveis; o ilimitado, ao receptáculo; o misto, ao universo. O segundo, pelo seu famoso mito (cf. **Político**, 268d e ss.), no qual, como observa **Brisson** (25), descreve-se a passagem do universo do estado de ordem para o de desordem, enquanto que no **Timeu** trata-se do movimento, posterior ao primeiro, da passagem da desordem para a ordem. Do ponto de vista dos pressupostos metafísicos, impõe-se a consideração do **Sofista**, na medida em que esse diálogo elucida, mais que qualquer outro, as noções do Mesmo e do Outro (cf. **Sofista**, 254b e ss.). Outros aspectos poderiam levar-nos à **República** (por exemplo, a astronomia no mito de Er), às **Leis** (noção de alma e astronomia) e a outros diálogos mais. O nexo mais forte, porém, a reunir o **Timeu** com outros diálogos, é o da dialética descendente, pelo qual se estabelece o vínculo entre ele, a **República**, o **Filebo** e as **Leis**.

VII

Talvez nenhum outro diálogo de Platão tenha sido alvo de tantos comentários quanto o **Timeu**, o que se explica tanto pelo seu objeto quanto pelas dificuldades, de naturezas diversas, que encerra. O primeiro motivo determinou a sua influência na Idade Média, depois de ter sido comentado por todo o resto da Antiguidade. Dos comentários antigos, são famosos os de Calcídio e Proclo: foi principalmente através deles que a I. Média conheceu o **Timeu** (26). Em João Escoto (sec. IX) são bem claras as influências do diálogo. A ecola de Chartres, em seguida (séc. XII), desenvolverá o platonismo e novamente o **Timeu** será muito utilizado. Dele examinará Abelardo muitos aspectos, o mesmo fazendo São Boaventura. Essa influência perdurará até o Renascimento, para o qual o **Timeu** continuará sendo, se não o mais representativo, pelo menos um dos diálogos mais representativos do pensamento de Platão. Em "A escola de Atenas", por exemplo, o famoso quadro de Rafael, o diálogo que Platão porta é exatamente o **Timeu**.

A vigência desse escrito, enquanto explicação da natureza e particularmente no que concerne à organização astronômica do universo, foi encerrada com a Nova Astronomia e com o movimento de fundação da ciência moderna. Mas precisamente a ciên-

cia moderna — e isso a partir de Galileu — inaugurou, não diríamos uma nova vigência, mas um novo caminho para realce da atualidade do **Timeu**: o da própria concepção da estrutura da natureza. A esse respeito, são importantes a declaração de Whitehead (27) e o testemunho de um dos maiores físicos do nosso século, W. Heisenberg (28), que declarou num congresso científico em 1973: "temos de abandonar a filosofia de Demócrito e o conceito de partículas elementares fundamentais. Devemos aceitar, em seu lugar, o conceito de **simetrias fundamentais**, que é um conceito retirado da filosofia de Platão" (29).

Belém, 1977

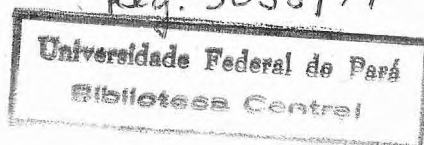
HILDEBERTO BITAR

NOTAS

1 – A. E. Taylor, **Plato – The man and his work**, ed. Methuen and Co. Ltd., 1960, p. 440
2 – R. Schaerer, **La question platonicienne**, ed. J. Vrin, Paris, 1969, págs. 147/8
3 – Th. Gomperz, **Pensadores Griegos**, ed. Guarania, Asunción, Tomo II, p. 610
4 – M. F. Sciacca, **Platón**, ed. Troquel, B. Aires, 1959, p. 80
5 – F. M. Cornford, **Plato's Cosmology**, ed. Routledge and Kegan Paul Ltd., 1956, p. 6
6 – N. Abbagnano, **História da Filosofia**, ed. Presença, Lisboa, 1969, vol. I, p. 208
7 – V. Brochard, **Los mitos en la filosofía de Platón**, em **Estudios sobre Sócrates y Platón**, ed. Losada, B. Aires, 1945, p. 34
8 – A. E. Taylor, ob. cit., p. 441
9 – M. F. Sciacca, ob. cit., p. 140
10 – A. Diès, **Autour de Platon**, ed. G. Beauchesne, Paris, 1927, p. 551
11 – L. Brisson, **Le même et l'autre dans la structure ontologique du "Timée" de Platon**, ed. Klinksieck, Paris, 1974, p. 115
12 – Cf. V. Brochard, **El devenir en la filosofía de Platón**, ob. cit., p. 86
13 – Idem, págs. 93 e ss.
14 – Cf. F. M. Cornford, ob. cit., p. 61; L. Brisson, ob. cit., p. 275
15 – Cf. L. Brisson, ob. cit., págs. 315 e ss. Para um estudo mais amplo do papel da música no pensamento de Platão, ver E. Moutsopoulos, **La musique dans l'oeuvre de Platon**, ed. P.U.F. Paris, 1959.
16 – Cf. F.M. Cornford, ob. cit., págs. 74 ss.; Brisson, ob. cit., págs. 36/41
17 – Cf. L. Brisson, ob. cit., p. 392
18 – Idem, p. 439
19 – G. Milhaud, **Les philosophes géomètres de la Grèce**, ed. J. Vrin, Paris, 1934, p. 252
20 – Ch. Mugler, **Platon et la recherche mathématique de son époque**, ed. Heitz, Zurique, 1948, p. 417
21 – A. Diès, ob. cit., p. 545
22 – E. Husserl, **L'origine de la géométrie**, ed. P.U.F, Paris, 1962, Introdução de J. Derrida, p. 137
23 – Ver F. M. Cornford, **Principium Sapientiae – As origens do pensamento filosófico grego**, ed. Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1975; J.-P. Vernant, **Geometria e astronomia esférica na primeira cosmologia grega** e **Do mito à razão**, em **Mito e Pensamento entre os gregos**, ed. Difel/Univ. S. Paulo, 1973
24 – Cf. F. M. Cornford, **Plato's Cosmology**, p. 55
25 – Cf. L. Brisson, ob. cit., p. 488
26 – Ver F. Ueberweg, **Grundriss der Geschichte der Philosophie der patristrischen und scholastischen Zeit**, Berlim, 1905, p. 172; E. Gilson, **La filosofía en la Edad Media**, ed. Gredos, p. 111; E. Bréhier, **La philosophie du Moyen Age**, ed. Albin Michel, 1971, **passim**.
27 – Cf. A. N. Whitehead, **El concepto de naturaleza**, ed. Gredos, Madrid, 1968, p. 28
28 – Cf. W. Heisenberg, **A imagem da natureza na física moderna**, ed. Livros do Brasil, p. 42/3
29 – Citado por J. Maciel em **Atualidade da cosmologia platônica**, Rev. Brasileira de Filosofia, vol. XXVI, fasc. 104, págs. 436 e ss.

T I M E U

Personagens:

Sócrates — Crítias — Timeu — Hermócrates

St. III

17 a I — Um, dois, três. . . E o quarto hóspede de ontem, meu caro Timeu, que hoje deveria agasalhar-me?

Timeu — Adoeceu repentinamente, Sócrates; por ele, não faltaria à reunião.

[**Sócrates** — E não é a ti, juntamente com estes, que compete suprir sua ausência?

b **Timeu** — Sem dúvida; faremos o possível para que nada falte. Não seria justo que, depois de termos sido hospedados, ontem, tão generosamente, não retribuíssemos agora a gentileza.]

Sócrates — Então, ainda não vos esquecestes de que os temas marcados para a discussão de hoje são muito interessantes.

Timeu — Em parte nos lembramos; e o que houvermos esquecido, estás aqui para reavivar-nos a memória. Mas, se me aceitasses a idéia, seria preferível que os recapitulasses em poucas palavras, para melhor os fixarmos.

Sócrates — Sim, farei isso mesmo. Em resumo, o tema

c principal de minha exposição de ontem dizia respeito à constituição que nos parecia melhor, e aos homens mais indicados para aplicá-la.

Timeu — Tua exposição, Sócrates, agradou-nos bastante.

Sócrates — E não começamos por separar, em nossa cidade, da classe dos guerreiros encarregados de defendê-la, a dos agricultores e de quantos exerçam outras profissões?

Timeu — Exato.

Sócrates — Ao determinarmos uma única ocupação para cada pessoa, mais de acordo com suas aptidões na-

d turais, uma arte, apenas, esclarecemos que os indiví-

duos encarregados de combater em benefício de todos, deveriam ser exclusivamente guardas da cidade. Quando alguém de fora, ou mesmo um dos nativos quiser prejudicá-la, aplicarão com brandura a justiça nos que estiverem sujeitos à sua jurisdição, como a amigos naturais,
18 a mas com todo o rigor nos inimigos aprisionados nos combates.

Timeu — Perfeitamente.

b **Sócrates** — Esclarecemos, também, que os guardas assim educados nunca deveriam considerar como propriedade particular nem ouro nem prata nem qualquer outro bem, mas que receberiam, a título de auxílio da sua função de guardas, da parte dos cidadãos que lhes compete defender, um salário modesto, como convém a pessoas temperantes, para ser gasto em comum, pois que juntos viveriam na prática constante da virtude e inteiramente dispensados de qualquer outra atividade.

Timeu — Isso, também, ficou esclarecido.

c **Sócrates** — Observamos, ainda, acerca das mulheres, que deveriam ser formadas naturalmente da mesma liga harmônica das qualidades masculinas, e que suas ocupações precisavam ser iguais às dos homens, tanto em tempo de guerra como em qualquer outra situação.

Timeu — Essa parte, também, ficou devidamente comentada.

Sócrates — E quanto à procriação dos filhos? Dada a novidade do assunto, ficou-nos bem gravada na memória a determinação de serem todos os casamentos e todos os filhos em comum para todos, devendo ser tomadas as devidas precauções para que nunca ninguém viesse a co-
d nhecer seus próprios filhos e a todos considerasse parentes, irmãos ou irmãs, quando caíssem dentro de certos limites de sua idade, como pais ou avós aos da primeira ou da segunda geração ascendente, ou filhos e netos os das gerações subseqüentes.

Timeu — Tudo isso foi fácil de guardar, pelas razões expostas.

Sócrates — E para obtermos, desde o início, crianças de natural tão excelente quanto possível, não nos recordaremos de haver dito que os magistrados de ambos os sexos deveriam excogitar algum dispositivo para deter-
e minar as uniões nupciais, de forma que tanto os indivíduos maus como os bons só venham a juntar-se com mulheres que lhes sejam semelhantes, sem que ninguém lhes

queira mal por esse fato, pois todos atribuirão essas uniões exclusivamente ao acaso?

Timeu — Sim, recordamo-nos desse ponto.

19 a **Sócrates** — É certeza, também, havermos dito que os fillhos dos bons deveriam ser cuidadosamente educados, enquanto os dos maus seriam distribuídos com jeito pelo resto da comunidade, mas ficando todos em observação durante a fase de crescimento, a fim de serem reconduzidos os bons para a classe superior, enquanto os indignos de permanecer entre os bons voltariam para seus lugares.

Timeu — Certo.

Sócrates — E com isso, meu caro Timeu, recapitulamos os principais temas de nossas conversas de ontem. Ou será que omitimos alguma coisa?

b **Timeu** — Não, Sócrates; foi tudo exatamente como disseste.

II — **Sócrates** — Então, ouvi o que eu sinto a respeito da sociedade por nós descrita. Meu sentimento se assemelha ao de quem contemplou alhures belos animais, ou se trate de pintura ou mesmo de seres vivos, mas em posição de repouso, e fosse tomado do desejo de vê-los executar os movimentos de um simulacro de luta mais condizente com sua constituição somática. É justamente o que eu sinto com relação à cidade que acabamos
c de descrever. De muito bom grado ouviria a relação de como se comportariam nessas lutas que as cidades mantêm umas com as outras e nas quais ingressam com dignidade, procedendo os cidadãos, desde o início da pugna e em todos os recontros, em harmonia com a educação e a instrução recebidas, tanto no próprio cenário da competição como durante as negociações com outras cidades. Mas nesse domínio, meus caros Crítias e Hermócrates, o coitado de mim confesso que não me sinto com forças para elogiar condigna-
d mente tais homens nem tal cidade. No meu caso, não há o que estranhar; mas, a mesma coisa acabei por pensar dos poetas, assim do passado como do presente. Não é que eu pretenda rebaixar a classe dos poetas; mas salta aos olhos de todo o mundo que a turba de imitadores reproduzirá com perfeição e facilidade o meio ambiente em que eles foram educados, enquanto o estranho à sua maneira de viver, é difícil de imitar por meio do
e gesto, e mais difícil, ainda, com o recurso da palavra.

Quanto ao gênero dos sofistas, considero-os habilíssimos para fazer belos discursos e muitas coisas mais; mas, com esse costume de andarem de cidade em cidade e não terem domicílio certo, receio muito que não sejam capazes de atinar com o que fazem ou dizem em tempo de guerra e nos combates esses varões que reúnem numa só pessoa o político e o filósofo, tanto no local da luta como nas conversações com os inimigos. Restam os homens de vossa condição, que por educação e temperamento participam do filósofo e do político. O nosso

20 a Timeu, por exemplo, natural da Lócrida, na Itália, cidade de legislação modelar, que em riqueza e nascimento não cede a nenhum de seus concidadãos, não alcançou, segundo creio, os mais altos picos do conhecimento filosófico. Quanto a Crítias, todos nós sabemos que não é nenhum noviço nos temas agora discutidos. No que respeita a Hermócrates, numerosas testemunhas nos forçam a acreditar que, por temperamento e educa-

b ção, está à altura das questões de que tratamos. Assim convencido, foi que acedi ontem a vosso pedido, e com a maior boa vontade, para expor-vos minha maneira de pensar a respeito da sociedade, certo de que, se a tal vos dispuserdes, ninguém como vós acompanhará minha exposição. Depois de conduzirdes a cidade a uma guerra honrosa, atualmente sois os únicos em condições de dar-lhe o que lhe for mais conveniente. Havendo-me, assim, desempenhado da incumbência que me impusestes, conjuro-vos, também, a aceitar a que vos passo a expor. Decidistes entre vós mesmos que me retribuiríeis hoje a

c hospitalidade, sob a forma de um discurso; por isso, fiz-me belo para a cerimônia, conforme aqui me vedes, e com a melhor disposição.

Hermócrates — Realmente, Sócrates, como disse o nosso Timeu, não nos esquivaremos, em absoluto, nem alegaremos pretexto algum para não fazer o que nos pedes. Ontem mesmo, ao chegarmos ao aposento da casa de Crítias em que nos alojamos, e até durante o percurso para lá, conversamos a esse respeito. Nessa ocasião,

d Crítias contou-nos uma história de antiga tradição. Repete-a agora, Crítias, para o nosso amigo, a fim de que ele verifique conosco se essa história diz bem com a incumbência que ele nos impôs.

Crítias — É o que precisaremos fazer se Timeu, nosso terceiro companheiro, estiver de acordo.

Timeu — Estou, nem há dúvida.

Crítias — Então, Sócrates, escuta a história bastante estranha, mas rigorosamente verdadeira, tal como de uma feita a relatou Solão, o mais eminente dos
e sete sábios. Ele era parente e amigo íntimo de meu bisavô Drópides, conforme ele próprio o refere em muitas passagens de seus poemas. Este contou a meu avô Crítias o que o velho, por sua vez, relembrava sempre em suas conversas conosco, que os grandes e admiráveis feitos de nossa cidade, no passado, foram lançados no esquecimento pela própria ação do tempo e o desaparecimento dos homens, principalmente o maior de todos, que ora convém ser relembrado, não apenas
21 a para te retribuirmos, como é justo, a gentileza, como para prestar grata homenagem à deusa no presente festival, à guisa de um verdadeiro hino em seu louvor.

Socrates — Dizes bem. E qual é esse feito heróico a que ele se referiu, Crítias, com base no relato de Solão, e que não consta da tradição, mas foi realmente realizado por nossa cidade?

III — **Crítias** — Vou contar-vos uma velha história que eu ouvi da boca de um homem não muito novo. Pois naquele tempo Crítias, segundo ele mesmo confessava,
b devia beirar pelos noventa, enquanto eu poderia ter dez anos. Celebrávamos, então, a apatúria, precisamente no dia da criança. Os festejos decorriam normalmente, como de regra para os de nossa idade, e nossos pais nos ofereciam prêmios de recitativo. Foram declamados poemas de vários autores, e como os de Solão, naquele tempo, constituíam novidade, muitas crianças os declamaram. Nessa ocasião, um membro de nossa fratria, ou porque pensasse realmente desse modo, ou apenas para ser agradável a Crí-
c tias, declarou que, na sua maneira de pensar, Solão não apenas fora o mais sábio dos homens, como, entre os poetas, o de mais alta imaginação. Com isso — lembro-me perfeitamente — o velho se mostrou radiante, e, a sorrir, lhe respondeu: Em verdade, Amínandro, se ele não houvesse composto poesias por mero passatempo, mas a cultivasse como fazem tantos, e tivesse concluído a história que trouxera do Egito, sem ser forçado a abandoná-la por causa das sedições e outras calamidades que aqui veio encontrar quando de seu regresso, a meu parecer nenhum
d poeta, nem Hesíodo nem Homero, houvera alcançado maior fama do que a dele.

E qual foi a história, Crítias? perguntou Amínandro.

O mais preclaro feito, respondeu, e mais digno de ser celebrado, que nunca nossa cidade realizou, mas que, pela ação do tempo e do desaparecimento de seus autores, não chegou até nós.

Então, nos relata do começo, pediu o outro, como e de quem Solão ouviu contar o que depois ele reproduziu e como fato verdadeiro.

Há no Egito, começou Crítias, no delta em cujo vértice a corrente do Nilo se divide, um nomo denominado saítico, cuja principal cidade é Saís, de onde provém o Rei Amásis. A padroeira da cidade em egípcio é denominada Neite, e em grego, conforme eles mesmos o referem, Atena. Seus moradores se dizem muito amigos dos helenos e, de algum modo, com eles aparentados. Solão contava que quando lá esteve fora recebido com grandes honras, e que, de uma feita, havendo conversado sobre o passado com os sacerdotes entendidos nessa matéria, verifi- 22 a cou que nem ele nem nenhum outro heleno conhecia nada de nada, por assim dizer, a esse respeito. Certa vez, desejoso de provocá-los a falar de coisas antigas, começou a contar-lhes os mitos mais vetustos de nossa região, acerca de Foroneu, cognominado o primeiro homem, e Níobe, passando depois a falar do dilúvio e de como Deucalião e b Pirra se salvaram. Traçou a genealogia de seus descendentes, e pelo cômputo das gerações procurou determinar o tempo decorrido. Então, um sacerdote de idade muito avançada lhe falou: Solão, Solão, os helenos são eternas crianças ! Vós, helenos, nunca envelheceis. Ouvindo-o assim manifestar-se, Que querez dizer com isso? perguntou. Tendes a alma sempre jovem, respondeu; pois nela não abrigais opiniões baseadas em velhas tradições, nem conhecimentos encanecidos pelo tempo. E a razão é a se- c guinte: sempre houve no passado, e há de haver no futuro numerosas e variadas destruições de homens; as mais extensas, por meio da água ou pelo fogo, e as menores, por mil causas diferentes. O mito conservado entre vós outros, de Faetonte, filho do Sol, que, havendo atrelado o carro do pai e não conseguindo mantê-lo na rota paterna, queimou tudo o que havia sobre a face da terra e veio a morrer fulminado por um raio, também parece fábula; mas a verdade nele inclusa se refere à declinação dos cor- d pos que circulam no céu em torno da terra e à conflagração ocorrida depois de muito tempo e que terminou com um grande incêndio e a destruição de tudo o que havia na

terra. Nessas ocasiões, perecem os moradores das montanhas e dos lugares elevados e secos, de preferência aos que habitam as margens dos rios ou do mar. Em tais conjunturas, o Nilo — nosso salvador em todas as aflições — sempre nos socorre, pelo fato de transbordar. Por outro lado, quando os deuses inundaram a terra, para purificá-la, salvaram-se os moradores das montanhas, vaqueiros e ove-
e lheiros, enquanto os habitantes de vossas cidades eram arrastados para o mar pelas águas dos rios. Em nossa terra, pelo contrário, nem nesse caso nem noutros a água jamais cai do alto para o campo; o contrário disso é o que se observa: sua tendência natural é cobri-lo sempre de baixo para cima. Essa, a razão de se conservarem entre nós as mais antigas tradições. Porém a verdade é que nos lugares em que nem o frio excessivo nem o calor se opõem, os homens subsistem em número maior ou menor. Todos
23 a os nobres e belos feitos ou acontecimentos excepcionais ocorridos aqui e entre vós outros, ou em qualquer lugar de que tenhamos conhecimento tudo isso, desde as mais antigas eras foi consignado na escrita e conservado em nossos templos. Entre vós outros, pelo contrário, e os demais povos, mal recomeçais a vos prover da escrita e do resto de que as cidades necessitam, depois do intervalo habitual de anos, desabam sobre vós, do céu, torrentes d'água, à maneira de alguma pestilência, só permitindo
b sobreviver o povo rude e iletrado. A esse modo, como se fosseis criancinhas, recomeçais outra vez do ponto de partida, sem que ninguém saiba o que se passou na antiguidade, tanto aqui como entre vós mesmos. Por exemplo, as genealogias, Solão, de teus antepassados, que há pouquinho enumeraste, em quase nada diferem dos contos para crianças, visto como só guardais a recordação de um único dilúvio, quando é certo ter sido a terra, antes disso, inundada muitas vezes. Além de tudo, ignorais que a mais bela e nobre raça dos homens surgiu precisamente em
c vossa terra, sendo que tu mesmo e teus concidadãos provêm dela, como descendentes que sois da pequenina semente salvada naquela ocasião. E se ignorais tudo isso, é porque durante muitas gerações sucessivas a linguagem escrita ficou muda. Já houve tempo, Solão, muito antes da maior das destruições por água, em que a cidade que é hoje Atenas foi a mais valorosa na guerra e a que mais se distinguia em matéria de legislação. Ao que se diz, seus feitos heróicos e suas instituições políticas foram as mais belas de que já tivemos notícia em baixo do céu.

d Ao ouvi-lo falar dessa maneira, o próprio Solão contou que, cheio de admiração, instou com o sacerdote para que lhe expusesse por ordem e com minúcias tudo o que se referia a seus concidadãos. Ao que lhe respondeu o sacerdote: Não me furtarei ao que me pedes, Solão; em atenção a ti e a tua pátria, mas principalmente para honrar a divindade protetora tanto desta cidade como da vossa, que ela fundou mil anos antes desta, de uma semente

e da terra e de Hefesto; a nossa veio depois. De acordo com os nossos livros sagrados, já se passaram oito mil anos depois do estabelecimento da nossa. Assim, é das instituições e dos mais gloriosos feitos de teus concidadãos de nove mil anos atrás que te vou falar resumidamente. Nou-

24 a tra ocasião, com mais vagar, voltaremos a tratar do mesmo assunto, por ordem e com minúcias, e tudo com o texto na frente. Se comparares suas leis com as nossas, verificarás que muitas das que então vigoravam ainda se aplicam entre nós, a começar pela separação entre a classe dos sacerdotes e as demais. O mesmo passa com os obreiros em geral, porque cada um se dedica à sua profissão, sem se imiscuir na dos outros, ou sejam pastores ou caçadores ou agricultores. A classe dos guerreiros, como

b de certo observaste, entre nós está inteiramente separada das outras, pois eles são proibidos por lei de ocupar-se seja com o que for, tirante a guerra. Além disso, observa que suas armas de guerra constam de escudo e lança, que em toda a Ásia fomos os primeiros a empregar, seguindo nesse ponto as instruções da divindade que antes disso vos ensinara naquela parte do mundo. Quanto aos conhecimentos, sem dúvida não escapou à tua perspicácia o cuidado com que a lei, desde o início, se aplica entre nós ao

c estudo da ordem do mundo, fazendo derivar das coisas divinas o descobrimento das artes úteis aos homens, incluindo nelas a mântica ou arte da adivinhação, e a medicina com vistas à nossa saúde e à aquisição dos conhecimentos correlatos.

Foi essa a constituição e a ordem que a deusa primeiro instituiu entre vós outros, quando da fundação de vossa cidade, escolhendo com o maior cuidado o local em que nascestes, por haver previsto que o clima bem temperado da região produziria homens excepcionalmente inte-

d ligentes. Por ser, a um tempo, amiga da guerra e da sabedoria, escolheu a divindade a região indicada para gerar

homens que mais se parecessem com ela, sendo essa a parte que ela povoou em primeiro lugar. Ali viveis sob o regime das instituições a que me referi, e ainda melhores, distinguindo-vos dos demais homens em todo gênero de virtude, como já era de esperar de descendentes e pupilos dos deuses. Conservamos em nossos anais o relato de muitos e grandiosos feitos de vossa cidade, que se impõem à admiração, sendo que um, em especial, a todos sobrepuja
e em importância e heroísmo. De fato, relatam nossas crônicas como, de uma feita, vossa cidade destruiu uma grande potência que invadira insolentemente a Europa e a Ásia, provenientes das bandas do Oceano Atlântico. Nesse tempo, o Oceano era navegável, pois havia uma ilha defronte do estreito chamado — segundo me informastes — Colunas de Hércules, maior, toda ela, do que a Líbia e a Ásia reunidas. Dessa ilha os navegantes podiam passar
25 a para outras, e destas para o continente que se defronta com elas todas e é banhado por aquele verdadeiro mar. As partes situadas para dentro do estreito a que me referi, como que constituem um porto de entrada exígua, ao passo que as do lado de lá formam um verdadeiro mar, merecendo com justiça a denominação de continente a terra circundante. Ora, nessa Ilha Atlântida formou-se um grande e portentoso império sob a direção de reis que não apenas dominavam toda a ilha, como inúmeras ilhas da redondeza e parte do continente. Além disso, para dentro
b do estreito, do lado de cá, eram donos de toda a Líbia, até ao Egito, e da Europa até à Tirrênia. Todo esse poderio, concentrado num só corpo, pretendeu de uma feita escravizar vossa terra e a nossa e tudo o que fica para cá do estreito. Nessa hora, Solão, tornou-se patente para os homens o valor e a força de vossa cidade. Como era superior a todas, em coragem e disciplina militar, coube-lhe
c o comando dos helenos em universal; mas, apesar de reduzida a seus próprios recursos ante a defecção dos aliados, e arrostando os maiores perigos, venceu os invasores, levantou o troféu da vitória, livrou da escravidão os povos que ainda não haviam sido submetidos ao jugo e concedeu generosamente a liberdade a todos os que, como nós, demoram para dentro das Colunas de Hércules. Posteriormente, houve uma fase de violentos tremores de terra e de inundações, e no espaço de uma noite e um dia funestos, num abrir e fechar de olhos, todo o vosso poderio
d militar foi tragado pela terra, vindo também a Ilha Atlân-

tida a desaparecer nos abismos do mar. Esse, o motivo de, até hoje, não ser navegável nem explorável o mar daquelas bandas, em virtude da lama que se formou logo abaixo da água, com o afundamento da Ilha.

IV — Eis aí, Sócrates, em resumo, o que o velho e Crítias me contou, de acordo com o que ele próprio soubera de Solão. Ontem, ao te ouvir discorrer daquele modo a respeito da cidade e de seus moradores, lembrei-me do que acabei de expor-te e fiquei altamente surpreso ao verificar que teu relato coincidia, por um acaso surpreendente, em muitos pontos, com o que Solão havia dito. Naquele momento, não quis falar; 26 a em virtude do tempo decorrido, não me lembrava de quase nada com que só conviria dizer alguma coisa depois de reavivar tudo na memória. Foi por isso que eu aceitei, então, prazerosamente a incumbência que nos impuseste, convencido de que o mais difícil, em semelhantes casos, é encontrar um tema adequado ao nosso plano, o que, antes de tudo, importava resolver. Por isso, ontem mesmo, depois de sair daqui, conforme este amigo te revelou, contei-lhes o pouquinho de que b ainda me lembrava; mas, ao recolher-me, passei a noite inteira a recompor tudo de memória. É muito certo dizer-se que o que a gente aprende em criança, nunca mais esquece. Quanto a mim, não sei se serei capaz de recordar-me de tudo o que ouvi ontem; porém muito me admiraria se me escapasse algo do que contaram há muito tempo. Tão grande era a curiosidade com que c eu ouvia o velho naqueles dias, e tal sua boa vontade em responder a todas as minhas perguntas, que sua narrativa se me gravou tão indelevelmente no espírito como se fosse uma pintura encáustica. Além do mais, logo de manhãzinha narrei tudo isso a estes amigos, para que eles acompanhassem melhor nossa conversa. E agora, Sócrates, para chegarmos ao ponto a que tende meu discurso, declaro-me disposto a relatar-te essa história, não em linhas gerais, simplesmente, mas com minúcias, tal como a ouvi em pequeno. Vamos transferir para a realidade dos fatos os cidadãos e a cidade que ontem nos descreveste como uma espécie de mito, admitindo que a cidade seja esta mesd ma, e seus moradores, como os imaginaste, nossos verdadeiros antepassados a que o sacerdote se referiu. Harmonizam-se perfeitamente, não havendo a menor

inconsistência de nossa parte em considerar os homens de hoje como os que verdadeiramente existiram naquele tempo. Distribuindo, agora, de comum acordo, o trabalho entre os presentes, esforcemo-nos para cumprir o melhor possível a tarefa que nos impuseste. Só te resta considerar, Sócrates, se essa história corres-
e ponde ao nosso intento, ou se convirá procurar outra para substituí-la.

Sócrates — E onde encontraríamos, Crítias, outra melhor do que essa, tão indicada para o festival de hoje, por sua própria relação com a divindade, máxime por não se tratar de uma ficção poética, mas de uma história verdadeira e de transcendental importância? Se abrirmos mão desse assunto, como e onde encontraremos outro igual? Não é possível. Auguro-vos boa sorte no que disserdes. Quanto a mim, com o dis-
27 a curso de ontem adquiri o direito de descansar um pouco e passar para a classe dos ouvintes.

Crítias — Então observa, Sócrates, como preparamos a festa de tua recepção. Decidimos que Timeu fale em primeiro lugar, por ser de todos o mais entendido em astronomia e haver estudado particularmente a natureza do universo. Iniciando o seu discurso, exponha-nos logo o nascimento do mundo, para terminar com a natureza do homem. De seguida, receberei das mãos dele os homens que esse discurso puser no mundo, e das tuas, determinados indivíduos que tiveram o privilégio de ser educados por ti; e em
b harmonia com a história e os ensinamentos de Solão, na qualidade de juízes os chamaremos diante de nosso tribunal, para elevá-los oficialmente à condição de nossos concidadãos, como se eles fossem, de fato, os atenienses daquele tempo, de cujo desaparecimento nos informam os escritos sagrados, razão de designá-los, desde agora, como atenienses e nossos verdadeiros concidadãos.

Sócrates — Pelo que vejo, pensais em retribuir minha exposição com um esplêndido banquete de discursos. E agora, Timeu, ao que parece, é a ti que compete tomar a palavra, depois, naturalmente, de invocar as divindades, como de hábito.

c V — **Timeu** — Sem dúvida, Sócrates. É o que todos fazem, até mesmo as pessoas dotadas de pouco senso: antes de iniciarem qualquer empreendimento, grande ou pequeno, não deixam de invocar a divin-

dade. No presente caso, quando nos dispomos a discorrer acerca do universo — como nasceu ou se nunca teve princípio — a menos que nos transviássemos de todo, por força teremos de invocar a ajuda dos deuses e das deusas, para que, antes de mais nada, nosso discurso seja de seu agrado e, conseqüentemente, do
d nosso. Como invocação, no que respeita aos deuses, é quanto basta; mas urge apelar para nossa própria capacidade, a fim de que acompanheis facilmente minha exposição e eu consiga explanar com clareza o tema que nos propusemos desenvolver.

A meu parecer, será preciso, de início, distinguir o seguinte. Em que consiste o que sempre existiu e nunca teve princípio? e em que consiste o que devém e nunca é? O primeiro é apreendido pelo enten-
28 a dimento com a ajuda da razão, por ser sempre igual a si mesmo, enquanto o outro o é pela opinião, secundada pela sensação carecente de razão, porque a todo instante nasce e perece, sem nunca ser verdadeiramente. E agora: tudo o que nasce ou devém procede necessariamente de uma causa, porque nada pode originar-se sem causa. Quando o artista trabalha em sua obra, a vista dirigida para o que sempre se conserva igual a si mesmo, e lhe transmite a forma e a virtude desse modelo, é natural que seja belo tudo o que ele
b realiza. Porém se ele se fixa no que devém e toma como modelo algo sujeito ao nascimento, nada belo poderá criar. Quanto ao céu em universal — ou mundo, ou, se preferirem outro nome mais apropriado, confiramos-lhe esse mesmo — no que lhe diz respeito, antes de mais nada devemos considerar o que importa levar em conta no início de qualquer estudo: se sempre existiu e nunca teve princípio de nascimento, ou nasceu nalgum momento e teve começo? Nasceu, pois é visível, tocável e dotado de corpo, coisas sensíveis todas elas. Ora, conforme já vimos, tudo o que é sensível e pode ser apreendido pela opinião com a ajuda
c da sensação, está sujeito ao devir e ao nascimento. Afirmamos, ainda, que tudo o que devém só nasce por efeito de alguma causa. Mas quanto ao autor e pai deste universo é tarefa difícil encontrá-lo e, uma vez encontrado, impossível indicar o que seja. Outro ponto que precisamos deixar claro, é saber qual dos dois modelos tinha em vista o arquiteto quando o construiu:

29 a o imutável e sempre igual a si mesmo ou o que está sujeito ao nascimento? Ora, se este mundo é belo e for bom seu construtor, sem dúvida nenhuma este fixara a vista no modelo eterno; e se for o que nem se poderá mencionar, no modelo sujeito ao nascimento. Mas, para todos nós é mais do que claro que ele tinha em mira o paradigma eterno; entre as coisas nascidas não há o que seja mais belo do que o mundo, sendo seu autor a melhor das causas. Logo, se foi produzido dessa maneira, terá de ser apreendido pela razão e a inteligência e segundo o modelo sempre idêntico

b a si mesmo. Nessas condições, necessariamente o mundo terá de ser a imagem de alguma coisa. Em tudo, o mais importante é partir de um começo natural. Por isso, em se tratando de uma imagem e seu modelo, antes de mais nada precisamos distinguir o seguinte: as palavras são da mesma ordem das coisas que elas exprimem; quando expressam o que é estável e fixo e visível com a ajuda da inteligência, elas também serão fixas e inalteráveis, tanto quanto é possível e o permite sua natureza serem irrefutáveis e inabaláveis,

c nem mais nem menos. Mas, se apenas exprimem o que foi copiado do modelo, ou seja, uma simples imagem, terão de ser, tão somente, parecidas, para ficarem em proporção com o objeto; o que a essencial é para o devir, a verdade é para a crença. Por esse motivo, Sócrates, se sob vários aspectos, acerca de muitas questões — os deuses e a gênese do mundo — não nos for possível formular uma explicação exata em todas as minúcias e coerente consigo mesma, sem a mínima discrepância, não tens de que admirar-te. Dar-nos-emos por satisfeito se a nossa não for menos plausível do que as demais, sem nos esquecermos de, que tanto eu, o expositor, como vós outros, meus

d juízes, participamos da natureza humana, razão de sobra para aceitarmos, em semelhante assunto, o mito mais verossímil, sem pretendermos ultrapassar seus limites.

Sócrates — Ótimo, meu caro Timeu; faremos exatamente como sugeriste. Ouvimos teu prelúdio com a maior admiração; agora, prossegue no mesmo tom e põe o remate em tua canção.

VI — **Timeu** — Então, digamos por que razão o que

e formou o universo e tudo o que devém o formou. Ele era bom; ora, no que é bom jamais poderá entrar inveja seja do que for. Estreme, assim, de inveja, quis que, na medida do possível, todas as coisas fossem semelhan-

30 a tes a ele. Podemos admitir com a maior segurança a opinião dos homens sensatos de que esse é o princípio mais eficiente do devir e da ordem do mundo. Desejando a divindade que tudo fosse bom e, tanto quanto possível, estreme de defeitos, tomou o conjunto das coisas visíveis — nunca em repouso, mas movimentando-se discordante e desordenadamente — e fê-lo passar da desordem para a ordem, por estar convencido de que esta em tudo é superior àquela. Não era nem nunca foi possível que o melhor pudesse fazer uma b coisa que não fosse a mais bela de todas. Depois de madura reflexão, concluiu que das coisas visíveis por natureza jamais poderia sair um todo privado de inteligência mais belo do que um todo inteligente, e também: que em nenhum ser pode haver inteligência sem alma. Com base nesse raciocínio,pôs a inteligência na alma e a alma no corpo, e construiu o universo segundo tal critério, com o propósito de levar a cabo uma obra que fosse, por natureza, a mais bela e perfeita que se poderia c imaginar. Desse princípio de verossimilhança pode-se concluir que o mundo, esse animal dotado de alma e de razão, foi formado pela providência divina.

Assentado esse ponto, precisaremos determinar, ainda, à semelhança de que ser vivo seu coordenador o fez. Não atribuamos tão grande privilégio a nada do que for naturalmente composto de partes; jamais será belo o que se parece com um ser incompleto. O que abrange todos os animais individualmente considerados ou por gêneros: é com isso, podemos afirmar, que o mundo, acima de tudo, se parece, pois compreende e inclui em si mesmo os animais inteligíveis, da mesma forma que es- d te mundo nos contém a todos nós e a todas as criaturas formadas como coisas visíveis. Porque a divindade, desejando emprestar ao mundo a mais completa semelhança com o ser inteligível, mais belo e o mais perfeito em tudo, formou-o à maneira de um só animal visível que em si próprio encerre todos os seres vivos aparen- 31 a tados por natureza.

Mas, estaríamos certos, quando nos referimos a um céu, apenas, ou será mais de acordo com a verdade falar de muitos céus, e até mesmo de um número infinito? Só haverá um, se ele foi construído de acordo com seu modelo, pois o que abrange todos os seres inteligíveis, jamais poderá coexistir tendo um segundo ao

seu lado; de outra forma, fora preciso admitir mais outro ser vivo que abrangesse os dois e do qual eles seriam partes, não sendo lícito, então, dizer que nosso mundo fora feito à semelhança daqueles, mas com muito mais visos de verdade à deste outro que os abrange. Logo,
b para que o mundo, na sua unicidade, se assemelhasse ao ser vivo e perfeito, seu autor não fez nem dois nem um número infinito de mundos; este céu é um só e único; assim foi feito e assim sempre será.

VII — Ora, tudo o que foi feito terá de ser corporal, visível e tangível; porém sem fogo nada seria visível nem tangível sem alguma coisa sólido, e nem sólido, se carecer de terra. Por isso mesmo, quando a divindade principiou a formar o corpo do universo, recorreu primeiro ao fogo e à terra. Mas não é possível ligar bem duas coisas sem o auxílio de uma terceira, pois sempre terá de haver
c entre elas um laço de união. Porém, de todo os laços o melhor é o que por si mesmo e com os elementos conectados constitui uma unidade no sentido amplo da expressão, sendo que faz parte da natureza da proporção geométrica progressiva conseguir esse resultado por maneira perfeita. Sempre que de três números, sólidos ou quadrados, o primeiro está para o mediano como o me-
32 a diano para o último; ou o inverso: o último está para o mediano como o mediano para o primeiro, de tal forma que o mediano se torne, alternamente, primeiro ou último, e o primeiro e o último, por sua vez, fiquem medianos, segue-se, de necessidade, que todos os termos serão os mesmos, e sendo os mesmos em suas relações recíprocas, formarão, em conjunto, uma unidade. Ora, se o corpo do universo apresentasse apenas uma superfície plana, sem profundidade, bastaria um meio para ligar seus dois termos com ele mesmo; mas, como o mundo tinha
b de ser sólido, e como os sólidos são ligados sempre por duas mediedades, não por uma, a divindade pôs a água e o ar entre o fogo e a terra, deixando-os, tanto quanto possível, recíprocamente proporcionais, de tal maneira que o que o fogo é para o ar, o ar fosse para a água, e o que o ar é para a água, a água fosse para a terra, com o que ligou e compôs a estrutura do céu visível e tangível. A esse modo, e com tais elementos, em número de quatro, foi formado o corpo do mundo e harmonizado pela
c proporção, da qual recebeu a amizade, de tal maneira que adquiriu unidade consigo mesmo, tornando-se, assim,

incapaz de ser dissolvido, a não ser por seu próprio construtor.

A estrutura do mundo absorveu tudo o que havia desses quatro elementos; seu autor incluiu nele todo o fogo e toda a água e todo o ar e toda a terra, sem deixar de fora nenhuma porção da força de qualquer desses
d elementos, por haver determinado, primeiro, formar um animal de conjunto tão perfeito quanto possível e cons-
33 a tituído de partes perfeitas, e também que fosse uno, porque nada sobrara para dar nascimento a outro mundo; e, por último, isento de velhice e de doenças. Sabia perfeitamente que, quando algum corpo composto é atacado do exterior e a destempo, pelo calor ou pelo frio ou por tudo o que for dotado de grande força, esses fatores provocam sua dissolução ou sua morte, por doença ou velhice. Por essa razão e assim considerando, construiu com aqueles todos este todo único e perfeito e não sujeito à doença nem à velhice.

b Quanto à forma, concedeu-lhe a mais conveniente e natural. Ora, a forma mais conveniente ao animal que deveria conter em si mesmo todos os seres vivos, só poderia ser a que abrangesse todas as formas existentes. Por isso, ele torneou o mundo em forma de esfera, por estarem todas as suas extremidades a igual distância do centro, a mais perfeita das formas e mais semelhante a si mesma, por acreditar que o semelhante é mil vezes mais belo do que o dissemelhante. Ademais, por vários moti-
c vos, deixou lisa sua superfície exterior. De olhos não necessitava, pois do lado de fora nada ficou visível; nem de ouvidos, porque fora dele, também, nada havia para ser percebido. Do mesmo modo, ar respirável não o envolvia, não necessitando ele, igualmente, de nenhum órgão, ou fosse para receber alimentos, ou para expeli-los, depois de lhes haver absorvido o suco, pois nada entrava nele por nenhuma parte nem dele saía, visto nada haver além dele. Com tal arte fora concebido, que se alimentava com seu próprio desgaste, e tudo o que ele fazia ou sofria, nele, apenas, e por ele mesmo se processava, por
d achar seu autor que seria preferível para ele bastar-se a si mesmo a necessitar de alguma coisa. Quanto a mãos, também, visto não precisar o mundo nem de apreender algo nem de repelir fosse o que fosse, considerou desnecessário acrescentar-lhe esses apêndices, nem pés ou outro aparelho de locomoção. Conferiu-lhe o movimento

34 a mais indicado para sua forma esférica: dos sete, aquele que melhor condiz com a mente e a inteligência. Por essa razão, fê-lo girar uniformemente em torno de si mesmo, impondo-lhe o movimento circular e privando-o dos outros seis, para que não lhes sofresse as influências. E como não havia necessidade de apêndices para executar essa revolução, fê-lo desprovido de pernas e de pés.

VIII — Por essas razões, a divindade eterna, tendo em mente a divindade que viria algum dia a existir, dei- b xou-a lisa e uniforme, com todas as partes eqüidistantes do centro, completa e perfeita e composta só de corpos perfeitos. No centro colocou a alma, fazendo que se difundisse por todo o corpo e completasse seu envoltório, depois do que formou o céu circular com movimento também circular, céu único e solitário, porém capaz, em virtude de sua própria excelência, de fazer companhia a si mesmo, sem necessitar de ninguém nem de conhecimentos nem de amigos, mas bastando-se a si mesmo. Com todas essas qualidades, engendrou uma divindade feliz.

Porém essa alma, de que só viemos a falar um pouco c tardiamente, não a plasmou a divindade depois do corpo; ao juntá-los, jamais permitiria que o mais velho fosse dirigido pelo mais novo. Mas, isso é maneira de falar de quem, como nós, depende, em grau tão acentuado, do acidental e do acaso; sim, a divindade criou a alma antes do corpo, e, quanto à origem, mais velha e mais excelente do que ele, por estar ela destinada a dominar e comandar, 35 a e ele, a obedecer.

Fê-la deste modo e dos seguintes elementos. Da combinação entre a substância indivisível que é sempre a mesma, e a divisível que nasce nos corpos, compôs a terceira, uma espécie de substância intermediária. Por outro lado, no que diz respeito à natureza do Mesmo e do Outro, compôs também uma espécie intermediária entre a substância indivisível e a substância divisível nos corpos. De seguida, tomando os três, reuniu-os numa forma única, forçando, com isso, a difícil natureza do Outro a misturar-se com o Mesmo. Depois de aprestar uma unidade com esses três elementos, dividiu-a em tantas partes quantas era conveniente haver, cada uma constante de uma liga do Mesmo, do Outro e da Existência. Nessa divisão, adotou o seguinte critério: Inicialmente, separou uma parte do conjunto, depois mais outra, o dobro da primeira, e uma ter-

ceira, uma vez e meia maior do que a segunda e o triplo da primeira; depois a quarta, o dobro da segunda, e a
c quinta, o triplo da terceira, e mais a sexta, o óctuplo da primeira, e por último a sétima, vinte e sete vezes maior do que a primeira. De seguida, preencheu os intervalos duplos e triplos com outras porções que tirou da mistu-
36 a tura original e as dispôs nos intervalos, de forma que houvesse em cada intervalo duas mediedades, sendo que uma, a harmônica, ultrapassava um dos extremos e era ultrapassada por outro de igual fração dos extremos, e a outra, a aritmética, ultrapassando cada extremo de número igual do que era ultrapassado pelo outro. E como dos laços introduzidos nos primeiros intervalos resultassem novos intervalos, de três por dois, quatro por três e nove
b por oito, a divindade preencheu todos os intervalos de quatro por três com um intervalo de nove por oito, deixando em todos eles uma fração, de forma que o intervalo restante fosse expresso pela relação existente entre os números duzentos e cinqüenta e seis e duzentos e quarenta e três. Foi assim que ele empregou toda a mistura de onde retirara aquelas partes.

Dividiu toda essa composição em duas metades, no sentido do comprimento e as cruzou pelo meio, dando-lhes a forma de um X, vergou-as em círculo e uniu as
c extremidades de cada uma com ela mesma e com a da outra no ponto oposto de sua intercessão. Depois, envolveu-as no movimento que se processa uniformemente no mesmo lugar, deixando exterior um dos círculos, e o outro, interior. O movimento exterior ele denominou movimento da natureza do Mesmo, e o do círculo interior, movimento da natureza do Outro. Dirigiu o movimento do Mesmo na direção do lado direito, e o do Outro, em diagonal esquerda, dando preeminência à
d revolução do Mesmo e do Semelhante, pois foi a única que ele não dividiu. Mas a revolução interior ele cortou seis vezes em sete círculos desiguais, correspondendo separadamente aos intervalos do duplo e do triplo, à razão de três de cada qualidade. Determinou que os círculos se movimentassem em sentido contrário uns dos outros, sendo três com igual velocidade e quatro com velocidades diferentes, tanto entre eles mesmos como em relação aos três primeiros, porém sempre na devida proporção.

IX — concluída a composição da alma, de acordo

e com a mente de seu autor, organizou dentro dela o universo corpóreo e uniu ambos pelos respectivos centros. Então, a alma entretecida em todo o céu, do centro à extremidade, e envolvendo-o em círculo por fora, sempre a girar em torno de si mesma, inaugurou para sempre o divino começo de uma vida perpétua e inteligente. Assim formou-se, de uma parte, o corpo visível do céu, e da outra a alma invisível, porém participante de razão e

37 a de harmonia, a melhor das coisas criadas pela natureza mais inteligente e eterna.

Por ser a alma da natureza do Mesmo, do Outro e da Essência intermediária, mistura única desses três princípios, dividida e unificada na devida proporção e girando em torno de si mesma, todas as vezes que entra em contacto com algum objeto de substância divina ou com substância indivisível, declara, pelo movimento de

b todo o seu ser, com relação a quê, em que sentido, como e quando determinado objeto é idêntico a outro e de qual difere, tanto na esfera das coisas que devêm e reciprocamente se influenciam, como em relação às que são imutáveis. Quando esse discurso, igualmente verdadeiro, quer se refira ao Outro quer ao Mesmo, é levado sem voz nem som para o que se move por si mesmo, inclina-se para o sensível e o círculo do Outro transmite diretamente sua mensagem a toda a alma, formam-se opiniões e crenças sólidas e verdadeiras. Mas sempre que o discurso diz res-

c peito ao racional, e o círculo do Mesmo o revela em seu curso regular, o resultado necessariamente terá de ser inteligência e conhecimento. E se alguém afirmar que essas duas espécies de conhecimento procedem de outra coisa que não da alma, suas palavras poderão ser tudo, menos a verdade.

X — Quando o pai percebeu vivo e em movimento o mundo que ele havia gerado à semelhança dos deuses eternos, regozijou-se, e na sua alegria determinou deixá-lo ainda mais parecido com seu modelo. E por ser esse modelo

d um animal eterno, cuidou de fazer também eterno o universo, na medida do possível. Mas a natureza eterna desse ser vivo não podia ser atribuída em toda a sua plenitude ao que é engendrado. Então, pensou em compor uma imagem móbil da eternidade, e, no mesmo tempo em que organizou o céu, fez da eternidade que perdura na unidade essa imagem eterna que se movimenta de acordo

e com o número e a que chamamos tempo. E como antes

do nascimento do céu não havia nem dias nem noites nem meses nem anos, foi durante aquele trabalho que ele cuidou do seu aparecimento. Todos eles são partes do tempo, e o que foi ou será, simples espécies criadas pelo tempo, que, indevidamente e por ignorância, transferimos para a essência eterna. Referindo-nos a ela, dizemos que foi, é e será, quando a expressão Ela é, é a

38 a única verdadeiramente certa, ao passo que, à justa, Foi e Será só se aplicam ao que se forma no tempo, por tratar-se de movimento; o que é imutável e sempre idêntico, jamais poderá ficar, com o tempo, mais velho nem mais moço, como também nunca poderia ter existido no passado, nem existir agora nem vir a existir no futuro, não estando, de modo geral, sujeito às influências de tudo o que o devir impõe às coisas que se movimentam na ordem dos sentidos, outras tantas formas do tempo que se movem em círculo, de acordo com a lei do número. Além do mais, expressões do

b seguinte tipo: passado é passado, presente é presente e futuro é futuro, e o não-existente é não-existente mesmo, são maneiras erradas de expressar-se. Mas talvez não seja esta a ocasião mais indicada para um estudo em profundidade de semelhante questão.

XI — Seja como for, o tempo nasceu com o céu, para que, havendo sido criados concomitantemente, se dissolvessem juntos, caso venham algum dia a acabar; foi feito segundo o modelo da natureza eterna,

c para que se lhe assemelhasse o mais possível. Porque o modelo existe desde toda a eternidade, enquanto o céu foi, é e será perpetuamente na duração do tempo. O nascimento do tempo decorre da sabedoria e desse plano da divindade, e para que o tempo nascesse, também nasceram a lua e os outros cinco astros denominados errantes ou planetas, para definir e conservar os números do tempo. Depois de formar os corpos de todos eles, a divindade colocou-os nos circuitos em que se move a revolução do Outro, sete corpos em sete órbi-

d tas: a lua, no primeiro e mais próximo da terra; o sol, no segundo, acima da terra; depois, a estrela matutina e a consagrada a Hermes, em círculos diferentes, que se movimentam com velocidade igual à do sol, mas dotadas de poder contrário ao dele. Essa a razão de se alcançarem uns aos outros, o sol, a estrela de Hermes e a matutina. Quanto aos restantes, discorrer com minúcias a

respeito da sede da entronização e os motivos de sua es-
e colha por parte da divindade, constituiria assunto muito mais difícil de tratar do que o tema principal, nosso ponto de partida. Mas para diante, talvez tenhamos oportunidade de voltar a ele com o vagar indispensável.

Em resumo: quando cada um dos seres que deviam cooperar na criação do tempo iniciou o movimento apropriado e, como corpos unidos por laços animados, adquiriram vida e aprenderam as respectivas tarefas, entraram de deslocar-se na órbita do Outro, que é oblíqua e corta
39 a a do Mesmo e por ele é dominado, alguns movimentando-se em círculos maiores, outros em menores, com maior velocidade os dos círculos menores e mais lentamente os dos maiores. Assim, em virtude do movimento do Mesmo, os que se deslocam mais depressa parecem ser alcançados pelos mais lentos, que eles, em verdade, alcançam. Porque o movimento do Mesmo imprime a todos os círculos uma torção em espiral, e pelo fato de se moverem ao mesmo tempo em direções opos-
b tas, faz com que o corpo que se afasta mais lentamente desse movimento, que é, de fato, mais rápido, pareça acompanhá-lo de mais perto. Para que houvesse uma medida visível da rapidez ou lentidão relativas com que perfazem as oito revoluções, a divindade acendeu uma luz na segunda órbita a contar da terra, que presentemente denominamos sol, para encher com seu brilho toda a extensão do céu e para que pudessem participar do número os seres vivos a que isso fosse conveniente, o que eles aprenderiam com a revolução do Mesmo e
c do Semelhante. Assim e por tal razão nasceram o dia e a noite, que completam a revolução do círculo único e o mais inteligente; depois nasceu o mês, quando a lua perfaz seu círculo e atinge o sol, e de seguida o ano, ao chegar o sol ao fim de sua revolução. O curso dos outros planetas não é do conhecimento dos homens, excetuados alguns poucos numa infinidade deles; nem lhes deram denominação específica nem os mediram comparativamente com o recurso de números, a ponto de ignorarem, por assim dizer, que esses cursos errantes,
d cujo número é prodigioso e de variedade estupenda, sejam o tempo. No entanto, é fácil compreender que o número perfeito do tempo enche o ano perfeito, no momento em que as oito revoluções, com suas diferentes velocidades, completaram juntas seu curso e volta-

ram ao ponto de partida, calculadas aquelas pelo círculo do Mesmo na sua marcha uniforme. Assim e por essas razões foram gerados os astros que no seu curso pelo céu estão sujeitos à conversão, para que este mun-
e do se parecesse o mais possível com o animal perfeito e inteligível, na imitação de sua natureza eterna.

XII — Até ao nascimento do tempo, o mundo já havia sido construído, sob outros aspectos, à semelhança do modelo, mas ainda não tinha todos os animais que nasceram nele; nisso era diferente. Assim, a divindade decidiu que o mundo deveria ser dotado de todas as formas distinguidas pela mente no animal que verdadeiramente existe, não importando sua natureza e número. São quatro: a
40 a primeira é a raça celeste dos deuses; a segunda, a raça dotada de asas que cortam os ares; a terceira, a espécie aquática; e a quarta, a que marcha na terra firme. A espécie divina, em sua quase totalidade ela compôs de fogo, para que fosse a mais brilhante e bela de ver e, à semelhança do universo, deu-lhe a forma de esfera perfeita e a colocou na inteligência do Melhor, para fazer-lhe companhia, distribuindo-a em toda a rotundidade do céu, para que fosse um verdadeiro cosmo, enfeitado em toda a sua variedade. A cada um dos deuses atribuiu dois movimentos, sendo um no mesmo lugar e uniforme, porque cada divindade tem sempre os mesmos pensamentos acerca das
b mesmas coisas, e o outro, um movimento progressivo, por ser dominado pela revolução do Mesmo e do Semelhante; mas deu-lhes imobilidade e estabilidade com relação aos outros cinco movimentos, para que cada um atingisse a mais alta perfeição de que fosse capaz. Essa, a causa de haverem nascido os astros não errantes, animais divinos e eternos que giram sempre uniformemente no mesmo lugar. Os astros sujeitos à reversão e que nesse sentido viajam no céu, nasceram da maneira descrita acima. A terra, ele dispôs para ser nossa nutridora, fazendo-a girar em
c torno do eixo que atravessa o universo, guarda e artífice da noite e do dia, a primeira e mais antiga das divindades nascidas no interior do céu. O coro de dança dessas mesmas divindades em suas respectivas evoluções, suas justaposições, avanços ou recuos das próprias órbitas; as que se tocam em suas conjunções e as que se opõem umas às outras, em que ordem cada uma delas passa pela frente ou por trás da companheira, ou como aquela se esconde de nossa vista, para reaparecer mais adiante e enviar aos
d homens incapazes de raciocinar sinais e medos acerca do

que tem de acontecer: descrever tudo sem recorrer aos seus modelos visíveis, seria trabalho perdido. Sobre isso, basta; arrematemos aqui mesmo nosso relato sobre a natureza dos deuses gerados e visíveis.

XIII — Quanto às outras divindades, expor e conhecer suas relações é tarefa acima de nossas forças; nesse particular, precisamos dar inteiro crédito aos que falaram antes de nós; na qualidade de descendentes dos deuses, conforme eles mesmos o declararam, devem conhecer muito bem seus antepassados; não é possível deixar de acreditar que eles provêm dos deuses, enquanto suas e afirmações não se apoiem em provas verossímeis nem muito exatas. Mas, por isso mesmo que se apresentam como historiadores da família, convém seguir o uso geral e acreditar no que nos contam. Aceitamos, pois, como fidedigna sua palavra e digamos que a geração dos deuses se processou da seguinte maneira. Da Terra e do Céu nasceram o Oceano e Tétis; destes, Fórcide, Crono, Réia e todos os do seu bando; de Crono e de Réia, Zeus, Hera com seus 41 a irmãos e irmãs, cujos nomes todos nós conhecemos, além dos descendentes destes. Seja como for, depois de nascidas todas essas divindades, tanto as que circulam diante de nossos olhos como as que só se nos revelam quando bem entendem, o autor deste universo lhes dirigiu o seguinte discurso.

Deuses de deuses, as obras das quais eu sou o criador e pai, por terem sido geradas por mim, são indissolúveis sem meu consentimento. Conquanto tudo o que foi ligado b possa ser desligado, somente um espírito maldoso consentiria em dissolver o que foi bem ajustado e se encontra em perfeitas condições. A esse modo, pelo fato de haverdes sido gerados, nem sois imortais nem absolutamente indissolúveis. Não obstante, nem sereis desfeitos nunca nem ficareis sujeitos à morte, por ser minha vontade para todos vós um elo mais forte e poderoso do que o que vos ligou ao nascimento. Escutai, portanto, o que vos anuncio com este discurso. Ainda estão por nascer três raças mortais; se não chegarem a formar-se, o céu ficará incom- c pleto, pois não conterá, como é preciso, todas as espécies de seres vivos, para ser suficientemente perfeito. Se eu lhes desse nascimento e vida, tornar-se-iam iguais aos deuses. Mas, a fim de que sejam mortais e este universo fique realmente ompleto, aplicai-vos, na medida de vossa capacidade, a formar tais seres, imitando nisso meu poder

por ocasiãode vosso nascimento. E como convém que algo nele participe dos imortais, alguma coisa que se chamará divino e que dentre eles comandará os que se dispuserem a seguir sempre a justiça e a vós mesmos: essa parte, como semente e princípio, eu mesmo vo-la entre-
d garei. O resto vos compete; tecendo o imortal com o mortal, fabricai seres vivos a que dareis nascimento, permitindo que cresçam por meio da alimentação, para os receber de novo, quando se extinguirem.

XIV — Havendo assim falado, retomou a cratera em que antes misturara e fundira a alma do mundo, e nela deitou o que sobrara dos primeiros ingredientes, misturando-os quase da mesma maneira, porém sem que estes tivessem a pureza originária; ficaram dois ou três graus abaixo. Depois de composto o conjunto, dividiu-o em
e tantas almas quantos astros havia, designou uma alma para cada astro, e, havendo-as colocado como num carro, ensinou-lhes a natureza do cosmo e lhes comunicou as leis inevitáveis, segundo as quais a primeira encarnação seria igual para todos, a fim de que nenhum se sentisse prejudicado. Semeou cada uma no instrumento do tempo mais apropriado para ela, a fim de tornar-se o mais religioso de
42 a todos os seres vivos, e como a natureza humana era dupla, o sexo superior passou a ser denominado masculino. Depois de haverem sido implantadas nos corpos pela necessidade, e de adquirirem ou perderem os corpos certas partes de sua substância, por necessidade forçosa apresentaram logo sensibilidade natural e igual para todos, oriundas de impressões violentas; e, a seguir, o amor, com sua mistura de prazeres e de dores, e também o temor, a cóle-
b ra e todas as paixões que se lhes relacionam ou lhes são naturalmente adversas. Os que as dominassem, viveriam na justiça, e os que se deixassem dominar por elas, na injustiça; quem vivesse bem todo o tempo para eles concedido, voltaria a morar na sua estrela nativa, onde passaria uma existência feliz e congenial, e quem falhasse nesse ponto, no segundo nascimento passaria para uma nature-
c za feminina; e se em tal estado ainda continuasse a ser maldoso, a cada nascimento novo, de acordo com a natureza de sua depravação seria transformado no animal cuja natureza mais se aproximasse de seu caráter, não vindo a parar suas atribulações com essas mudanças enquanto não permitisse que a revolução do Mesmo e do Semelhante dentro dele arrastasse em seu curso toda a massa de fogo

d de água de ar e de terra que nela se acumulara por último. Sem dominar, por meio da razão, essa turbulência irracional, não viria a readquirir nunca a excelência de sua primitiva condição.

Depois de lhes haver dado a conhecer todas essas determinações, para eximir-se de qualquer responsabilidade da ruindade futura de algum deles, semeou uns tantos na terra, outros na lua e outros nos demais instrumentos do tempo. Após a semeadura, incumbiu os deuses novos de plasmar corpos mortais e completar a alma humana com tudo o que ainda fosse preciso acrescentar-lhe, e, depois desses acréscimos, de governar e e guiar a criatura mortal da melhor e mais sábia maneira que pudessem, salvo nos casos em que eles próprios fossem os causadores de sua desgraça.

XV — Havendo tudo regulamentado, voltou à sua existência normal, enquanto seus filhos, após se inteirarem de todas aquelas determinações, dispuseram-se a executá-las. Tomando o princípio imortal do animal mortal — com o que imitaram seu próprio criador — emprestaram do mundo partículas de fogo de terra de 43 a água e de ar, sob a condição de restituí-las oportunamente, e, reunindo todas, caldearam-nas, não por meio de laços indissolúveis como os com que eles próprios foram ligados, mas por uma multidão de rebites, pequenos em demasia para serem visíveis, e compuseram com esses elementos um corpo único para cada indivíduo, confinando os circuitos da alma imortal no fluxo e refluxo da maré do corpo. Acorrentados, porém, nesse grande rio, os círculos nem podiam dominá-lo nem ser dominados por ele, ora arrastando-o, ora sendo arrastado à força, de forma que todo o ser vivo se movia e b avançava ao acaso, sem nenhuma ordem e de maneira irracional; submetido a todos os seis movimentos, deslocava-se para diante e para trás, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, vagueando no sentido dessas seis direções. Mas, por mais violento que fosse o avanço e o recuo da onda portadora do alimento para o corpo, maior ainda era a perturbação causada pelas impressões das coisas que o assaltavam, quando acontecia, por exemplo, o corpo de algum ser vivo bater c num fogo estranho, de fora, nalgum bloco de terra dura ou na umidade das águas deslizantes, ou quando era assaltado por tempestade de ventos formados nas

correntes de ar, e os movimentos resultantes de todos
esses fatores conturbavam a alma depois de atravessa-
rem o corpo. Essa, a razão de terem sido designados
posteriormente tais movimentos pelo nome que ainda
hoje conservam, de sensações. E como naquele tempo
as sensações suscitavam momentaneamente amplas e
violentas comoções, que se somavam à corrente inin-
d terrupta e, juntas, abalavam fortemente os círculos da
alma, impossibilitavam de todo a revolução do Mesmo
pelo fato de se processarem em sentido contrário, im-
pedindo-a de comandar e de seguir seu curso natural.
Perturbavam, também, a revolução do Outro, de sorte
que cada um dos três intervalos do duplo e do triplo,
e as mediedades e elos de conexão das proporções três
por dois, quatro por três e nove por oito, que não po-
diam ser completamente dissolvidos senão por quem os
e havia unido, sofreram torções múltiplas que causaram
nos círculos rachaduras e deformações em todos os sen-
tidos. Daí resultou que, ao se engrenarem, não deixavam,
realmente, de movimentar-se, porém o faziam de manei-
ra irracional, ora em direção invertida, ora obliquamen-
te, ora de cima para baixo, ou seja, na posição de quem
firmasse a cabeça na terra, com as pernas para o ar, apoia-
dos os pés em qualquer ponto. Em semelhante posição,
os lados direito e esquerdo desse indivíduo e os dos es-
pectadores parecerão trocados. Confusões como essa
e de outros tipos provocam alterações profundas nas re-
44 a voluções da alma, e sempre que tais revoluções encon-
tram algum objeto exterior do gênero do Mesmo ou do
Outro, a ele se referem como se se tratasse do mesmo ou
de outro, contra a verdade dos fatos, revelando-se, com
isso, ignorantes e mentirosos, de forma que nenhuma re-
volução se apresenta como guia ou comandante das ou-
tras. Porém, quando as revoluções são assaltadas por
sensações do exterior, que caem sobre elas e arrastam
consigo todo o vaso da alma, nesses momentos, con-
quanto estejam dominadas, parecem de fato dominar.
Em virtude de todos esses acidentes, agora como no
princípio, a alma começa por ser desprovida de inteli-
b gência, quando se vê ligada a um corpo mortal. Porém
quando diminui de volume a corrente do crescimento
e da alimentação, e as revoluções, aproveitando-se da
calma, retomam o caminho certo e, com o tempo, adqui-
rem estabilidade, a partir de então, corrigem-se de acordo
com a forma de cada um dos círculos que seguem seu

curso natural e aplicam ao Outro e ao Mesmo os nomes exatos, deixando seu possuidor no ponto de tornar-se racional. E no caso de uma alimentação acertada ajudar a educação, o homem fica completo e em estado de perfei-
c ta higidez, por haver escapado da pior doença. Mas, se for negligente, atravessará a vida coxeando e voltará ignorante para o Hades e sem ter sido iniciado. Porém isso só se dá muito depois. Importa, agora, retomarmos nosso tema, para estudá-lo mais de perto, a começar pela preliminar da geração dos corpos, parte por parte, e com respeito à alma, as razões e providências das divindades na sua formação: esse é o caminho que nos dispomos a percor-
d rer, com a ajuda, sempre, das opiniões mais verossímeis.

XVI — Copiando a forma redonda do universo, incluíram os deuses as duas revoluções divinas num corpo esférico que presentemente denominamos cabeça, a porção mais divina de nós mesmos e que comanda as outras. A serviço desta puseram todo o corpo, depois de formado, considerando que ele participaria de todos os movimentos existentes. Para que a cabeça não rolasse na terra tão cheia de saliências e reentrâncias da mais
e variada espécie, sem meio de saltar por cima daquelas ou de escapar das últimas, concederam-lhe esse veículo para mais facilmente locomover-se. Por isso, adquiriu quatro membros extensíveis e flexíveis, traça da divindade, para que a cabeça pudesse deslocar-se. Apoiando-se neles e segurando-se como era possível, tornou-se capaz de abrir caminho por todas as regiões, carregando no alto de nós o habitáculo do que temos de mais divi-
45 a no e sagrado. Assim e por tal razão nasceram em todos nós braços e pernas. E por haverem considerado que a parte anterior era mais nobre e mais indicada para o mando do que a posterior, os deuses nos concederam a faculdade de andar, de preferência, para a frente. Era preciso, pois, que a frente do homem fosse distinta e diferente das costas. Esse o motivo de haverem colocado logo a face nesse lado do globo da cabeça e de nela fixarem ór-
b gãos para todas as previsões da alma, decidindo que essa parte, naturalmente voltada para diante, assumiria a direção do todo.

Os olhos portadores de luz foram os primeiros órgãos por eles fabricados; fixaram-nos no rosto pelas razões que passarei a relatar. Da espécie de fogo que não tem a propriedade de queimar mas a de fornecer uma luz branda, eles imaginaram fazer o próprio corpo de cada

dia. Porque o fogo puro dentro de nós, irmão do precedente, fizeram passar pelos olhos através de partes lisas e comprimidas, e construíram todo o globo ocular, principalmente a porção central, de forma que retivesse a matéria mais crassa e só filtrasse essa espécie de fogo puro. Quando a claridade do dia envolve a corrente da visão, o semelhante encontrando seu semelhante, funde-se com ele para formar um corpo homogêneo na direção da linha dos olhos, onde quer que a corrente que sai de dentro vá bater num objeto de fora. Quando toda a corrente da visão, submetida às mesmas afecções pela similitude de suas partes, toca em algum objeto ou é por ele tocado, transmite todos os movimentos através do corpo até à alma, produzindo em nós a sensação que nos leva a dizer que vemos. E quando o fogo parente do fogo anterior se retira com o cair da noite, este fica interceptado; encontrando, à sua saída, seres de natureza diferente, altera-se e se apaga, por não ser da mesma natureza do ar ambiente, privada de fogo. Aí deixa de ver e provoca sono. Porque, quando as pálpebras se fecham, imaginadas pelos deuses para proteger a vista, retêm no interior a potência do fogo; esta, por sua vez, dispersa e atenua os movimentos interiores, o que enseja repouso. Quando o repouso é profundo, o sono que se apossa de nós é quase desacompanhado de sonhos; mas se permanecerem movimentos mais fortes, dependendo de sua natureza e das regiões em que se manifestem, suscitam no nosso íntimo outras tantas imagens da mesma natureza, de que nos lembramos quando acordamos para o mundo exterior.

c

d

e

46 a

É a coisa mais fácil compreender o mecanismo da formação das imagens produzidas pelos espelhos e todas as superfícies brilhantes e polidas. É da combinação dos dois fogos, o interior e o externo, e como conseqüência da formação, em cada caso, de um só fogo sujeito a várias transformações, que se formam necessariamente essas imagens, por fundir-se o fogo da face refletida com o fogo da vista na superfície lisa e brilhante. Mas o lado esquerdo aparece do lado direito, porque a corrente visual entra em contacto com as partes opostas da superfície contemplada, contrariamente ao que, de regra, se passa nesses encontros. Ao contrário, o direito aparece à direita, e o esquerdo à esquerda, quando o raio visual muda de lado, ao fundir-se com a luz com a qual se

b

c funde, o que se observa sempre que a superfície polida dos espelhos, encurvando-se de ambos os lados para cima, envia para a esquerda a parte direita da corrente visual, e para a direita a esquerda. A mesma curvatura disposta no sentido longitudinal do rosto deixa-o invertido, por enviar para baixo a corrente visual de cima, e a de cima, para baixo.

Tudo isso se inclui entre as causas secundárias de que Deus se serve para realizar, tanto quanto possível, d a idéia do melhor. Mas a maioria dos homens não as considera secundárias, senão causas primárias de tudo, por terem elas a propriedade de esfriar e aquecer, condensar e dilatar, e demais efeitos do mesmo gênero. Mas tais causas são incapazes de atuar com razão e inteligência. Podemos dizer que de todos os seres é a alma o único capaz de adquirir inteligência; mas a alma é invisível, enquanto o fogo e a água e a terra e o ar são todos corpos visíveis. O amante da inteligência e do conhecimento deve necessariamente procurar primeiro as cau- e sas que pertencem à natureza inteligente, e somente em segundo lugar as que pertencem às coisas movidas por outras e que, por sua vez, põem necessariamente outras mais em movimento. É como também devemos proceder. Precisamos falar das duas espécies de causas, mas tratar com particular interesse das que atuam com inteligência e produzem efeitos bons e belos, para distingui-las das que, privadas de razão, atuam sempre ao acaso e sem ordem.

É quanto basta a respeito das causas secundárias que contribuíram para dar aos olhos o poder de que presentemente são dotados. Resta-nos, ainda, falar de sua função mais elevada, para nosso benefício, verda- 47 a deira dádiva dos deuses. A meu parecer, a vista é para nós a causa do maior benefício imaginável, porque nenhuma palavra da presente dissertação acerca do universo jamais poderia ter sido enunciada, se nunca tivéssemos contemplado os astros nem o sol nem o céu. Realmente, foi a vista do dia e da noite, dos meses e das revoluções dos anos, dos equinócios e dos solstícios que nos levou a descobrir o número, deu-nos a noção do tempo e os meios de estudar a natureza do to- b do. Dela é que derivamos a filosofia, o mais precioso bem que o gênero humano em algum tempo recebeu ou que venha a receber da munificência dos deuses. Esse

é, a meu ver, o maior benefício da visão. Para que lembrar com elogios os outros de menor importância? Quem não ama a sabedoria, se viesse a ficar cego, inutilmente a sorte lamentara. Por nossa parte, falemos assim da vista como causa desse benefício: a divindade inventou a visão e no-la concedeu para que, contemplando as revoluções da inteligência no céu, as utilizemos para as revoluções de nosso próprio pensamento que lhes são aparenta- c das, conquanto as nossas sejam desordenadas, e aquelas, imperturbáveis, e também para que depois de compreendermos tais movimentos e de alcançarmos a certeza natural do raciocínio, possamos reproduzir as revoluções absolutamente invariáveis da divindade e impor ordem nos movimentos aberrantes de nosso íntimo.

Acerca da voz e do ouvido, mais uma vez teremos de dizer a mesma coisa; são dádivas dos deuses, para o mesmo fim e pelas mesmas razões. Realmente, não somente a palavra nos foi dada com tal objetivo, para o que ela contribui em larga escala, como toda a parte da música con- d sagrada à audição dos sons o foi com vistas à harmonia. E a harmonia, cujos movimentos são aparentados com as revoluções da alma dentro de nós, e presente das Musas para os homens que mantêm com elas um comércio inteligente, não com vistas ao prazer irracional — única utilidade que presentemente lhe reconhecem — mas para ajudar-nos a combater a desarmonia interna que se estabeleceu na revolução da alma e deixar esta em consonância consigo mesma. O ritmo, também, é dádiva das mesmas divindades, com igual intenção, porque a condição da e maioria dos homens se ressente de falta de graça e de medida.

XVII — Com poucas exceções, tudo o que expusemos até agora só diz respeito às operações da inteligência. Mas ao lado delas precisamos tratar também do que se processa por efeito da necessidade. Porque a gênese do 48 a universo é o resultado da ação combinada da necessidade e da inteligência. Dominando a necessidade, convenceu-a a inteligência a dirigir para o bem a maior parte das coisas que nascem. A esse modo e por tal princípio foi que nosso universo se formou, com a vitória, pela persuasão, da sabedoria sobre a necessidade. Mas se tivermos de explicar como ele chegou a formar-se de acordo com esse princípio, precisaremos apelar para a causa errante e mostrar como faz parte de sua natureza produzir movimento. Voltamos, então, para o começo, da seguinte maneira.

b Urge encontrar outro princípio relacionado com a origem dessas mesmas coisas, e estudá-lo do começo, tal como fizemos na exposição do tema anterior. Precisamos considerar em si mesma a natureza do fogo da água do ar e da terra antes do nascimento do céu, e quais eram suas propriedades anteriores. Ora, até hoje ninguém explicou sua geração; mas, como se soubéssemos o que seja o fogo e os outros, aceitamo-los como princípio, uma espécie de elementos ou letras do universo, quando o certo é que nem c mesmo pessoas de escasso discernimento poderiam levar a analogia até ao ponto de compará-los a sílabas. Presentemente, nossa contribuição consistirá no seguinte. Não me manifestarei a respeito do princípio ou princípios das coisas, ou que outro nome lhe queiramos aplicar, quando mais não seja, pela dificuldade de explicar o que penso com respeito ao método da presente exposição. Não vos cabe exigir de mim semelhante explicação, mesmo porque não chego a convencer-me de que tenho o direito de d assumir a responsabilidade de tão dificultoso empreendimento. Fiel ao que disse no começo, sobre o valor das explicações prováveis, tentarei apresentar uma interpretação dessas questões, assim no conjunto como em particularidades, tão verossímil, senão mais, do que muitas, partindo do começo, tal como fizemos antes. Assim, mais uma vez, no limiar de nossa exposição, invoquemos a divindade protetora, a fim de assegurar-nos livre trânsito nesta exposição estranha e insólita, até à conclusão ditada e pela verossimilitude.

XVIII — O novo começo de nossa descrição do universo exige uma divisão mais ampla do que a anterior. Na primeira distinguimos dois gêneros; porém agora precisaremos revelar mais um. Para o discurso anterior, bastavam aqueles: um, postulado como modelo, inteligível e sempre o mesmo; o segundo, cópia desse modelo e sujeito 49 a ao nascimento. Não apresentamos o terceiro por acreditarmos que os dois eram suficientes. Mas agora, segundo parece, o tema nos obriga a tentar esclarecer por meio da palavra uma espécie difícil e obscura. Como devemos, então, conceber sua natureza e a maneira por que ela opera? Desta, principalmente: é o receptáculo, por assim dizer, a natriz de tudo o que devém. A assertiva é verdadeira, mas exige de nossa parte linguagem mais clara, o que, sob b vários aspectos, é tarefa bastante árdua, sobretudo pela necessidade de esclarecer previamente uma dificuldade acerca do fogo e outros corpos que o acompanham. De

qualquer desses corpos é difícil dizer qual verdadeiramente deve ser denominado água, não fogo, e qual deveremos chamar por um determinado nome, em vez de empregar todos ao mesmo tempo ou um nome de cada vez, a fim de nos expressarmos por maneira segura e digna de confiança. Em que termos, então, e de que modo exporemos essa matéria, e que dificuldade devemos, desde o início, reconhecer? Para começar, vemos perfeitamente que o que denominamos água, ao condensar-se, segundo cre-
c mos, vira pedra e terra, e ao fundir-se e dissolver-se, esse mesmo corpo se transforma em vento e ar; o ar vira fogo quando se inflama, e, por um processo inverso, o fogo, contraido e extinto, retoma a forma do ar, como o ar, tornando a reunir-se e a condensar-se, vira nuvem e neblina, das quais, outra vez, comprimidas ainda mais, deflui a água, para desta, de novo, sair terra e pedras. A esse modo, como parece, tais elementos transmitem, em ciclo, o nascimento de uns aos outros. Então, a ser assim, se nenhum deles não se mostra nunca sob a mesma forma,
d de qual poderá alguém afirmar com segurança que é tal coisa e não outra, sem se envergonhar consigo mesmo? Não é possível. O mais seguro será exprimir-nos da seguinte maneira: sempre que virmos uma coisa mudar continuamente de estado — o fogo, por exemplo — em nenhuma circunstância devemos dizer que se trata deste fogo, mas do que apresenta tais e tais qualidades do fogo; nem da água, como esta água, mas como possuidora de suas qualidades, nem nos refiramos a nada como permanente, como fazemos sempre que os designamos pelas
e expressões esta ou aquela, no pressuposto de que indicamos alguma coisa definido. Esses elementos nos escapam a todo instante, sem esperar que os designemos por isto ou aquilo ou este ser ou qualquer outra expressão que os apresente como permanentes. Não devemos aplicar semelhantes expressões a nenhum deles, mas reservá-las para o que é sempre tal e circula com a mesma qualidade, quer nos refiramos apenas a um ou a todos em conjunto. A esse modo, daremos o nome de fogo ao que em todas as circunstâncias apresenta essa qualidade, e assim, também, com tudo o que está sujeito ao nascimento. Somente aquilo em que cada um desses elementos nasce e
50 a aparece sucessivamente, para logo desaparecer, é que poderá ser designado pelas expressões isto e aquilo; ao passo que a tudo quanto apresente determinada qualidade, quente, branco ou algum de seus contrários, e tam-

bém quanto deles derivar, não poderemos aplicar nenhuma daqueles expressões.

Vou esforçar-me para expor o mesmo assunto com maior clareza ainda. Suponhamos que um artista modelasse com ouro figuras das mais variadas formas, sem parar de passar de uma forma para outra, e, ao mostrar a alguém uma dessas figuras, se essa pessoa lhe perguntasse
b o que era quilo, a resposta mais próxima da realidade seria declarar que é ouro, pois não fora lícito falar do triângulo ou de qualquer outra figura formada com aquele mesmo material como de seres realmente existentes, pois todas aquelas formas se modificam no próprio instante em que são apresentadas. Basta-nos poder afirmar com certo grau de certeza que são possuidoras de tais e tais qualidades. O mesmo se diga da natureza que recebe todos os corpos; deve ser sempre designada como a mesma, pois jamais se despoja de seu próprio caráter; recebe todas
c as coisas, sem nunca assumir, de maneira alguma, o caráter do que entra nela. Por natureza, é matriz de todas as coisas; movimenta-se e diversifica-se pelo que entra nela, razão de parecer diferente, conforme as circunstâncias. Quanto às coisas que entram e saem, devem ser consideradas cópias da substância eterna, cunhadas sobre esse modelo, por maneira admirável e difícil de explicar. Mais para diante, voltaremos a tratar desse ponto.

De qualquer forma, por enquanto bastará admitir três gêneros: o que devém, aquilo em que isso devém, e o
d modelo à cuja semelhança se originou o que nasceu. Ademais, podemos comparar o receptáculo com a mãe; o modelo, ao pai; e a natureza intermediária entre os dois, ao filho. Devemos observar, ainda, que se a marca a ser cunhada tiver de apresentar todas as variedades de figuras, o receptáculo em que essas impressões vão processar-se seria inadequado a semelhante fim, se não carecessem de
e todas as formas que terá de receber. De fato: se se parecesse com as coisas que entram nêle, sempre que chegassem coisas de natureza oposta ou totalmente diferente, ele as representaria mal, porque seus próprios traços deformariam a imagem. Por isso mesmo, o que tiver de receber todas as espécies, não deve possuir caráter especial. O mesmo se dá com a fabricação de ungüentos que se tornam artificialmente cheirosos, pois o primeiro cuidado do artista é deixar tão inodoro quanto possível o excipiente úmido destinado a receber os perfumes. Outro exemplo: quem se dispõe a imprimir figuras nalguma substân-

cia mole, não permite que nela apareça nenhuma forma, cuidando, pelo contrário, de deixar a superfície tão lisa e

51 a plana quanto possível. De igual modo, o que tem de receber devidamente, muitas e muitas vezes e em toda sua extensão, todas as semelhanças das coisas inteligíveis e eternas, terá de ser livre, em sua natureza, de todos os caracteres. Por essa razão, não devemos dizer que a mãe e o receptáculo de tudo o que se tornou visível ou sensível, de um ou de outro jeito, seja a terra ou o ar ou o fogo ou a água, nem nenhum de seus compostos ou componentes. Se asseverarmos que é uma espécie invisível e não caracterizada, que tudo recebe e participa do inteligível por ma-

b neira obscura e difícil de compreender, não formularemos uma proposição errônea. De acordo com o exposto, até onde nos é possível alcançar sua natureza, o mais certo seria exprimirmo-nos da seguinte maneira: como fogo aparece sempre a parte dela que está em ignição; como água, a porção líquida; e como terra ou ar, na medida em que recebe as imagens desses elementos.

Prosseguindo em nosso estudo a seu respeito, há um ponto que poderá ser esclarecido pelo raciocínio. Haverá o que se denomina o fogo em si mesmo, e todas as coisas

c a que nos referimos a cada instante, como existentes em si mesmas? Ou só terão essa realidade as coisas que vemos ou de outro modo percebemos por meio do corpo, nada mais havendo, além dessas coisas, em parte alguma, e não passando de palavrório sem significado tudo o que afirmamos a respeito da existência de uma idéia inteligível para cada coisa? Simples palavriado tudo isso?

Não nos fica bem afastar semelhante questão sem discuti-la e sem nos manifestarmos a seu respeito, nem inserir uma digressão longa nesta altura de nossa exposição,

d que já não está pequena. Porém nada seria mais oportuno do que encontrarmos a maneira de fazer em poucas palavras uma distinção valiosa. Minha sentença, no presente caso, ficaria formulada nos seguintes termos: Se a inteligência e a opinião verdadeira constituem gêneros distintos, então essas coisas existem certamente em si mesmas: são idéias que não percebemos por meio dos sentidos, mas apenas por intermédio do espírito. Porém no caso — como há quem o afirme — de em nada diferir da inteligência a opinião verdadeira, teremos de admitir que tudo o que percebemos por intermédio do corpo constitui a mais certa realidade. Todavia, precisamos reconhecer que

e se trata de coisas diferentes, por terem origem distinta e

serem dissemelhantes por natureza, pois uma se produz em nós por meio da instrução; a outra, pela persuasão. Uma, sempre dá razão verdadeira de si mesma; a outra, nenhuma. Aquela não é inabalável à persuasão; esta se dobra facilmente. Acrescentemos a isso que todos os homens participam da opinião; mas a inteligência é privilégio dos deuses e de um número muito reduzido de pessoas.

Se for assim, teremos de admitir que há, primeiro, a
52 a idéia imutável, que não nasce nem perecerá, nada recebe em si mesma do exterior nem entra em nada, não é visível nem perceptível de qualquer jeito, e só pode ser apreendida pelo pensamento. A outra espécie tem o mesmo nome da primeira e com ela se parece, porém cai na esfera dos sentidos; é engendrada, está sempre em movimento, devém num determinado local, para logo desaparecer daí, e é apreendida pela opinião com a ajuda da sensação. Por último, há um terceiro gênero, o espaço: por ser eterno,
b não admite destruição, enseja lugar para tudo o que nasce e em si mesmo não é apreendido pelos sentidos, mas apenas por uma espécie de raciocínio bastardo. Dificilmente pode-se acreditar nele. É o que contemplamos como em sonhos, quando dizemos que tudo o que existe deve necessariamente estar nalgum lugar e ocupar determinado espaço, e o que não se encontra nem na terra nem em qualquer parte do céu, é nada. Por causa desse estado de sonho, sentimo-nos incapazes de despertar e de fazer
c todas essas distinções e outras do mesmo estilo, até mesmo com relação à natureza despertada e verdadeiramente existente e, desse modo, enunciar a verdade, a saber: que a imagem, por isso que não lhe pertence nem mesmo o princípio em vista do qual ela se formou, não passando, pois, de um fantasma sempre mutável de outra coisa, deve, por tal razão, nascer em outra coisa e agarrar-se, de qualquer modo, à existência, sob pena de não ser nada, absolutamente, ao passo que o ser real conta com o socorro do raciocínio exato e verdadeiro, o qual declara que, enquanto duas coisas forem diferentes, jamais uma delas poderá nascer na outra, de forma que ambas se
d tornem uma e a mesma e duas coisas ao mesmo tempo.

XIX — Fique isto, pois, como o resumo da doutrina cuja formulação me foi ditada pelo meu próprio juízo: o ser, o espaço, a geração, são três princípios distintos desde antes mesmo da formação do céu. Ora, a matriz do devir, tornando-se úmida e inflamada, e recebendo as formas da

terra e do ar, e passando por todas as modificações que se
e lhes seguem, apresentava-se sob os mais variados aspectos; e por estar cheia de forças que nem eram iguais nem contrabalançadas, não mostrava equilíbrio em nenhuma de suas partes; oscilando irregularmente em todos os sentidos, era sacudida por essas forças e, posta em movimento, por sua vez as agitava. Movimentando-se desse modo, sem pausa, separavam-se as coisas e dispersavam-se em várias direções, à maneira de grãos agitados e joeirados com crivos e outros instrumentos próprios para limpar o trigo, do
53 a que resulta ser jogado para um lado o que for denso e pesado, enquanto vão para outro as partículas finas e mais leves, onde se acumulam. O mesmo, então, acontece com os quatro gêneros agitados pelo receptáculo que se movimentava à maneira de um crivo e joeirava e afastava para longe uns dos outros os dissemelhantes, reunindo o mais possível no mesmo ponto os que se assemelhavam entre si, de forma que as diferentes espécies vieram a ocupar lugares diferentes, antes mesmo de haver sido formado o todo que elas viriam a constituir. Até esse momento, tudo isso carecia de proporção e medida. Quando
b o universo começou a ser posto em ordem, a princípio o fogo a água a terra e o ar revelavam traços de sua própria natureza, mas se encontravam no estado em que é de esperar que esteja o que carece da presença de Deus. Constituído naturalmente dessa maneira, começou a divindade a dar-lhe uma configuração distinta por meio de formas e de números. Que Deus os coordenou da maneira mais perfeita possível, o que antes não acontecia, é uma assertiva a que nos atemos em todo o decurso de nossa exposição. Agora o que me cumpre é falar da estrutura e da ori-
c gem de cada um desses elementos. Meu modo de expor é um tanto insólito; mas, como vos são familiares os caminhos da erudição exigidos por essa ordem de estudos, servos-á fácil acompanhar-me.

XX — Inicialmente, é claro para todo o mundo que o fogo a terra a água e o ar são corpos. Ora, todos os corpos apresentam profundidades, sendo de necessidade forçosa que a profundidade esteja encerrada na natureza da superfície e que toda superfície retilínea seja composta de triângulos. Todos os triângulos são derivados de dois
d triângulos com um ângulo reto e dois agudos. Um desses triângulos tem de cada lado uma parte do ângulo reto dividido por lados iguais; o outro, partes desiguais de um ângulo reto divididas por lados desiguais. Essa é a origem

que atribuímos ao fogo e aos demais corpos, de acordo com o método que concilia a necessidade com a probabilidade. Quanto às origens mais remotas, somente Deus as conhece e os homens por ele favorecidos.

Agora precisamos explicar como podem formar-se os mais belos corpos, quatro ao todo, dissemelhantes entre si, porém de tal maneira, que uns podem ser gerados dos outros, por dissolução. Se formos bem sucedidos, alcançaremos a verdade com relação á origem da terra e do fogo e dos corpos intermediários. Pois não concordaremos, em absoluto, com quem disser que pode haver corpos visíveis mais perfeitos do que esses, cada qual formando um gênero à parte. Esforcemo-nos, pois, ao máximo, para construir os quatro tipos de corpos perfeitos, a fim de podermos asseverar que compreendemos suficientemente sua natureza.

54 a Ora, dos dois triângulos o isóscele é de um só tipo; o escaleno, de número inifinito. Desse número infinito, precisaremos escolher o mais belo, para começarmos bem. E se alguém nos disser que escolheu um mais belo, ainda, para a construção desses corpos, conceder-lhes-ei a palma da vitória, não na qualidade de inimigo, mas na de amigo. Para nós, nesse número infinito de triângulos, o mais belo de todos, muito acima dos outros, é o formado pelo terceiro triângulo, o eqüilátero. Seria por demais longo fundamentar essa proposição. Mas se alguém estudar o caso a fundo e demonstrar que não é assim, de bom grado acataremos sua opinião. Escolhamos, pois, dois triângulos que entram na constituição dos corpos do fogo e do restante: um, isóscele; o outro, em que o quadrado do lado grande seja o triplo do quadrado do pequeno. O que afirmamos há pouco era um tanto obscuro; convirá definir melhor os termos. Ficou parecendo que os quatro gêneros podiam gerar-se entre si; mas é uma aparência enganadora. Com efeito : dos triângulos por nós escolhidos nascem quatro tipos; mas, enquanto três são construídos do mesmo triângulo, o de lados desiguais, o quarto é o único formado do triângulo isóscele. Não é possível, pois, que, ao se dissolverem, nasçam uns dos outros, com se reunirem muitos pequenos para formar número menor de grandes, ou vice-versa, o que só é concebível com relação aos três primeiros. E porque todos se originaram de um único triângulo, quando os corpos maiores se desagregam, um número grande de pequenos pode originar-se desses mesmos triângulos, adquirindo a forma mais conveniente.

E o contrário: sempre que muitos corpos pequenos se
d dispersam em seus triângulos, o número total desses triângulos poderá formar uma outra espécie de corpo de maiores dimensões. É o que me faltava dizer acerca de sua geração recíproca.

O outro ponto a considerar diz respeito à espécie de forma de cada corpo e aos números que convergem para sua composição. Começarei pela primeira figura, composta dos menores dados. Seu elemento fundamental é o triângulo cuja hipotenusa é duas vezes mais longa que o menor lado. Se juntarmos pela diagonal dois desses triângulos e fizermos três vezes essa operação, de modo que as
e diagonais e os lados menores coincidam no mesmo ponto como num centro, esses triângulos, em número de seis, darão nascimento a um único triângulo eqüilátero. Quatro triângulos eqüiláteros reunidos segundo três ângulos planos, formam apenas um ângulo sólido, a saber, o que
55 a vem logo depois do mais obtuso dos ângulos planos. Se juntarmos quatro desses ângulos sólidos, obteremos o sólido mais simples, que tem a propriedade de dividir em partes iguais e semelhantes a esfera em que ele se inscreve. O segundo corpo é composto dos mesmos triângulos; quando combinados numa seqüência de oito triângulos eqüilaterais, compõem um único ângulo sólido feito de quatro ângulos planos. Com a produção de seis ângulos sólidos desse tipo, obtém-se o segundo corpo completo. O terceiro é formado de duas vezes sessenta triângulos
b elementares, isto é, de doze ângulos sólidos, cada um dos quais se inclui em cinco triângulos planos eqüilaterais e apresenta vinte faces que são outros tantos triângulos eqüiláteros. Com a geração desses sólidos, um dos dois triângulos elementares completou sua missão, cabendo agora ao triângulo isóscele engendrar a natureza do quarto corpo: disposto em grupos de quatro, os ângulos retos, encontrando-se no centro, formam um quadrângulo único eqüilátero. Juntando-se seis desses quadrângulos, obtêm-
c se oito ângulos sólidos, composto cada um de três ângulos planos retos, sendo o cubo a figura obtida com esse conjunto que têm como face seis tetrágonos de lados iguais. Da combinação restante, a quinta, utilizou-se a divindade para configurar o universo.

XXI — Refletindo a respeito de tudo isso, se alguém considerasse a questão, justificada, aliás, de saber se devemos admitir como indefinido ou limitado o número de mundos, concluiria que, aceitá-los como indefinidos, é

d opinião de quem ainda se revela indefinido em assunto em que já deveria estar definitivamente informado. Mas, se formulasse a pergunta noutros termos, sobre haver um mundo apenas ou cinco, e daí não se arredasse, justificar-se-ia, realmente, sua dúvida. Porém nossa conclusão declara que, com toda a probabilidade, o mundo é, por natureza uma única deidade, conquanto haja quem pense de outra maneira, com base em considerações diferentes. Mas deixemos de lado essa pessoa e distribuamos as figuras de cuja formação cuidamos em nosso discurso, entre o fogo a terra a água e o ar. Atribuamos à terra a

e forma cúbica, pois dos quatro elementos é a terra o mais estável e o mais plástico dos corpos, qualidades que deve necessariamente produzir o corpo de base mais ampla. Com relação à base, se considerarmos os triângulos estudados no começo, a do triângulo de lados iguais é, por natureza, mais estável do que a do de lados desiguais, e mais: das duas superfícies eqüilaterais compostas, o tetrágono eqüilateral será forçosamente mais estável, seja em suas partes, seja no conjunto, do que o triângulo

56 a eqüilateral. Atribuindo, portanto, essa forma à terra, não nos afastamos da verossimilhança de nossa exposição, o que também ocorrerá se dermos à água a menos móvel das restantes, a mais móvel ao fogo, e a figura intermediária ao ar. Na mesma ordem de idéias: o menor corpo ao fogo, o maior à água e o intermediário ao ar; e ainda: o de ângulo mais agudo ao fogo, o segundo ao ar e o terceiro à água. Tomando todas essas figuras, a que contiver menor número de bases será necessariamente de natureza mais móbil; de todas é a mais cortante e mais

b aguda em qualquer sentido, como também a mais leve, por ser composta do menor número de partes semelhantes. Sob esse aspecto, a segunda deverá ocupar o segundo lugar, e a terceira o terceiro. Assim, de acordo com a razão direita e a verossimilhança, o sólido que tomou a forma de pirâmide é o elemento e o germe do fogo; o segundo na ordem do nascimento, do ar; o terceiro, da água.

Agora, devemos conceber todos esses elementos como de proproções tão reduzidas, que cada um deles, considerado isoladamente em cada gênero, escapa à nossa vis-

c ta, por causa de sua pequenez; só percebemos as massas formadas por uma multidão deles. Ademais, com relação à proporção numérica, movimentos e outras propriedades, devemos admitir que a divindade os ajustou na medi-

da certa, quando os organizou com perfeição até nas menores particularidades, dentro dos limites permitidos pela necessidade condescendente e acessível à persuasão.

XXII — De tudo o que dissemos acima a respeito dos gêneros, segundo toda a probabilidade as coisas se passaram da seguinte maneira: quando a terra encontra o fogo (d) e este a divide em virtude de sua agudeza, é arrastada de um lado para o outro, quer seja envolvida pelo próprio fogo, quer o seja por uma massa de ar ou de água, até que suas partes tornem a encontrar-se algures e, recompondo-se, virem novamente terra, pois de jeito nenhum poderá transformar noutra espécie. A água, pelo contrário, dividida pelo fogo ou mesmo pelo ar, ao recompor-se pode tornar-se uma partícula de fogo e duas de ar, do mesmo (e) modo que os fragmentos de uma única partícula dissolvida de ar podem tornar-se duas partículas de fogo. E o inverso: quando o fogo, em pequena quantidade, é envolvido por uma grande massa de ar, de água ou de terra e, movimentado pela massa que gira no mesmo lugar, fica vencido nessa luta e reduzido a fragmentos, duas partículas de fogo se combinam para formar uma única figura de ar; como também o ar, sempre que, vencido e reduzido a pedacinhos, duas de suas partículas inteiras e mais a metade de uma se condensam numa partícula completa de água.

Apreciemos o mesmo tópico por um prisma diferente. Sempre que alguma das outras espécies é envolvida pelo (57 a) fogo e seccionada pelo fio de seus ângulos e de seus bordos, se, ao recompor-se, volta a adquirir a natureza do fogo, deixa de ser seccionada, pois nenhuma espécie homogênea e idêntica a si mesma causa qualquer mudança no que é, como ela, idêntica e homogênea, nem sofre influência no mesmo sentido de sua parte; e o contrário disso: ao passar para outra espécie, enquanto o corpo mais fraco luta com o mais forte, a dissolução não pára de processar-se. Por outro lado, quando um pequeno número (b) de partículas menores envolvidas por um grande número das maiores são fragmentadas e se extinguem, se consentem em reunir-se sob a forma da espécie vencedora, param de extinguir-se e o fogo se transforma em água, e a água em ar. Mas, se, ao passarem as partículas menores para esses elementos, outra espécie as encontra e entra em luta com elas, o processo de subdivisão não se detém, até que, ou fiquem inteiramente dissolvidas naquele embate e elas se acolham ao seio de seus parentes, ou, vencidas, muitas delas se reunam num só corpo, semelhante ao do

c vencedor, e passem a morar com este. Sempre que ocorrem tais modificações, todas as coisas mudam de lugar, porque enquanto cada uma das grandes massas de cada espécie conserva seu lugar à parte, por efeito do movimento do receptáculo, os corpos que a cada instante se desassemelham de si mesmos para se parecerem com outros, são arrastados por esses abalos para o lugar ocupado pelos corpos a que eles se assemelham.

Foi desse modo que se formaram os corpos simples e primitivos. A razão de haver variedades dentro de cada espécie, encontramo-la na construção de cada um dos dois elementos. Originariamente, em cada caso a construd ção não pruduziu triângulos de uma grandeza única, porém menores ou maiores e em número igual ao das espécies em cada gênero. Daí provém a infinita variedade, resultante da mistura entre eles mesmos e de uns com outros, o que sempre deve ter em vista quem quiser apresentar uma exposição verossímil da natureza.

XXIII — No que respeita ao movimento e ao repouso, de que modo e em que condições se produzem, se desde agora não nos pusermos de acordo, muitas e dificuldades surgirão no caminho de nosso raciocínio. Em parte já tratamos do assunto; mas ainda será preciso acrescentar que o movimento jamais consentirá em existir no que for homogêneo, pois é difícil, ou melhor, impossível haver o que se mova sem motor, ou o inverso: motor, sem a coisa movimentada. Ambos ausentes, não haverá movimento, como não é possível serem homogêneos os dois. Daí termos sempre de admitir o repouso no que é homogêneo, e movimento no que for heterogêneo. 58 a E mais: a desigualdade é a causa da natureza heterogênea. Sobre a origem da desigualdade já nos manifestamos; mas ainda não explicamos por que motivo os diferentes elementos que foram separados de acorco com as respectivas espécies, não cessam de movimentar-se e de mudar de lugar. Voltemos a tratar do mesmo assunto, da seguinte maneira. O circuito do universo, depois de abranger os quatro gêneros, por ser circular e tender naturalmente a voltar sobre si mesmo, tudo comprime, não permitindo que se forme espaço vazio. Essa, a razão de principalmenb te o fogo se haver infiltrado em tudo, e, em segundo lugar, o ar, visto ocupar este, por natureza, o segundo posto em matéria de tenuidade, e assim sucessivamente com relação aos outros elementos, porque os corpos formados por partículas maiores deixam mais largas bre-

chas na composição, e as das menores, passagens mais estreitas. A compressão que se exerce sobre os corpos empurra os pequenos para os intervalos deixados pelos grandes. A esse modo, sempre que os pequenos ficam ao lado dos grandes e os menores desintegram os maiores, obrigando este a combinar-se com outros, todos se deslocam para cima ou para baixo, no sentido do local mais c conveniente, pois, ao mudar de dimensão, cada um também troca de posição no espaço. Desse modo e por esse meio é que se conserva a perpétua geração da diversidade causadora no presente e no futuro do movimento incessante desses corpos.

XXIV — Ademais, precisaremos considerar que há várias espécies de fogo, como, por exemplo, a chama, o que sai da chama sem queimar e concede luz aos olhos, d e o que remanesce do fogo no borralho, quando a flama se apaga. A mesma coisa se verifica com o ar, em que distinguimos a espécie mais translúcida, denominada éter, e a mais turva, chamada neblina e escuridão, além de mais uma espécie anônima, resultante da desigualdade dos triângulos. Para a água, de início importa distinguir dois tipos: o líquido e o fusível. O líquido, porque participa de elementos pequenos e desiguais, movimenta-se por si mesmo e por impulsão estranha, em virtude de sua falta de uniformidade e a natureza de sua forma. O outro tipo, e composto de partículas maiores e uniformes, é mais estável do que o primeiro e mais difícil de movimentar-se, além de mais compacto, em virtude de sua homogeneidade. Mas, com a entrada do fogo e sua ação dissolvente, perde a uniformidade e, por isso mesmo, volta a participar dos movimentos; e ficando fácil de movimentar-se, sob a pressão do ar ambiente, espalha-se sobre a terra. Cada um desses processos recebeu denominação especial: fundição, para a dissolução da massa, e liquefação, quan- 59 a do se derrama na terra. Escapando-se, pelo contrário, o fogo, como não sai para o vazio, o ar vizinho é recalcado e, por sua vez, empurra a massa líquida que ainda é fácil de deslocar, para os vazios deixados pelo fogo, e se combina homogeneamente com ela. O líquido assim comprimido, readquirindo sua uniformidade com a retirada do fogo que o deixara heterogêneo, retorna ao seu estado original. A saída do fogo foi denominada refrigeração, e a contração que se opera com sua retirada, solidificação. b De todas as águas que qualificamos como fusíveis, a mais

densa, porque composta de partículas finas e uniformes, única em sua espécie e de um colorido amarelo e brilhante, é o ouro, o mais precioso dos bens, que se filtrou através da terra e adquiriu consistência sólida. A pepita de ouro, em virtude da dureza e densidade muito próprias e de sua coloração escura, recebeu a denominação de adamante.

A outra espécie, formada de partículas semelhantes às do ouro e da qual há diversas variedades, em matéria de densidade é superior ao ouro e é mais dura do que este, por conter pequena quantidade de terra fina, e também c mais leve, visto apresentar em sua massa maiores intervalos; é dessa espécie de água brilhante e solidificada que provém o cobre. A porção de terra nele contida aparece na superfície quando, sob a ação do tempo, os dois elementos se separam; chama-se azinhavre.

Não é nada difícil explicar as outras substâncias desse tipo, sempre de acordo com o método de verossimilhança. Quando alguém põe de lado o estudo dos seres eternos e, à guisa de recreio, se entrega ao inocente jogo de considerar as razões plausíveis das coisas sujeitas ao d nascimento, opulenta sua vida com uma distração inocente e em tudo sábia. Como um divertimento desse tipo foram apresentadas estas considerações, que pretendemos desenvolver ainda mais, mediante argumentos adequados. A água misturada com fogo, fina e líquida por causa de sua mobilidade e do caminho percorrido ao rolar sobre o solo — donde veio ser chamada líquida e derramada — é também mole porque suas bases cedem facilmente, visto serem menos estáveis que as da terra, e quando se separa do fogo e do ar e se conserva à parte, torna-se uniforme e, e ao mesmo tempo, mais comprimida em si mesma, por motivo da saída desses dois corpos. Assim condensada, quando sofre essa mudança para cima da terra chama-se granizo, como será gelo quando tudo isso se dá na superfície; menos comprimida e congelada somente a meias, se for acima da terra, chama-se neve, e na sua superfície, como transformação do orvalho, geada.

A maior parte das misturas das diferentes variedades 60 a de água recebeu o nome genérico de sucos, filtrados através das plantas que a terra produz. Sua diferença se explica pela diversidade da composição da mistura, sem que a maioria deles recebesse denominação específica. Somente quatro espécies tomaram nomes próprios, as que contêm fogo em sua composição e são particularmente límpidas:

uma é o vinho, que aquece a alma juntamente com o corpo; a seguir, a espécie oleosa, que é lisa e divide a corrente visual e, por isso mesmo, aparece brilhante, luzidia e gordurosa à vista: pez, óleo de rícinio, óleo propriamente dito e os demais sucos dotados de igual propriedade; a que relaxa até sua condição natural os poros contraídos da b boca, e por essa propriedade produz a sensação de doçura, recebeu a denominação genérica de mel; por último, a que dissolve a carne ao queimá-la, gênero espumoso e distinto dos demais sucos, tem o nome de agraço.

XXV — Quanto às variedades de terra, a que sofreu compressão da água transforma-se em substância pétrea da seguinte maneira. Quando a água que dela faz parte se divide na mistura, adquire a forma de ar e, virando ar, c volta para o céu, que é seu lugar de origem. Mas, como à volta deles não há espaço vazio, esse ar empurra o ar vizinho, o qual, em virtude do peso, ao ser assim deslocado, se expande por sobre a massa de terra e a comprime com força, obrigando-a a ocupar os lugares deixados pelo ar recentemente formado. A terra comprimida pelo ar, de maneira que não possa ser dissolvida pela água, vira pedra, sendo mais bela a espécie transparente, quando constituída de partículas iguais e homogêneas, e feia, a de constituição oposta a essa. A espécie que se despojou de toda a d umidade pela ação rápida do fogo, de consistência mais quebradiça do que a outra, recebeu o nome de barro. Mas, por vezes, quando remanesce umidade, a terra se liquefaz sob a ação do fogo e, ao resfriar-se, transforma-se em pedra de colorido negro. Duas outras variedades, também, que, de igual modo, perderam grande quantidade de água em conseqüência da mistura, são constituídas de e partículas mais finas de terra e apresentam gosto salino; não chegam a solificar de todo e são dissolvidas de novo pela água. A primeira é a soda, usada para tirar manchas de óleo e de poeira; a segunda, que se combina agradavelmente nas misturas destinadas a agradar o paladar, é o sal, substância, de acordo com o uso corrente, agradável aos deuses. Quanto aos compostos desses dois corpos, terra e água, solúveis no fogo porém não na água, condensam-se pela seguinte razão. Nem o fogo nem o ar dissolvem as massas de terra, porque, sendo suas partículas menores do que os interstícios da estrutura da terra, encontram caminho de sobra para passar sem violência, e a deixam sem a dissolver nem fundir, ao passo que as partículas de água, por serem naturalmente maiores, forçam a

passagem e, assim, amolecem a terra e a dissolvem. Sem
61 a estar bastante comprimida, a terra só pode ser dissolvida desse modo pela água; mas se o estiver, nada poderá dissolvê-la, exceto o fogo, pois somente este consegue penetrá-la. A água, por sua vez, sob alta compressão, só é dissolvida pelo fogo; em grau menor, por ambos, o fogo e o ar, passando um pelos interstícios e o outro também pelos triângulos. O ar comprimido com violência, nada consegue dissolvê-lo, só podendo ser dividido em seus elementos; sem compressão forte, apenas o fogo o dissolve. Nos corpos compostos de terra e água, enquanto a água
b ocupa os interstícios da terra e os comprime com força, as partículas de água que vêm de fora não encontrando entrada e derramando-se por toda a massa, deixam-na sem a dissolver, enquanto as partículas de fogo abrem passagem pelos interstícios da água, pois o fogo atua sobre a água como a água sobre a terra, sendo eles os únicos agentes capazes de dividir os corpos compostos de terra e água e de fundi-los. Desses compostos, alguns contêm menos água do que terra: é o caso das diferentes
c variedades de vidro e das pedras ditas fusíveis; outros são mais ricos de água: tais são as substâncias sólidas, da natureza da cera e do incenso.

XXVI — Já tratamos de quase tudo o que se relaciona com as figuras, as combinações e as transformações dos corpos entre si. Resta-nos tentar uma explicação da origem de suas qualidades. Inicialmente, qualquer objeto de nosso estudo terá de provocar sensação; mas ainda não nos manifestamos acerca da carne e do que se relaciona com a carne, ou seja, a parte mortal da alma. Acontece, porém, que não se pode explicar convenientemente
d essa parte sem tratar das impressões sensíveis, nem destas sem falar do corpo e da alma; falar de todos ao mesmo tempo, não é possível. Será preciso, então, aceitar como demonstrada uma das partes, para, no fim, estudarmos a parte inicialmente aceita. Assim, para tratarmos logo das impressões de acordo com seus gêneros, admitamos como demonstrado tudo o que se relaciona com o corpo e a alma.

Para começar, apresentemos a razão por que dizemos que o fogo é quente, o que estudaremos observando
e a ação separadora e cortante do fogo sobre nossos corpos. Quer parecer-me que quase todos nós estamos em condições de confirmar que se trata de uma impressão essencialmente aguda. Para termos uma idéia da finura de suas

arestas, a acuidade dos ângulos, a pequenez de suas partes e a rapidez de seus movimentos, propriedades que deixam o fogo violento e cortante e capaz de seccionar facilmente tudo o que encontra, bastará lembrar como se formou sua figura, para compreendermos por que sua natureza é a mais capaz de todas para dividir os corpos e reduzi-los a pedacinhos, sendo daí que decorre a qualidade e o nome da impressão sensorial do que denominamos quente.

62 a

A impressão contrária ao calor é por demais evidente; mas nem por isso a deixaremos sem explicação. Dos líquidos que envolvem nosso corpo, sempre que nele entram os de partículas maiores, estas empurram as de menor volume. Mas, como não podem ocupar o lugar destas últimas, atuam por meio da compressão e da coagulação sobre a umidade existente em nós, solidificando o que era hetorogêneo e deixando imóvel o que se movimentava. Ora, todo corpo comprimido contrariamente à sua natureza, defende-se deslocando-se em sentido contrário. A essa luta e a esses abalos foram dados os nomes de tremor e calafrio, cabendo a denominação de frio ao conjunto dessas impressões e ao seu agente produtor.

b

Duro é o nome que se dá a tudo aquilo a que nossa carne cede, e mole, o que cede ao contacto de nossa carne. As mesmas expressões se aplicam aos objetos em suas relações recíprocas; cedem os que têm base pequena; as figuras constantes de quatro faces e dotadas de base firme são as mais resistentes, e porque contraídas ao máximo, extremamente rígidas.

c

Os conceitos pesado e leve poderão ser mais claramente explicados se os estudarmos juntamente com a natureza do que denominamos em cima e em baixo. É erro manifesto pensar que há, por natureza, duas regiões opostas, que dividem entre si o universo: a de baixo, para onde cai tudo o que tem massa corpórea, e a de cima, para onde nada se dirige a não ser com relutância. Uma vez que todo o céu é esférico, todos os pontos extremos, em virtude da igual distância do centro, terão de ter extremidades iguais umas às outras em todos os sentidos; e o centro, distando de todas as extremidades na mesma medida, deve ser concebido como o ponto oposto a elas todas. Sendo o cosmo assim constituído, qual dos pontos mencionados poderemos colocar em baixo ou em cima, sem incorrermos na censura de empregar expressão inadequada ? não se pode dizer que esteja no alto ou em baixo; acha-se, simplesmente, no centro enquanto a circunferên-

d

e

cia, sem dúvida, não poderá ser central, nada havendo que permita distinguir umas partes das outras, com referência ao centro, que não se encontre também nas partes que lhes sejam opostas. Ora, que nomes contrários podem ser aplicados ao que é uniforme em todas as direções, e em que sentido podem ser usados com propriedade? Se imaginássemos um corpo sólido, em equilíbrio no centro do
63 a todo universal, ele não se moveria na direção de nenhum dos pontos extremos, por serem todos perfeitamente iguais; e se alguém fosse capaz de andar à volta desse corpo, muitas e muitas vezes chegaria aos seus próprios antípodas e se referiria aos mesmos pontos como situado no alto ou em baixo. Sendo esférico o conjunto, conforme declaramos há pouco, não se justifica dizer que uma região está no alto e outra em baixo.

Qual seja a origem dessas expressões, e a que, na realidade, elas se aplicam, para que nos habituássemos
b a dividir nesses termos o conjunto do universo, é o que chegaremos a compreender se partirmos da seguinte suposição. Imaginemos um homem colocado na região do universo especialmente destinada para o fogo, onde se encontra a massa principal, para a qual o fogo se desloca, e também dotado de poder de destacar porções de fogo e de pesá-las nos pratos de uma balança: ao levantar os braços dessa balança e jogar com violência o fogo no
c ar, que é de natureza diferente, sem dúvida essa violência se exercerá com mais intensidade na porção menor do que na maior; porque, quando duas massas são levantadas ao mesmo tempo pela mesma força, necessariamente a menor cederá com mais facilidade a esse impulso, enquanto a maior lhe oferece resistência e cederá com dificuldade; de onde vem dizer-se que uma é pesada e tende para baixo, e a outra, leve, com disposição para subir. Ora, o que importa positivar é que procedemos exatamente desse modo no lugar em que nos encontramos. Colocados sobre a terra, quando procuramos fazer a distinção entre algumas substâncias terrosas e a própria terra, atiramo-las com força para o ar, elemento diferente, contra sua própria natureza; ambas tendem, en-
d tão, para o elemento originário; porém a menor cede a nosso impulso com mais facilidade que a maior, na direção do elemento estranho. Por isso mesmo, a denominamos leve, como dizemos que é alto o lugar para onde a forçamos a dirigir-se. Na hipótese contrária, empregamos os termos pesado e baixo. Conseqüentemente,

terá de variar a posição de coisas diferentes entre si, por ocuparem regiões opostas as massas principais das espécies. Realmente, se compararmos o que é leve ou pesado de uma região determinada, ou se encontre em cima ou em baixo dessa mesma região, com o que é leve ou pesado ou se ache em baixo ou em cima de uma região oposta àquela, verificaremos que todos esses objetos apresentam ou assumem direção oposta, ou oblíqua ou inteiramente diferente uns dos outros. A única particularidade a ser considerada em todos esses casos é que a tendência de cada espécie para o elemento de que é aparentada é que deixa pesado o objeto em movimento, e baixo o lugar para onde ele se dirige, enquanto os nomes contrários são aplicados a seus opostos. É o que nos competia dizer a respeito das causas de tais fenômenos.

e

Com relação às impressões do liso e do rugoso, qualquer pessoa, me parece, está em condições de perceber-lhes as causas e de explicá-las. O rugoso é resultante da combinação da dureza com a desigualdade, enquanto o liso provém da igualdade das partes com a densidade.

64 a

Ainda nos falta estudar um ponto de grande importância, com relação às afecções comuns ao corpo englobadamente considerado, e que diz respeito à causa dos prazeres e das dores que analisamos há pouco, bem como as impressões que atingem a sensação por intermédio dos órgãos do corpo e são acompanhadas de prazeres ou de dores próprios de cada sensação. Mas, para explicar a causa de qualquer impressão, seja ou não sensível, teremos de recordar, primeiro, a distinção feita acima entre a natureza facilmente móvel e a de difícil movimentação. É o único caminho que se nos patenteia para alcançarmos o que nos propusemos. Quando um órgão naturalmente fácil de mover recebe alguma impressão, embora transitória, ele a transmite à sua volta, passando-a cada partícula para outra, até atingir a consciência e anunciar-lhe a qualidade da força atuante. Mas, se se tratar de um órgão de natureza contrária, muito estável para transmitir ao redor a impressão, limita-se a recebê-la sem movimentar as partículas vizinhas; e como nenhuma transmite para as outras a impressão recebida, nem para a criatura viva, considerada como um todo, deixa de haver sensação. É o que se dá com os ossos, o cabelo e as demais partes do corpo, em grande parte constituídos de terra, enquanto as condições mencionadas antes dizem respeito à

b

c

vista e ao ouvido, por serem compostos, em sua quase totalidade, de ar e de fogo.

A natureza do prazer e da dor deve ser concebida da seguinte maneira. Toda impressão violenta e contra a d natureza, que se produz de repente, é dolorosa, enquanto a súbita volta ao estado normal é agradável; a impressão leve e gradual não é percebida, ao passo que a contrária a essa é de efeitos contrários. A que se produz com facilidade é sensível em alto grau, porém não comporta nem dor nem prazer, que é o que se dá com o próprio raio visual, que, conforme já explicamos, forma durante o dia um corpo em íntima conexão com o nosso. Nem cortes nem queimaduras nem nada lhe causa nenhuma sensação de dor, como também não sente prazer ao retornar à sua e primitiva condição, conquanto se trate de percepções intensas e muito claras, conforme as impressões sofridas e os corpos que, à sua passagem, ele venha a atingir, pois tanto a sua divisão como sua concentração se processam sem a menor violência. Por outro lado, os órgãos compostos de partículas maiores, que cedem a custo aos agentes atuantes e transmitem ao todo os movimentos, são passíveis de prazeres e de dores: dor, quando sofrem alguma 65 a alteração; prazer, quando voltam ao estado normal. Todos os corpos em que é gradual a mudança de sua condição normal ou a depleção, e cujo ressarcimento é súbito e abundante, são insensíveis à depleção, porém sensíveis ao enchimento, com o que só ensejam prazeres intensos à parte mortal da alma, sem nenhum sofrimento. Tal fato se torna manifesto nos casos de odores agradáveis. Mas, quando é súbita a alteração do estado normal, e gradual b e difícil a volta à primitiva condição, o efeito é exatamente o oposto, conforme se poderá observar nos casos de queimaduras e incisões no corpo.

XXVIII — Desse modo, explicamos mais ou menos as afecções comuns ao corpo, considerado como um todo, e indicamos os nomes dados aos respectivos agentes. Falta apontar — na medida de nossa capacidade — as afecções que ocorrem nos órgãos especiais do corpo, bem como os agentes responsáveis por cada uma em particular. c Inicialmente, precisaremos esclarecer, na medida do possível, o que omitimos há pouco, quando nos referimos aos sabores, ou sejam, as afeções peculiares à língua. Tais impressões, como, aliás, quase todas, parecem resultar de contrações e dilatações, porém mais do que as outras de-

pendem de certo grau de aspereza ou lisura dos corpos. Sempre que as partículas terrosas entram nas pequenas
d veias que se estendem até o coração e atuam como instrumento da língua para explorar os sabores e se põem em contacto com as porções úmidas e moles da carne, ao se liquefazerem contraem as pequenas veias e as dessecam, parecendo-nos adstringentes quando são mais rugosas, ou picantes, quando menos. As substâncias dotadas da propriedade de lavar as pequenas veias e de limpar a região da língua são denominadas acres quando produzem tal efeito além de certa medida, a ponto de atacar a substância da língua e de dissolver-lhe uma parte. Tal é a pro-
e priedade da soda. As de ação mais fraca do que a soda e que limpam moderadamente a língua são salinas; não revelam rugosidade acre e produzem sensação agradável.

As que absorvem o calor da boca e são por ela abrandadas, tornam-se mais causticantes e, por sua vez, queimam o órgão que as aqueceu, dirigem-se para cima, em virtude de sua leveza, para os sentidos da cabeça, e cor-
66 a tam tudo o que encontram. Todas as substâncias com essas propriedades são denominadas pungentes. Acontece, também, que as partículas reduzidas ainda mais, por efeito da putrefação, ao penetrar nas veias estreitas, e aí encontrando partículas de terra e de ar de tamanho proporcional ao seu, movimentam-nas e as misturam, e com o atropelamento resultante da passagem de umas pelas outras, produzem vazios que se dispõem ao redor das partículas provenientes de fora. Então, um líquido ôco,
b terroso ou puro, conforme o caso, se expande ao redor do ar, formando vasos úmidos de ar e glóbulos ôcos de água. Algumas, compostas de umidade pura e formando um invólucro transparente, são denominadas bolhas; outras, formadas de umidade terrosa em movimento, com tendência para subir, são conhecidas pelos nomes de ebulição e fermentação. Denomina-se ácido o que provoca esses fenômenos.

Todas as sensações contrárias às escritas acima são
c produzidas por causas contrárias. Quando as partículas que entram nos líquidos apresentam estrutura conforme a condição normal da língua, elas untam e alisam as partes ásperas, relaxam ou contraem as que se encontram anormalmente estreitadas ou dilatadas, reconduzindo tudo, na medida do possível, ao seu estado normal. Esse remédio das afecções violentas, sempre bem vindo e agradável, é o que denominamos doce.

d XXIX — Sobre esse assunto, é quanto basta. Com relação à faculdade localizada nas narinas, não há tipos definidos, porque todo odor é sempre formado pela metade, não havendo um único tipo de figura com as proporções necessárias para ter cheiro. As veias do olfato são por demais estreitas para a terra e para a água, e largas em excesso para o fogo e para o ar, razão de nunca ninguém haver sentido o cheiro de nenhum desses corpos; os odores só nascem em substâncias em vias de liquefação, decomposição, dissolução ou evaporação, e ocorrem nos es-
e tados intermédios dessas transformações, quando a água se muda em ar e o ar em água. Todo cheiro é fumo ou névoa; névoa, quando o ar se encontra no ponto de transformar-se em água, e fumo, quando é a água que se transforma em ar. Por isso mesmo, todos os odores são mais finos que a água e mais espessos do que o ar. Sua natureza é claramente percebida quando se aspira com força o ar através de algo que impeça sua passagem; em situações tais, nenhum odor se filtra juntamente com o ar; só penetra o ar despojado de qualquer cheiro. Essa a razão de só
67 a haver duas classes de odores, e assim mesmo privadas de denominações especiais, por não consistirem de um número definido de tipos simples, só sendo cabível falar de uma dupla distinção: odores agradáveis e odores desagradáveis: uns irritam e violentam toda a cavidade que vai do alto da cabeça ao umbigo; outros aliviam essa mesma cavidade e a reconduzem agradavelmente ao seu estado natural.

Passando a considerar o terceiro órgão das sensações,
b relacionado com o ouvido, precisaremos explicar as causas de sua maneira de atuar. De modo geral, podemos definir o som como uma percussão do ar no cérebro e no sangue através dos ouvidos, até atingir a alma; o movimento daí resultante, que começa na cabeça e termina na região do fígado, é o ouvido. O movimento rápido produz som agudo; quanto mais lento for, mais grave será o som sendo uniforme, o som é igual e doce, como será rude na hipótese contrária. É bastante alto, quando o movimento
c é grande, e fraco quando é pequeno. Quanto ao acordo dos sons entre si, é assunto com que nos ocuparemos na ocasião oportuna.

XXX — Ainda há uma quarta espécie de sensações que exige classificação à parte, visto abranger muitas variedades, a que daremos o nome genérico de cores. É uma

flama que se escapa de todos os corpos e cujas partículas são proporcionais à vista para produzir sensação. Já explicamos antes as causas da origem da visão; é natural, d agora, e, sobretudo, conveniente, apresentar uma explicação razoável das cores. Dentre as partículas que se destacam dos corpos e atingem a vista, algumas são menores e outras maiores que o próprio raio visual; como também podem ser de iguais dimensões. As do mesmo tamanho são imperceptíveis, donde lhes veio a denominação de transparentes. As menores e as maiores, que apertam ou dilatam, respectivamente, o raio visual, são análogas às e partículas quentes ou frias que atuam sobre a carne, as adstringentes, de ação abrasadora sobre a língua e a que demos o nome de picantes. São partículas brancas e negras, de ação idêntica à do frio e do quente, porém, de um gênero diferente e que, por isso mesmo, se apresentam sob outro aspecto. Em conseqüência, a classificação mais consentânea será a seguinte: branco, para o que dilata o raio visual; preto, para o que produz efeito contrário. Quando outra espécie de fogo de movimento mais rápido atinge o raio visual e o dilata até os olhos e neles penetra com violência, dissolvendo-lhe a abertura, provo-68 a ca a descarga de água e fogo a que damos o nome de lágrima; quando esse movimento, que também é fogo, avançar ao seu encontro lançando fogo para fora à maneira de um raio, enquanto o fogo entrante se apaga em sua umidade, nascem dessa confusão as mais variadas cores. A essa impressão damos o nome de ofuscamento, e do agente produtor dizemos que é esplendente e brilhante.

b Há também uma variedade de fogo intermédio entre esses dois, que atinge a umidade dos olhos e com ela se mistura, mas não tem brilho; a irradiação do fogo através da umidade com a qual ele se mistura adquire colorido escuro, a que damos o nome de vermelho. O brilhante misturado com o vermelho e o branco se torna amarelo. Quanto à proporção dessas misturas, ainda que se chegasse a conhecer, não fora prudente enunciá-la, por ser matéria em que ninguém pode indicar por maneira satisfatória nem a razão necessária nem a provável de semelhante fato. O vermelho misturado com branco e preto dá c púrpura, como dará violeta sempre que os ingredientes ficam mais queimados e à mistura é acrescentado mais preto. O fulvo provém da mistura do amarelo com cin-

zento; o fusco, da do branco e de negro; e o ocre, da combinação de branco com amarelo. O branco combinado com o brilhante e caindo no negro carregado, dá um colorido azul escuro; o azul escuro misturado com branco dá verde gaio; o fulvo com o preto dá verde.

d Esses exemplos esclarecem as combinações que precisamos admitir para explicar com certa probabilidade o aparecimento das outras cores. Mas, qualquer tentativa no sentido de tirar a prova de semelhantes fatos argui ignorância da diferença existente entre a natureza humana e a divina, pois somente Deus dispõe de poder e conhecimento para misturar o múltiplo na unidade, ou o inverso: dissolver a unidade na multiplicidade, ao passo que o homem nem é capaz agora de realizar essas duas operações nem jamais chegará a realizá-las no futuro.

e Tudo isso, assim constituído primitivamente segundo a necessidade, o Demiurgo tirou da mais bela e melhor das coisas que nascem, quando criou a divindade mais perfeita e que se basta a si mesma. Servia-se de causas dessa ordem como de auxiliares, enquanto ele próprio deixava bem organizadas as coisas sujeitas ao nascimento. Daí, precisarmos distinguir duas espécies de causas: a necessária e a divina. Devemos procurar a divina em todas as coi- 69 a sas, a fim de alcançarmos a vida tão feliz quanto o permite nossa natureza; e a necessária, por amor da divina, considerando que sem ela é impossível conceber ou compreender isoladamente os objetos de nosso estudo nem participar deles de qualquer maneira.

XXXI — E agora que temos à mão, devidamente separado, todo o material para nossa construção, a saber, as causas por nós distinguidas e que vão servir para concluirmos o edifício de nosso discurso, recapitulemos em poucas palavras o que expusemos no começo, e com passos rápidos alcancemos o ponto que nos ensejou, pela se- b gunda vez, a presente posição, com o que procuramos arrematar este relato da maneira mais condizente com a exposição anterior.

Conforme ficou dito desde o princípio, tudo estava em desordem quando a divindade introduziu proporção nas coisas, tanto nelas como em suas relações recíprocas, na medida e da maneira que elas admitiram proporções e simetria. Pois no começo nenhuma coisa participava de proporção, a não ser por acaso, não havendo nenhuma que merecesse ser designada pelos nomes que hoje lhes

aplicamos: fogo, água e o restante. Pôs tudo em ordem, e
c com tais elementos formou este universo, animal único que em si próprio contém todas as criaturas mortais e imortais. O construtor do divino foi ele mesmo; mas a tarefa da geração dos seres mortais ele confiou a seus filhos. Imitando-o nesse particular, depois de receberem o princípio imortal da alma, aprestaram em torno dela uma sede mortal de forma globosa, a que deram como veículo todo o corpo, no qual construíram outra espécie de alma, de natureza mortal, cheia de paixões terríveis e
d fatais: em primeiro lugar, o prazer, a maior isca do mal; depois, as dores, causa de fugirem os bens, e também a coragem e o medo, dois conselheiros imprudentes, assim como a cólera difícil de convencer, e a esperança, tão fácil de burlar. Então, misturando essas paixões com a sensação irracional e o amor que não recua de nenhuma aventura, compuseram a raça mortal, segundo a lei da necessidade. Receando, sem dúvida, poluir com isso a parte divina, salvo nos casos de estrita necessidade, apartaram
e dela o princípio mortal e o alojaram noutro compartimento do corpo, e à guisa de istmo e de limites entre a cabeça e o peito construíram o pescoço, a fim de conservá-los separados. No peito, pois, e no que se chama tronco prenderam o gênero mortal da alma. E como uma parte da alma é de natureza mais nobre, e a outra, mais baixa, estabeleceram nova divisão através da cavidade do torax, como quem dos apartamentos dos homens separa os
70 a das mulheres, colocando de permeio o diafragma.

A porção da alma que participa da coragem e da cólera e ambiciona a vitória, eles alojaram perto da cabeça, entre o diafragma e o pescoço, para ficar em condições de ouvir a razão e a ela aliar-se, a fim de dominar pela força a tribo dos desejos, sempre que estes se recusarem a obedecer à ordem de comando partida da cidadela.

Ao coração, nó das veias e fonte do sangue que cir-
b culam com força nos membros, eles atribuiram um posto de guarda, para que, ao receber alguma mensagem da razão de que algo injusto ocorre nos membros, quando o arrebatamento da cólera fervesse, ou por causas externas ou por desejos internos, cada órgão dos sentidos do corpo possa rapidamente perceber por todos os canalículos as ordens e as ameaças da razão e obedecer-lhes, conformados em tudo, e permitindo, assim, que a parte mais nobre
c se afirme como dirigente deles todos. Todavia, para

obviar os batimentos do coração, na expectativa de perigos e na exacerbação da cólera, prevendo os deuses que tais estos de paixão eram provocados pelo fogo, imaginaram um recurso, com a implantação da estrutura do pulmão, mole e desprovido de sangue e, ademais, cheio, por dentro de cavidades furadas como esponja, para que, ao receber o ar e os líquidos, refrescasse o coração e lhes en-
d sejasse algum alívio, com aplacar aquela ardência. Por essa razão, abriram para os pulmões os canais da traquéia-artéria e os dispuseram ao redor do coração, à maneira de um coxim, para que o coração, no instante em que a cólera, dentro dele, atinge seu paroxismo, se fatigue menos, ao bater numa substância mole, a um tempo, e refrescante, e sirva melhor à razão, de comum acordo com o princípio irascível.

XXXII — A parte da alma que apetece comer e beber e tudo o mais de que necessita para a preservação da natureza do corpo, os deuses alojaram no limite compre-
e endido entre o diafragma e o umbigo, e construíram nessa região uma espécie de manjedoura para a alimentação do corpo, onde acorrentaram essa parte, como a um animal selvagem, mas que é preciso alimentar assim preso ao conjunto, para que possa existir a raça mortal. Aí a localizaram os deuses, para que, sem parar de comer na sua manjedoura e tão longe quanto possível da porção deliberativa, não a perturbasse com tumultos e clamores, a não ser no estritamente indispensável, permitindo, desse modo,
71 a que a parte mais nobre deliberasse tranqüilamente, no interesse de todos e de cada um em particular. E porque sabiam que ela jamais compreenderia os argumentos da razão, e mesmo que, de algum modo, chegasse a pressentir-lhes a presença, não condizia com sua natureza preocupar-se com raciocínios, senão deixar-se, dia e noite, seduzir por imagens e fantasmas, obviando a esse inconveniente a divindade concebeu a forma do fígado e o colocou na
b mesma região do corpo, providenciando para que ele fosse compacto, brilhante e liso, e, simultaneamente, amargo e doce, para que a força do pensamento proveniente da razão ali se refletisse como num espelho capaz de receber impressões e devolver imagens visíveis. Essa influência poderia infundir temor na alma sempre que, fazendo uso do amargor próprio do fígado, ela se apresenta terrível e ameaçadora, e impregnando todo o fígado com esse amargor, faz aparecer nele a cor biliosa, e contraindo-o, deixa-o rugoso e áspero, ao mesmo tempo

c que dobra ou encurta ou obstrui os lobos, os vasos ou a porta do fígado, causando com isso dores e náuseas. Porém, quando um sopro doce, oriundo da inteligência, pinta no fígado imagens contrárias e atenua seu amargor, porque lhe repugna despertar imagens opostas à sua própria natureza, ou tocá-las de algum modo, preferindo atuar sobre a alma apetitiva com uma doçura de natureza muito próxima da do fígado, para, com isso, restituir a d todas as partes sua posição direita, o brilho e a liberdade, deixa alegre e serena a porção da alma alojada ao redor do fígado, permitindo-a passar calmamente a noite e entregar-se, durante o sono, à adivinhação, visto como não participa da razão nem do entendimento. Porque as divindades que nos configuraram, lembradas das recomendações paternas para que fizessem a raça mortal tão perfeita quanto possível, procuraram endireitar até mesmo essa porção inferior de nossa natureza, estabelecendo aí a sede da adivinhação, para que ela pudesse e atingir, de algum modo, a verdade.

A prova de que Deus concedeu aos homens a adivinhação para suprir sua ignorância, é que ninguém no estado normal consegue adivinhar com inspiração e verdade, mas apenas no sono, quando a força do entendimento está presa ou desviada por alguma desordem orgânica, senão mesmo por influição divina. Compete ao mesmo homem, no seu estado normal, procurar lembrar-se das palavras ouvidas no sono ou no estado de vigília, pelo dom profético ou pelo entusiasmo, e sobre elas refletir, submetendo à prova do raciocínio todas as visões percebidas naquelas 72 a condições, para saber de que maneira e a quem elas anunciam algum bem ou mal futuro ou passado ou presente. Mas o homem em estado de delírio e que ainda não voltou a si, não apresenta condições para julgar suas próprias visões ou enunciados. É muito verdadeiro o velho brocardo, de que somente aos sábios compete cuidar de seus próprios negócios e conhecer-se a si mesmo. Essa é a origem da lei que instituiu a raça dos profetas para julgar as b inspirações divinas. Há quem os chame de adivinhos; mas, os que assim procedem ignoram de todo em todo que eles são intérpretes de palavras e de visões misteriosas; o nome mais certo, portanto, não será o de adivinho, mas o de profeta das coisas reveladas pela adivinhação.

Essa a razão de ter o fígado a natureza e a localização a que nos referimos: com vistas à adivinhação. En-

mitivos triângulos, regulares e polidos, que eram os mais capazes de produzir o fogo a água o ar e a terra, a divindade separou cada um deles de seus próprios gêneros,
c misturou-os na devida proporção e com eles fez a medula, obtendo, desse modo, a semente universal de toda espécie sujeita à morte. De seguida, implantou e fixou aí as diferentes espécies de alma, e desde o começo de sua distribuição original dividiu a medula em número igual de figuras que cada espécie deveria receber. Deu forma perfeitamente esférica ao terreno arável, por assim dizer, que deveria receber a semente divina, tendo denominado
d encéfalo essa parte da medula, para indicar que, depois de terminada a feitura dos animais, serviria a cabeça de vaso para abrigá-la. A outra parte, destinada a reter a porção mortal da alma, ele dividiu em figuras a um tempo redondas e alongadas, a que deu o nome genérico de medula, e nelas, à maneira de âncoras, fixou todos os laços da alma, construindo ao redor disso nosso corpo, depois de haver envolvido previamente tudo com um tegumento ósseo.

e Os ossos ele construiu da seguinte maneira: Depois de haver passado no crivo terra pura e lisa, amassou-a e umedeceu-a com a medula, levou-a ao fogo e mergulhou-a na água, e mudando-a, assim, de um elemento para outro, deixou-a insolúvel para os dois. Com essa matéria ele confeccionou uma esfera óssea à volta do cérebro da criatura, na qual só deixou uma pequena passagem. De segui-
74 a da, plasmou vértebras à volta da medula do pescoço e do dorso, que fixou para sustentá-las, à guisa de pinos, na cabeça e em toda a extensão do tronco. Assim, para proteger a semente, fechou-a num cercado de pedra, no qual dispôs articulações, utilizando-se, neste passo, da natureza do Diferente, inserta por entre aquelas, a fim de permitir os movimentos e as flexões. Considerando, ainda, que a contextura da substância óssea era mais quebradi-
b ça e rígida do que convinha, e também que, se viesse a aquecer-se demais e a resfriar-se logo depois, se alteraria e estragaria rapidamente a semente guardada no seu interior, para obviar tal inconveniente imaginou as espécies dos nervos e da carne,de tal modo que, ligando todos os membros com tendões que se contraem e relaxam ao redor dos respectivos pinos, deixassem o corpo capaz de flectir-se e distender-se, enquanto a carne serviria de proteção contra o calor excessivo e de abrigo para o frio, e também contra as quedas, à maneira de peças do vestuá-

c rio forradas com feltro, por ceder branda e molemente à pressão dos corpos duros. Ademais, é dotada de umidade quente, o que lhe permite, na época do calor, com a transpiração, umedecer por fora o corpo, ensejando-lhe, desse modo, um frescor natural, e o contrário disso: durante o inverno, valer-se desse fogo para defendê-lo com eficácia contra os assaltos externos do frio ambiente.

Levando tudo isso em consideração, a divindade que nos modelou como se o fizesse em cera, preparou uma mistura harmônica de água fogo e terra, na qual acrescen-
d tou um fermento composto de ácido e sal, aprestando, desse modo, a carne mole e rica em sucos. Os nervos ele fez de uma mistura de osso e de carne, sem fermento, compondo com esses dois ingredientes uma única substância de propriedades intermediárias. Essa, a razão de serem os nervos de constituição mais tensa e consistente do que a carne, porém mais mole e mais úmida do que o osso. Com eles a divindade envolveu os ossos e a medula, ligando os ossos entre si por meio dos nervos e sombreando todos eles com uma cobertura de carne.

e Os ossos que continham mais alma, ele envolveu em menor quantidade de carne, e os que por dentro eram menos animados, com camada espessa e abundante. Contudo, nas articulações dos ossos, onde a razão não via necessidade de acumular muita carne, colocou menos, para não dificultar a flexão dos membros nem deixar enrijado o corpo e com os movimentos duros, e também com o propósito de evitar que a rigidez resultante da presença de muitas camadas superpostas de carne provocasse insensibilidade do corpo, enfraquecesse a memória e tornasse obtusa a inteligência. Por essa razão, as coxas e as pernas,
75 a a região dos quadris, os ossos do braço e do antebraço e todos os que são desprovidos de articulação, e bem assim os do interior do corpo, que só foram contemplados com pequeníssima porção de alma nas respectivas medulas e, por isso mesmo, não participam de inteligência, todos foram amplamente revestidos de carne; e o contrário: com mais parcimônia os dotados de inteligência, salvo nos casos em que a divindade formou alguma massa de carne para sede da sensação, como se deu com a estrutura da língua. Mas, de regra, procedeu daquela forma, porque
b a constituição natural do que nasce por necessidade não admite, absolutamente, a coexistência de osso espesso

com abundância de carne e uma sensibilidade muito viva. A não ser assim, vindo a coincidir os dois caracteres, a estrutura da cabeça, mais do que todas, os teria reunido, e a raça humana, provida com uma cabeça carnuda, nervosa e forte, gozaria de uma vida duas vezes, digo, muitas vezes mais longa, mais sadia e, sobretudo, isenta de sofrimento, do que presentemente se observa. Mas, o certo é que os artistas de nossa formação, ante o dilema de criar uma raça de vida longa, porém inferior, ou de vida mais c curta e melhor, chegaram à conclusão de que a vida mais curta e melhor era, a todas as luzes, preferível à vida longa e menos nobre. Esse, o motivo de haverem protegido a cabeça com osso fino, porém sem nervos nem carne, uma vez que não possuía articulações. Por todos esses fatores, a cabeça ligada ao corpo humano é mais sensível e inteligente, porém mais fraca do que o resto do corpo. d Por isso e dessa maneira foi que a divindade dispôs os nervos na base da cabeça e em torno do pescoço, e aí os soldou com uniformidade, fixando neles a extremidade da mandíbula, logo abaixo do rosto. Os demais, distribuiu-os pelos membros para ligar as articulações entre si. A boca, seus organizadores a dispuseram como presentemente a vemos, com dentes, língua e lábios, em vista da necessi- e dade e do bem, a saber, como entrada de coisas necessárias e saída de melhores ainda, pois tudo o que entra à guisa de alimento para o corpo é necessário, enquanto a corrente de palavras que se escoa de nossos lábios a serviço da inteligência é a melhor e mais bela das correntes.

Com referência à cabeça, não era possível deixá-la provida apenas de seu revestimento ósseo e exposta aos rigores alternados das estações, nem abafá-la sob uma camada espessa de carne, que a tornasse embotada e in- 76 a sensível. Assim, da carne que ainda não estava completamente seca foi separada uma folha bastante larga, a que hoje damos o nome de pele. Graças à umidade do cérebro, essa pele cresceu e se fechou sobre si mesma, de forma que revestiu a cabeça em toda sua extensão, e a umidade que porejava das suturas irrigou-a e a fechou no alto da cabeça, como uma espécie de nó. As suturas adquiriram as mais diferentes formas e resultaram das revoluções da alma e de sua alimentação, sendo mais numerosas quando a luta entre esses dois elementos é mais viva, ou b de menor número, quando menos violenta. Toda essa pele, a parte divina perfurou com fogo em torno da cabeça,

e quando a umidade escapou através dos furos nela praticados, desapareceu a umidade e o calor que se conservavam puros; mas a porção formada dos mesmos ingredientes da pele, levantada pelo movimento, estendeu-se para o exterior, sob a forma de um longo filamento da dimensão da punctura nela praticada; mas, em virtude da lentidão de seu movimento, foi repelido pelo ar exterior do ambiente, com o que se enrolou embaixo da pele, onde
c criou raiz. Foi segundo esse processo que nasceram os cabelos da pele, substância filiforme de igual natureza da pele, porém mais dura e mais densa por causa da compressão resultante do resfriamento, com o que se esfria e condensa cada fio de cabelo destacado da pele. De acordo com o processo indicado, foi que o nosso criador nos deixou com a cabeça revestida de cabelos, por imaginar que, em vez de carne, os cabelos serviriam de tegu-
d mento para proteger o cérebro, bastante leve, mas suficiente para fornecer sombra no verão ou abrigo no inverno, sem prejudicar em nada as impressões sensíveis.

Ademais, no ponto em que os nervos, a pele e os ossos se entrelaçam em nossos dedos, um composto dessas três substâncias, quando ressecadas, formou uma pele única, bastante dura, que a todos envolve.

Organizaram-nas as causas acessórias a que já nos referimos; mas a verdadeira razão e seu fim precípuo era o
e bem das futuras gerações. Os que nos construíram sabiam perfeitamente que as mulheres e os animais nasceriam dos homens, como também tinham perfeito conhecimento de que muitas criaturas viriam a precisar de unhas para diferentes usos. Daí terem concebido os homens, desde sua formação, com rudimentos de unhas. Por essa razão e com tal propósito fizeram nascer cabelos e unhas na pele da extremidade dos membros.

XXXIV — Depois que todas as partes e membros do animal mortal foram reunidos naturalmente, verificou-se
77 a ser fatal que ele passasse a vida cercado de fogo e de ar, que, de contínuo, o dissolveriam e esvaziariam, vindo ele, com isso, a perecer. Daí, excogitaram os deuses um recurso para obviar esse inconveniente. Combinando outras formas e outros sentidos com uma substância de natureza aparentada com a do homem, plasmaram seres de constituição diferente: são as árvores, as plantas e as sementes com que posteriormente se ocupou a agricultura e aper-
b feiçoou para nosso proveito, pois antes só havia espécies

selvagens, todas elas mais antigas do que as cultivadas. Tudo o que participa da vida, a justo título merece a denominação de animal ou ser vivo. O gênero a que nos referimos neste momento participa da terceira forma de alma, cuja sede dissemos estar situada entre o diafragma e o umbigo e nada tem que ver com a opinião, o raciocínio e a inteligência, mas apenas com as sensações agradáveis ou desagradáveis e com os apetites. É de condição eminentemente passiva, não lhe permitindo sua formação a capacidade de observar a natureza de suas próprias afecções e de refletir a seu respeito, com voltar-se em si e sobre si mesmo, rejeitando o movimento externo e só se valendo do interior. Vive, sem dúvida, como qualquer animal, mas está preso ao solo, imóvel e enraizado, por carecer da faculdade de movimentar-se.

c

XXXV — Quando nossos superiores plantaram todas essas espécies para sustento de nossa natureza, mais fraca do que a deles, abriram canais através de nosso corpo, como é costume fazer-se nos jardins, para que ele fosse irrigado como à passagem de um ribeiro. Primeiro, traçaram duas veias dorsais, à guisa de canais, ocultas pela juntura da pele e da carne, em correspondência com a dupla constituição do corpo, com os lados direito e esquerdo. De seguida, dispuseram-nas ao longo da espinha dorsal, abarcando em seu percurso a medula geradora, para que esta conservasse todo o seu vigor e também para maior facilidade do escoamento, de cima para baixo, e uniforme irrigação das outras partes. Depois disso, dividiram as veias próximas da cabeça e as cruzaram, fazendo cada uma seguir em direção oposta, de forma que as da direita se inclinassem para o lado esquerdo do corpo, e vice-versa: as do lado esquerdo para a direita. Ao mesmo tempo, ajudariam a pele a prender a cabeça ao corpo, visto não haver nervos que contornassem a cabeça na direção do vértice, e também para que o corpo, considerado como um todo, fosse informado das percepções sensíveis dos membros de um ou do outro lado.

d

e

Ao depois, organizaram um sistema de irrigação segundo um plano que se tornará facilmente compreensível, se antes nos pusermos de acordo sobre o princípio de que os compostos de partículas menores não deixam passar os de partículas maiores, e que os maiores não retêm os menores. A esse modo, sendo o fogo a espécie composta de partículas menores, atravessa o ar, a água e todos os seus

78 a

compostos, sem que nada possa detê-lo. O mesmo princípio deve ser admitido no que ocorre na cavidade do ventre, pois quando os alimentos e as bebidas aí caem, ela os
b retém, o que não se dá com o ar e o fogo, compostos de partículas pequenas. Foi desses elementos que a divindade se valeu, no sentido de passar os humores do ventre para as veias, tecendo uma tela de ar e fogo, à maneira de covo de pescador, com dois funis na entrada, um dos quais, por sua vez, foi aberto em forma de forquilha. A partir desses funis secundários, espalhou uma espécie de junco, circundando toda a extensão da tela, de modo que apanhasse suas extremidades. Compôs de fogo todo
c o interior da tela, e de ar os funis secundários com seu envoltório, e dispôs do seguinte modo esse conjunto no animal assim formado: localizou no alto da boca a parte constante dos dois funis secundários, e, por ser dupla, prolongou para baixo um dos funis, através da traquéia-artéria, até os pulmões, e o outro, na direção do ventre, também através da traquéia-artéria. O primeiro funil ele dividiu em duas partes, para as quais ensejou uma saída comum pelos canais do nariz, de forma que, quando não
d funcionasse a outra passagem, a da boca, todas as correntes pudessem ser enchidas pelo nariz. O resto da porção envolvente do covo serviu para revestir a face interna do corpo, de modo tal, que ora tudo passa pelos funis — brandamente, por serem compostos de ar — ora os funis passam para trás e a rede penetra no corpo, que é poroso, para sair mais adiante, ao tempo em que os raios do fogo por todo o interior acompanham o duplo movimento do ar com que se encontram misturados, processo esse que
e não se interrompe enquanto subsiste o animal. Acrescentemos que a divindade incumbida de dar nome às coisas designou esse fenômeno pelos termos de inspiração e expiração. Toda essa atividade e esses efeitos têm por fim alimentar o corpo e mantê-lo vivo,com irrigá-lo e refrescá-lo continuamente. Porque todas as vezes que entra e sai a corrente respiratória, acompanha-a em suas oscilações o fogo que se lhe apega por dentro, atravessa o
79 a ventre, apreende os alimentos e as bebidas, dissolve-os e os divide em pedacinhos, dispersando-os pelos condutos dispostos no seu trajeto, para descarregá-los nas veias, como se extravasa a fonte nos canais, fazendo que atravesse o corpo, à guisa de aqueduto, a corrente das veias.

XXXVI — Voltemos a considerar o fenômeno da

respiração, para estudar as causas que o deixaram como
b presentemente se encontra. É o seguinte: Uma vez que não há nada vazio, em que possa penetrar algum corpo em movimento, e que o ar respirado nos vem de fora, é evidente para todos que esse ar não entra no vazio, mas expulsa de seu lugar o ar circunjacente. Por sua vez, o ar assim impelido empurra seu vizinho, e como conseqüência dessa necessidade forçosa, todo o ar se desloca em círculo até atingir de novo o ponto de onde se inicia a respiração, aí penetra e ocupa o lugar deixado pelo ar
c expirado, o que ocorre simultaneamente, à maneira do movimento de uma roda, visto não haver vazio em parte alguma. Conseqüentemente, sempre que o peito e o pulmão jogam para fora o ar, enchem-se com o ar que envolve o corpo, o qual passa através das carnes porosas, em seu movimento rotativo; e o oposto: quando esse ar é rejeitado e atravessa o corpo, empurra para o interior do corpo o ar inspirado pelas passagens da boca e das narinas. A causa inicial desse processo deve ser explicada da
d seguinte maneira: em todo animal são mais quentes as partes internas à volta do sangue e das veias, como se dispusessem de uma fonte de fogo. Por tal razão, comparamos essa região ao tecido de nosso covo, quando dissemos que sua porção central era tecida de fogo, enquanto as demais o eram de ar pelo lado de fora. Neste passo, teremos de reconhecer que o calor se desloca naturalmente para sua região e o elemento que lhe é aparentado; e como só há duas saídas: uma através do corpo, e outra pela
e boca e narinas, sempre que o calor comprime o ar de uma região, provoca movimento circular no da região contrária, aquecendo-se este ar assim empurrado, ao cair no fogo, enquanto se esfria o ar expelido. E como o calor muda de lugar e fica mais quente o ar da outra saída, o ar mais quente é propenso a tomar essa direção, por isso mesmo que se dirige para sua própria substância, com o que imprime movimento circular no ar da saída oposta. Por sua vez, este sofre iguais efeitos e reage da mesma maneira. A esse modo, os dois impulsos contrários produzem o movimento de uma roda que virasse para um lado ou para outro, dando nascimento à inspiração e à expiração.

XXXVII — É segundo tal princípio que devemos ex-
80 a plicar a ação das ventosas medicinais, o processo da deglutição e a trajetória dos projéteis, tanto os que são lançados no ar como os que se deslocam rente ao solo, e bem

assim os sons que se nos apresentam como rápidos ou lentos, agudos ou graves, ou sejam dissonantes, em virtude dos movimentos dissemelhantes que produzem em nós, ou consonantes, por haver correspondência entre nós e eles. Porque os sons mais lentos alcançam os movimentos dos sons mais rápidos que os precedem, quando estes di-
b minuem de velocidade e se identificam com os chegados por último, movimentando-se mais lentamente. Assim procedendo, os sons mais lentos não causam nenhum desarranjo por alteração do movimento; da junção do começo de um movimento mais lento, em conformidade com o que era rápido mas começa a perder velocidade, e da mistura do agudo e do grave resulta um efeito único, que tanto causa prazer aos ignorantes como proporciona alegria aos sábios que identificam os movimentos mortais com a harmonia divina.

Há também os casos das correntes de água, a queda
c dos raios e a maravilhosa atração que possuem o âmbar e a pedra de Héracles. Nenhum desses corpos abriga a verdadeira força atrativa; mas, pelo fato de existir o vácuo e de se entrechocarem em círculo todos esses corpos, que se desintegram ou se combinam, mudando a todo instante de lugar e dirigindo-se cada um para o que lhe é próprio: são essas ações complexas e entrelaçadas que dão origem àqueles efeitos admiráveis, como se convencerá facilmente quem os estudar com cuidado.

d XXXVIII — A função da respiração, ponto de partida de nosso discurso, também se formou do mesmo modo e segundo igual princípio, conforme explicamos há pouco. O fogo divide os elementos e oscila dentro de nós, por acompanhar a respiração, e nesse movimento para cima ele enche as veias do baixo-ventre, bombeando para seu interior as partículas divididas que se acharem no ventre. É assim que a corrente da alimentação se espalha por todo o corpo dos animais. Essas partículas de subdivisão recente, todas elas oriundas de substância da mesma natu-
e reza ou de frutos ou de ervas que a divindade fez crescer expressamente para servir-nos de alimento, apresentam as mais variadas cores, em decorrência de sua mistura, com predominância do vermelho, obra exclusiva do fogo, que divide a umidade e nela imprime sua marca característica. Essa a razão de apresentar o que corre no nosso corpo o colorido a que nos referimos: o que denominamos sangue alimenta as carnes e todo corpo; dele é que as diferentes

81 a partes do corpo retiram água para encher a base das porções esvaziadas. O modo de repleção e de esvaziamento é igual ao movimento de tudo o que há no universo e que dirige cada coisa para sua própria espécie. Realmente: os elementos que nos sitiam pelo lado de fora não cessam de dissolver-nos e de dividir nossa substância, enviando para cada espécie as partículas que lhe são aparentadas. O mesmo passa com o sangue: subdividido dentro de nós em partículas diminutas e contido no organismo de todo ser
b vivo, que para ele é como o céu,vê-se obrigado a imitar os movimentos do universo. Assim, cada fragmento da substância subdividida enche as porções esvaziadas, por dirigir-se para as que lhe são da mesma natureza. Quando a perda é maior do que o afluxo, as coisas diminuem de volume; quando é menor, aumentam e crescem. Por essa razão, quando é jovem a estrutura de todo o ser vivo, e os triângulos dos corpos constituintes ainda são novos, como saídos de pouco do arsenal, suas articulações são firmes e bem ajustadas entre si, conquanto seja branda a consis-
c tência de toda a massa, dada a sua formação recente por parte da medula e por ter sido criada com leite. Por serem mais velhos e mais fracos do que os seus os triângulos componentes dos alimentos e das bebidas que vêm de fora e são englobados pelo organismo vivo, este os domina e com seus triângulos novos os corta em pedacinhos, do que resulta crescer o animal, por alimentar-se bem de substância igual à sua. Mas quando a raiz dos triângulos se relaxa em conseqüência dos freqüentes combates que por tanto tempo teve de sustentar contra numerosos adversá-
d rios, eles não podem dividir e assimilar os triângulos que entram com os alimentos; aqueles é que são facilmente divididos pelos que vêm de fora. É como deperece o animal, vencido nessa luta, estado a que damos o nome de velhice. Por último, quando os laços fixadores dos triângulos da medula, relaxados pela fadiga, não mais os sustentam, permitem, por sua vez, que se desfaçam os da
e alma, que, libertada segundo a natureza, se evola com alegria. Pois, se é doloroso tudo o que for contrário à natureza, o que naturalmente acontece é agradável. Essa a razão de ser dolorosa e violenta a morte conseqüente a doenças ou a ferimentos, ao passo que a que vem arrematar o curso natural da velhice é a menos gravosa, sendo mais associada ao prazer do que à dor.

XXXIX — De onde vêm as doenças é o que, sem dúvida, todos compreenderão facilmente. Sendo quatro os

82 a gêneros que entram na composição do corpo: terra fogo água e ar, sempre que contrariamente à natureza há carência ou excesso desses elementos ou mudança da sede própria para um lugar estranho, ou então, visto haver mais de uma variedade de fogo e dos outros elementos, quando predomina nalguma parte do corpo uma variedade que não lhe é adequada, ou por outra causa do mesmo tipo, surgem as desordens e as doenças. Quando um desses elementos altera sua natureza ou muda de lugar aquecem-se as partes que antes eram frias, e as secas adquirem
b umidade, a mesma coisa acontecendo com as leves e pesadas, do que resulta sofrerem todas elas profundas alterações em todos os sentidos. A única maneira, é o que afirmamos, de alguma parte do organismo ficar idêntica a si mesma, sadia e com boa aparência, é ajuntar-se-lhe ou sair dela a mesma coisa, de modo uniforme e na devida proporção. O que viola uma dessas regras, ou porque se retire de um daqueles elementos ou porque nele penetre, provoca toda espécie de alterações, doenças e corrupções.

Mas, como também existem na natureza combina-
c ções secundárias, cumpre ao observador atento desses fenômenos estudar uma segunda classe de doenças. Dado que a medula, os ossos, a carne e os nervos são compostos dos elementos mencionados há pouco, e também o sangue desses mesmos corpos, porém de maneira diferente, a maior parte das doenças que os perturbam tem as causas acima enumeradas, mas as mais graves se originam do fato de se corromperem essas estruturas, sempre que se inverte o processo natural de sua formação. Realmente, de acordo com a natureza, as carnes e os nervos nascem do san-
d gue: os nervos, das fibras, em virtude de sua afinidade recíproca; as carnes, do coágulo residual que se forma com a retirada das fibras. Por sua vez, dos nervos e da carne procede a matéria viscosa e gordurosa que cola a carne à estrutura dos ossos e alimenta e faz crescer o osso em torno da medula, enquanto a porção mais pura, composta de triângulos lisos e brilhantes, filtrados gota a gota através da espessura do osso, serve de irrigar a medula. Quan-
e do todas as estruturas se formam dessa maneira, o resultado, de regra, é a saúde; em caso contrário, doença. De fato: quando a carne se desfaz e despeja nas veias o resultado de sua decomposição, estas se enchem de ar, a um tempo, e de sangue abundante e de diferente constitui-

ção, de colorido e amargor variados, além das qualidades ácidas e salinas, que arrastam consigo bile, serosidade e fleugma da mais variada espécie. E porque tudo se encontra corrupto e em estado de desagregação, o primeiro a
83 a ser atacado é o sangue, além de não mais alimentarem aqueles produtos o corpo e de se espalharem pelas veias, sem observar a ordem natural da circulação. Todos são inimigos uns dos outros, por não tirarem proveito recíproco e por se encontrarem em guerra franca com os elementos constituintes do corpo que ainda se conservam em seus postos, corrompem-nos e os dissolvem. Quando são as partes mais antigas da carne que se decompõem, resistem à concocção, adquirem colorido escuro por causa da combustão demorada a que foram submetidas, e tor-
b nadas amargas em virtude de sua completa corrosão, mostram-se sumamente perigosas em seus ataques às partes do corpo ainda não deterioradas. Por vezes, adquire colorido anegrado, quando diminui o amargor por causa da predominância da acidez, vindo a diminuir sensivelmente a substância amarga; por vezes, quando a substância amarga está empapada de sangue, adquire colorido mais vermelho, como ficará biliosa se se misturar com o negro. A cor amarela também pode associar-se ao amargor, quando carne de formação recente é dissolvida pelo fogo de inflamação. A todos esses humores foi dado o nome genéri-
c co de bile, ou por médicos ou por alguém capaz de abarcar com a vista um grande número de casos dissemelhantes e de neles discernir um gênero único e merecedor de impor seu nome a todos. As diferentes variedades da bile já identificadas são designadas de acordo com o colorido próprio.

A serosidade proveniente do sangue é branda, ao passo que é ácida e maligna a que provém da bile, quando, sob a ação do calor, ela se mistura com uma qualidade salina. Nesses casos, recebe o nome de pituíta ácida. Há também o resultado da decomposição de carne nova e
d fresca em contacto com o ar. Esse produto, distendido pelo ar, fica cercado de umidade, do que resulta formarem-se bolhas excessivamente pequenas para serem percebidas pela vista, mas que, em conjunto, constituem uma massa visível de colorido esbranquiçado, em virtude da formação de espuma. A essa putrefação de carne tenra de combinação com o ar é que damos o nome de pituíta branca. A linfa da pituíta de formação recente dá o suor,
e as lágrimas e as demais secreçõoes por meio das quais o

corpo diariamente se purifica. Ora, todos esses humores provocam doenças, quando o sangue, em vez de encher-se normalmente por meio do alimento e de bebida, cresce por processo diferente, contrariamente ao uso estabelecido pela natureza. Dissolvidas pelas doenças as diferentes espécies de carne, sem, perderem estas seus fundamentos, a virulência do mal só se faz sentir pela metade, por ainda

84 a ser possível seu restabelecimento. Mas, quando adoece o que liga as carnes ao osso e, separado, ao mesmo tempo, das fibras e dos nervos, o humor deixa de alimentar o osso e de ligar nele a carne, e de brilhante, liso e viscoso se torna áspero e salino, pelo ressecamento resultante de um mau regime: então, todas as substâncias assim alteradas se esmigalham e passam para baixo das carnes e dos

b nervos no estado em que saíram dos ossos, enquanto as carnes, destacando-se de suas raízes deixam descobertos os nervos e cheios de salmoura, ao passo que elas próprias recaem na corrente sangüínea, com o que agravam as desordens a que nos referimos acima. Mas, por mais graves que sejam essas afecções do corpo, ainda mais graves são as que as precedem, quando a densidade da carne não impede que o osso se areje suficientemente; com o emboloramento, o osso se aquece e vem a cariar;

c em vez de receber o alimento apropriadao, toma a direção oposta e se desfaz no suco alimentar que, por sua vez, cai na carne, e a carne no sangue, deixando, assim, muito mais graves as doenças das partes mencionadas. Mas o pior de tudo é quando a substância medular adoece por excesso ou deficiência. Essa é a causa das desordens mais sérias e mortais, pois toda a susbtância do corpo toma uma direção contrária.

XL — Uma terceira espécie de doença terá de ser

d concebida como de tríplice origem, a saber: do ar, da pituíta e da bile. Quando o pulmão, que tem por ofício fornecer ar ao corpo, fica obstruído por alfluxo de mucosidade e impede a passagem do ar, sem que este alcance determinadas partes e penetre noutras em maior quantidade do que fora necessário, de um lado, a porção não arejada vem a apodrecer, e do outro, em virtude da própria violência com que ele penetra nas veias, causa certa distorção, dissolve o corpo e acaba interceptado

e pela barreira do diafragma. Assim nascem milhares de doenças aflitivas, que na maioria dos casos são acompanhadas de suor abundante. Por vezes, quando a carne se desintegra, forma-se ar dentro do corpo, que, não encon-

trando saída, ocasiona dor semelhante às produzidas pelo ar de origem externa, particularmente mais acentuadas quando o ar envolve os nervos e as pequenas veias da região e as deixam túrgidas, com o que forçam para trás os músculos e os nervos a eles aderentes. Da tensão assim produzida é que derivam seus nomes as doenças tétano e
85 a epistótono. Ambas são difíceis de curar; contudo, muitos casos terminam por um acesso de febre.

A pituíta branca é perigosa quando interceptada, por causa do ar das bolhas, mas decorre com relativa benigdade sempre que pode derivar-se para a superfície do corpo e o desfigura com a formação de erupções esbranquiçadas e outros acidentes do mesmo tipo. Misturada com a bile negra e penetrando nos circuitos mais divinos, os da cabeça, promove perturbação de vulto, algum tanto benigna quando essa irrupção se dá durante o sono, e
b mais difícil de combater quando ataca as pessoas em estado de vigília. Por ser uma doença da substância sagrada, é denominada, com toda a propriedade, mal sagrado. A pituíta ácida e salina é fonte de todas as doenças catarrais, as quais recebem diferentes nomes, de acordo com as regiões invadidas pela fluxão.

Todas as inflamações do corpo — assim denominadas porque inflamam e queimam — são ocasionadas pela bile. Sempe que a bile encontra um respiradouro para a super-
c fície externa, sua efervescência produz erupções da mais variada espécie; porém, confinada no interior, engendra muitas doenças inflamatórias. A mais grave é quando a bile se mistura com sangue puro e retira de sua ordem natural o gênero das fibras. Estas estão espalhadas no sangue, para conservar na devida proporção a tenuidade e espessura muito próprias, e evitar que pela ação do calor se escoe através dos poros do corpo ou se torne pesado e
d pouco móvel por excesso de densidade, o que dificultaria sua circulação nas veias. Esse equilíbrio é alcançado pela composição natural das fibras. Até mesmo depois da morte, quando o sangue esfria, basta juntar as fibras para que o resto do sangue se escoe; mas, se as fibras continuam esparsas, em pouco tempo coagulam o sangue, por efeito do frio das imediações. Sendo essa a ação das fibras no sangue,a bile, que vai buscar sua origem no sangue velho, passa, agora, liquefeita, da carne para o sangue, quando, de início, quente e úmida, penetra nele em pequena quantidade, para logo congelar-se sob a influên-
e cia das fibras, e assim, privada, com violência, de seu fo-

go, causa arrepios e calafrio interior. Quando corre no sangue em maior quantidade, domina as fibras com seu próprio calor, e com a efervescência natural, baralha de todo a disposição das fibras. No caso de conseguir manter até o fim sua superioridade, penetra na substância da medula, queima-a e dissolve os laços que aí prendem a alma, à maneira de amarras de navio, deixando-a em liberdade. Sendo menor o afluxo de bile e resistindo o corpo à dissolução, passa ela a ser dominada, e então, ou é impelida para a superfície do corpo, ou, depois de recalcada pelas veias para as partes superior e inferior do ventre, é expulsa como um exilado por ocasião de revolu- 86 a ções políticas, provocando, com isso, diarréia, disenteria e outras perturbações do mesmo tipo.

Sempre que a causa das perturbações somáticas é excesso de fogo, este produz inflamações e febres contínuas. O excesso de ar provoca febres cotidianas, e o de água, febres terçãs, por ser mais morosa a água do que o ar e o fogo. O excesso de terra, o mais lento dos quatro elementos, exige um período mais longo para purificar-se, e produz febres quartãs, difíceis de combater.

b XLI — É assim que surgem as doenças do corpo. As da alma se originam de perturbações somáticas, da seguinte maneira. Precisamos admitir que a doença da alma é demência; porém há duas espécies de demência: loucura e ignorância. Por conseguinte, toda afecção que provoca em alguém uma dessas perturbações deve ser chamada doença, sendo forçoso reconhecer que os prazeres excessivos e as dores fortes são as mais graves doenças da alma. O homem alegre em excesso, ou o contrário disso: acabru- c nhado de tristeza, no seu afã irrefletido de alcançar o prazer e fugir da dor, não ouve nem vê direito; tal como o indivíduo furioso, seu poder raciocinante cai ao mais baixo nível. Contudo, quando a semente se acumula em excesso na medula, a ponto de transbordar, à maneira de uma árvore carregada de frutos, então seus desejos e suas conseqüências lhes ensejam, em cada ocasião, não apenas prazeres como também sofrimentos em grande cópia, e muito embora se comporte como um louco quase d toda a vida, por causa das dores e dos prazeres excessivos, vindo a adoecer e a embotar-se-lhe a alma por causa do corpo, ninguém o considera doente, mas vicioso por própria deliberação. A verdade é que a intemperança sexual é uma doença da alma que, em grande parte, provém da

condição de uma única substância capaz de inundar o corpo com sua umidade, em virtude da porosidade do osso. Não se justifica a maioria das censuras dirigidas contra a intemperança nos prazeres, como se os homens fossem e voluntariamente maus. Ninguém é mau por deliberação própria; os homens só se tornam ruins por educação mal dirigida ou alguma disposição viciosa do organismo, duas condições desagradáveis para toda a gente, que ninguém aceita de bom grado. O mesmo passa com as dores, fonte de grandes vícios para a alma, por intermédio do corpo. Quando os humores da pituíta ácida e salina ou os biliosos e amargos erram pelo corpo sem encontrar nenhum respiradouro, retidos no interior, entram de agitar-se e 87 a misturam seus vapores com os movimentos da alma, produzindo nela toda a sorte de perturbações, de número e gravidade variáveis. Abrindo caminho na direção das três sedes da alma, de acordo com a região invadida produzem formas de morosidade e desalento, audácia ou timidez, esquecimento ou preguiça mental.

Além disso, quando pessoas de ruim constituição re- b sidem em cidades de instituições não menos viciosas, onde ouvem discursos deletérios, tanto em público como em particular, sem que na mocidade houvessem recebido ensinamentos capazes de curá-los desse mal: não admira que se pervertam muitos, por duas causas de todo em todo independentes de sua vontade. A culpa caberá mais aos pais do que aos filhos, aos educadores mais do que aos educandos. Esforcemo-nos, pois, com o maior empenho, por meio da educação, dos costumes e do estudo, para fugir dos vícios e conquistar a virtude. Mas esse assunto exige considerações de outra natureza.

c XLII — Neste passo, é natural e, sobretudo, conveniente, analisar o tema sob diferente perspectiva e mostrar os meios de que dispomos para tratar o corpo e a mente; mais vale dissertar a respeito do bem do que do mal. O bem é sempre belo, e ao belo jamais lhe faltará proporção. Assim, para que um ser vivo seja belo, teremos de aceitá-lo como bem proporcionado. Mas é só nas pequeninas coisas que percebemos a proporção e sobre ela discorremos; as mais importantes e decisivas nos escapam de todo. Por exemplo, no que diz respeito à saúde e às d doenças, à virtude e aos vícios, não há proporção nem desproporção de maior importância do que a existente entre a alma e o corpo. No entanto, nunca atendemos a

essa particularidade nem percebemos que, quando uma alma grande e, a todas as luzes, poderosa, tem como veículo um corpo mirrado e fraco, ou quando se invertem as relações entre ambos, o animal, como um todo, carece de beleza, por ser irregular na mais importante das relações, ao passo que a condição contrária, para quem sabe discernir, é o mais belo e atraente espetáculo. É o

e que se observa, por exemplo, com um corpo de pernas muito longas ou qualquer outro segmento desproporcionado: além de desgracioso, na execução de algum trabalho, esse membro sente fadiga precoce e, tomado de movimentos convulsivos, cai a todo instante por sua própria irregularidade, causando a si mesmo inúmeros incômodos. É o que acontece, convenhamos, com o ser duplo a que damos o nome de animal. Quando a alma é forte

88 a demais para o corpo e se vê agitada por paixões violentas, abala-o inteirinho por dentro e o enche de doenças, ou o arruína de todo se se aplica ao estudo ou a certas investigações. Dedicando-se ao ensino ou entregando-se a esses combates de palavras, em público ou em particular, inflama-o e abala-o com as querelas e rivalidades daí decorrentes, e pelo fato de, com isso, provocar catarro, ilude a maioria dos pseudo-médicos, levando-os a atribuir aqueles desarranjos a causas imaginárias. Ocorre o inverso sempre que o corpo é grande e superior à alma dotada de pequena e débil inteligência: como há naturalmente no

b homem duas espécies de desejos: desejos de alimentos para o corpo e desejo de sabedoria para a porção mais divina de nós mesmos, prevalecem os movimentos da parte mais forte, aumentando, com isso, sua esfera de influência, e com deixarem obtusa a alma, esquecediça e infensa aos estudos, engendram nela a pior das doenças: a ignorância. Para obviar a esses dois perigos, só há um recurso: não acionar a alma sem o corpo, nem o corpo sem a alma, para que, defendendo-se um do outro,

c consigam equilibrar-se e conservar a saúde. Por isso, as pessoas que se dedicarem ao estudo da matemática ou a qualquer outro trabalho intelectual, devem permitir ao corpo os movimentos necessários, sob a forma de exercícios de ginástica; e o inverso: os que se empenham em desenvolver o corpo, precisarão recompensar a alma com seus movimentos próprios, dedicando-se ao estudo da música ou da filosofia, se quiserem ser considerados pessoas de fina educação, na verdadeira acepção do termo.

d Segundo esses mesmos princípios e sem perder de vista o todo universal é que devemos cuidar das partes em separado. Como o corpo se aquece ou esfria por dentro com as substâncias que entram nele, ou se resseca ou umedece sob a influência do exterior, e sofre os efeitos desse duplo movimento, é vencido e perece, quando se entrega a tal agitação um corpo em estado de repouso. Mas, se imitarmos o que denominamos a nutridora e ama do universo, esforçando-nos para que o corpo não fique nunca em repouso; se o mantivermos sempre em movi-
e mento, e a cada instante imprimirmos certos abalos em suas partes, para defendê-lo naturalmente dos movimentos internos e exteriores, e com tais abalos moderados conseguirmos estabelecer alguma ordem entre as partes e as afecções que erram no corpo, sempre de acordo com suas afinidades, conforme dissemos quando tratamos do todo universal: não poremos um inimigo ao lado de outro, para gerar no corpo guerras e doenças, mas associaremos um amigo a outro, a fim de que, juntos, cultivem a saúde.

89 a De todos os movimentos, o melhor é o que o corpo produz nele e por si mesmo, por ser o mais aparentado com o movimento do pensamento e do universo; inferior a esse, é o movimento produzido por outro agente; e o pior de todos, o que provém de causa estranha e abala parcialmente o corpo enquanto este se acha deitado e em repouso. Por isso, dos meios de purgar e revigorar o corpo, o melhor consiste nos exercícios de ginástica; em segundo lugar, vêm os balanços nos barcos e demais veículos que não causam fadiga. Uma terceira modalidade de
b movimento, conquanto por vezes possa ser útil em casos de extrema necessidade, mas a que jamais recorrerá noutras circunstâncias nenhum homem de bom senso, é a purgação médica alcançada por meio de drogas; a não ser em casos de grande perigo, não devemos irritar as doenças com medicamentos. De regra, a constituição das doenças apresenta alguma semelhança com a dos seres vivos, pois a composição destes condiciona uma duração regulada para a espécie em geral, nascendo cada pessoa com o tempo de vida fixado pelo destino, exceção feita para
c os acidentes inevitáveis de origem externa, pois desde o nascimento os triângulos de qualquer ser vivo se conglutinam de maneira que possam resistir até um determinado limite, além do qual ninguém consegue prolongar a

vida. O mesmo se passa com a constituição das doenças. Quando o tempo estipulado pelo destino é perturbado pela ação de drogas, com freqüência verifica-se que as doenças leves se agravam e seu número aumenta consideravelmente. Daí a necessidade de sofrear as doenças por meio de algum regime apropriado — dentro das possibilidades de cada qual, no que respeita ao tempo disponível — e de d não irritar com o emprego de drogas nenhum incômodo rebelde ao tratamento.

XLIII — Bastem essas considerações, a respeito do tratamento do ser vivo como um todo e das partes do corpo e da maneira pela qual o homem consegue viver o mais possível de acordo com a razão, não apenas governando, como sendo governado por si próprio. Contudo, o mais urgente e importante é envidar esforços para deixar a parte destinada a governar tão bela e boa quanto possível, para bem exercer o seu papel de governante. O estudo e particularizado desse assunto daria matéria para uma obra à parte. Porém não ficará fora de propósito fazermos algumas observações à margem, de acordo com os princípios estabelecidos antes, o que nos ensejará a oportunidade de uma digressão proveitosa. Conforme já dissemos mais de uma vez, em nós alojam-se três espécies diferentes de alma, cada uma com seu movimento peculiar. Agora, podemos observar resumidamente que se qualquer delas ficar ociosa e deixar de exercer os movimentos que lhe são próprios, forçosamente se tornará a mais fraca das três, 90 a vindo a fortalecer-se a que se exercitar. Por isso mesmo, precisamos ter cuidado para que esses movimentos conservem entre si a devida proporção.

Quanto à espécie de alma de maior autoridade em nós, devemos aceitar a idéia de que ela nos foi dada por Deus à guisa de gênio protetor: exatamente o princípio que apresentamos como presidindo no vértice do corpo, e que nos transporta da terra para nossa afinidade celestial, por não sermos planta de raízes terrenas, porém celestes, o que afirmamos com a maior convicção, por haver a divindade ligado nossa cabeça e nossa raiz à sede primitiva b da alma, deixando, assim, o corpo em posição erecta. Quando alguém se abandona aos apetites e ambições, e só cuida de satisfazê-los, todos os seus pensamentos se tornam excessivamente mortais, nada faltando para que ele também fique, tanto quanto possível, de todo em todo mortal, pois outra coisa não fez na vida senão alimentar

sua mortalidade. Mas, quem só se dedicou ao amor da sabedoria e ao verdadeiro conhecimento e exercitou de c preferência essa porção de si mesmo, por força terá de formular pensamentos imortais e divinos, e, se tiver de alcançar a verdade, é certeza vir a participar da imortalidade, dentro dos limites da natureza humana em sua maior amplitude; e como ele cuida permanentemente da parte divina e de conservar em boas condições o gênio que mora dentro dele, terá de ser extremamente feliz. Em tudo, só há um meio certo de cuidar seja do que for: conceder a cada coisa a alimentação e os movimentos adequados. Os movimentos aparentados com a porção divina dentro de nós são os pensamentos do univer- d so e as revoluções circulares. São essas que cada um de nós deverá seguir, para corrigir os circuitos que ao nascimento se iniciaram erroneamente em nossa cabeça, o que se consegue com o estudo da harmonia e das revoluções do universo e com igualar a parte pensante, em conformidade com sua natureza original, ao objeto do pensamento e, com isso, alcançar, no presente e no futuro, a meta proposta aos homens pelos deuses.

e XLIV — Tudo indica que chegamos ao fim da tarefa que nos impusemos no começo, de tratar da história do universo até à geração do homem. Como nasceram os outros animais, é o que direi em poucas palavras, já que não há necessidade de nos alongarmos sobremaneira. Na explanação desse assunto, cumpre a todos não ultrapassar a medida justa. Eis, pois, o que diremos.

Dos homens nascidos, os que se revelaram pusilânimes ou durante a vida só praticaram injustiças, com toda a probabilidade foram transformados em mulheres na se- 91 a gunda geração. Por tal motivo, nessa época foi que os deuses construíram o desejo da conjunção carnal, modelando um ser animado em nós e outro nas mulheres. Em ambos os casos procederam da seguinte maneira: do conduto das bebidas, na altura em que ele recebe os líquidos que atravessam os pulmões e por baixo dos rins penetram na bexiga, para daí expulsá-los por efeito da pressão do ar inspirado, os deuses fizeram uma abertura comunicante com a medula compacta que desce da cabeça e passa b pelo pescoço ao longo da espinha e a que, de fato, demos o nome de semente em nossos discursos anteriores. Essa medula, por ser animada e haver encontrado saída, implantou no local da passagem um desejo vivo de emissão,

completando, assim, o instinto gerador. Tal é a causa de serem nos homens as partes pudendas naturalmente rebeldes e autoritárias, como animais surdos à voz da razão, e propensos, na exaltação dos apetites, a tudo domi- c nar. Nas mulheres, pela mesma razão, o que se denomina matriz ou útero é um animal que vive nelas com o desejo de procriar filhos, e quando fica muito tempo estéril, depois da estação certa, suporta com dificuldade sua condição, irrita-se e, vagando por todo o corpo, bloqueia os canais do fólego, o que dificulta a respiração, provoca extrema angústia na paciente e é causa das mais variadas perturbações, até que, unindo os dois sexos o amor e a d vontade irresistíveis, eles venham a colher os frutos, como de uma árvore, e semear na terra arável da matriz animais invisíveis por sua pequenez e ainda informes, e, depois de promover a diferenciação de suas partes, alimentá-los, até que dentro eles cresçam, para, por último, com trazê-los à luz, arrematar a geração da criatura viva. Essa é a origem das mulheres e do sexo feminino.

A tribo dos pássaros provém da mudança de forma, com o nascimento de penas em lugar de cabelos, desses indivíduos inofensivos porém frívolos e dados ao estudo das coisas celestes, e que em sua simplicidade chegam a e imaginar que as mais seguras provas em tais assuntos são alcançadas por meio da vista.

Os animais ferozes da terra provêm dos homens que nunca se ocuparam com a filosofia nem nada compreenderam da natureza do céu, por não fazerem uso algum das revoluções que se operam na cabeça, só se deixando guiar pelas partes da alma residente no peito. Em decorrência desses hábitos, os membros anteriores e a cabeça foram atraídos pela terra, em virtude da afinidade existente entre eles, e nela se apoiaram; o crânio alongou-se e adquiriu 92 a as mais variadas formas, à medida que os círculos da alma se deformavam pela ociosidade. Essa raça nasceu com quatro ou mais pés, pela seguinte razão: é que a divindade proveu os menos inteligentes com maior número de base de sustentação, para que fossem arrastados ainda mais para a terra. Porém os mais atrasados dentre eles, que estendem na terra o corpo em toda a sua extensão, visto já não necessitarem de pés, os deuses os fizeram sem esse segmento, permitindo que rastejassem no solo.

b O quarto gênero, que vive na água, provém dos mais estúpidos e ignorantes de todos. As divindades que os me-

tamorfosearam não os consideram dignos nem mesmo de respirar o ar puro, por terem as almas contaminadas por toda a sorte de faltas; em lugar de deixá-los respirar um ar leve e puro, afundaram-nos na água, para que só aspirassem a água lodosa da profundidade. Tal é a origem do gênero dos peixes, dos moluscos e de todos os animais aquáticos que, em castigo de sua baixa ignorância, obtiveram em quinhão as moradias mais baixas. Tais são os princípios segundo os quais, tanto hoje como antes, os seres vivos se transformaram entre si, mudando de lugar conforme a perda ou aquisição de inteligência ou de estupidez.

c

Agora podemos dizer que chegou ao fim nosso discurso acerca do universo. Havendo recebido em grande cópia seres vivos, mortais e imortais, este mundo se tornou um animal visível que abrange todos os animais visíveis, um deus sensível feito à imagem do inteligível, supremo em grandeza e excelência, em beleza e perfeição: este céu único e singular em sua espécie.

CRITIAS

O **Crítias** é tradicionalmente considerado uma produção imediatamente posterior ao **Timeu**. O início do diálogo constitui a maior prova dessa opinião, e a passagem em 108 a-c tanto a confirma como reforça a tese de que Platão pretendera escrever uma trilogia, da qual seria o **Crítias** o segundo elemento, precedido pelo **Timeu** e seguido pelo "**Hermócrates**".

Com este escrito retomamos a história da guerra travada entre os atenienses proto-históricos e os atlântidas, que começara a ser delineada no **Timeu** (20d-26d). O relato tratará das coisas humanas, e como estas são mais difíceis de considerar que as divinas, Crítias, à semelhança de Timeu, formula um pedido de indulgência (106c-108a).

O propósito do diálogo parece ser o esclarecimento da origem da sociedade política e da constituição (cf. 109d) e a demonstração da superioridade de um determinado modelo político, no caso o de Atenas proto-histórica. Tal propósito aproximaria estreitamente o **Crítias** da **República** e do Livro III das **Leis**, e explicaria a criação do mito da Atlântida, pois era no confronto entre dois tipos opostos de organização política (o da Atlântida fundada sobre a força, o de Atenas sobre a virtude) que aquele superioridade poderia ser demonstrada.

O **Crítias**, que chegou-nos inacabado, não havendo qualquer fonte que nos autorize afirmar ter sido ele alguma vez escrito completamente, tem importância particular para a concepção platônica da história: é nele que encontramos a teoria das três idades: a dos deuses, a dos heróis e a dos homens (cf. 109b e ss.).

CRÍTIAS

Personagens:

Timeu — Crítias — Sócrates — Hermócrates

St. III

106 a — I — **Timeu** — Sinto-me tão satisfeito, Sócrates, como quem descansa depois de uma longa viagem, agora que concluí por maneira satisfatória a travessia de meu assunto. Suplico à divindade que nasceu com estes discursos, conservar deles as palavras ditas com proprie- (b) dade; mas, se porventura, sem o perceber, eu emiti alguma nota falsa, recaia sobre mim a punição devida. Ora, a pena justa consistirá em pôr no tom certo os que desafinam. E para que sejam verdadeiros nossos ulteriores discursos acerca da geração dos deuses, suplicamos à divindade conceder-nos o melhor e mais perfeito corretivo: o conhecimento. E agora, uma vez formulada minha súplica, passo a Crítias, conforme o combinado, a continuação do discurso.

Crítias — Pois não, Timeu; aceito a incumbência. (c) Mas começarei justamente como o fizeste, quando pediste vênia para discorrer sobre um assunto da máximo (107 a) relevância. Igual indulgência suplico para mim, por estar convencido de que vou tratar de questões de muito maior importância. E embora saiba que meu pedido implica certa presunção e, antes de tudo, descortesia, não me é possível deixar de formulá-lo. Que homem de senso ousará afirmar que tudo quanto expuseste não foi muito bem dito? O que me cumpre demonstrar como

me for possível é que minha exposição, por mais difícil, reclama para si muito maior indulgência. É mais fácil, Timeu, falar dos deuses para os homens e deixar o auditório satisfeito, do que discorrer acerca dos mortais entre nós mesmos. A inexperiência e a total ignorância dos ouvintes em assuntos de que eles nada entendem, deixa o orador em posição bastante cômoda; pois, a respeito dos deuses, todos nós temos consciência de que nada sabemos. Contudo, para ser mais claro em minha exposição, considera comigo o seguinte. Tudo o que é objeto de nossos discursos, por força terá de ser imitação ou representação. Se atentarmos na arte do pintor, no preparo de imagens dos corpos dos deuses ou dos homens, tendo em mira a dificuldade ou facilidade de proporcionar com essas imitações prazer ao espectador, verificaremos que, se na representação de montanhas, rios, florestas, todo o céu com tudo o que nele se encontra e se movimenta, alguém alcança alguma semelhança, embora mínima, com seu trabalho, declaramo-nos imediatamente satisfeitos. E mais: como não temos conhecimento preciso dessas coisas, não examinamos as pinturas nem as julgamos com excessivo rigor, contentando-nos com um sombreado um tanto vago e ilusório. Mas se alguém se abalança a reproduzir a forma humana, de pronto percebemos os defeitos do desenho, pois nosso conhecimento familiar de nós mesmos nos transforma em juízes severos, com relação a quem não conseguiu nesse ponto a semelhança desejada. Ora, forçoso será admitir que a mesma coisa se observa com os discursos: na descrição das coisas celestes e divinas, já nos basta um pouquinho de verossimilhança; mas, somos muito rigorosos na crítica da reprodução do que é mortal e humano. Assim, se na minha dissertação improvisada eu não conseguir expor tudo com a exatidão necessária, tereis de desculpar-me, pois, antes de mais nada, importa considerar que, muito longe de ser fácil, é dificílimo reproduzir a contento as coisas mortais. Fiz esse preâmbulo, Sócrates, não apenas para lembrar-vos dessa particularidade, como para pedir-vos indulgência, não menor, senão maior, para o que me disponho agora a apresentar-vos. Se achardes justo meu pedido, concedei-ma de boa mente.

(b, c, d, e, 108 a — marginal references)

II — **Sócrates** — E por que não, Crítias? E desde já façamos o mesmo com Hermócrates, nosso terceiro ora-

dor, por ser mais do que certo que dentro de pouco ele
b nos pedirá a mesma coisa, quando tiver de falar. Arranje, pois, um exórdio diferente, sem ser obrigado a repetir o teu, e fale com a certeza prévia de que obterá nossa complacência. Porém desejo informar-te, meu caro Crítias, da disposição de teu público; aplaudiram com entusiasmo o poeta que te precedeu; necessitas, portanto, de muita indulgência para falar depois dele.

Hermócrates — Essa advertência, Sócrates, tanto serve para ele como para mim. Mas a verdade, Crítias, é
c que lutadores tímidos jamais obtêm o troféu. Urge, pois, que ingresses com denodo na liça para falar, e depois de invocares Apolo e as Musas, canta-nos e exalta a virtude de teus concidadãos de antanho.

Crítias — Meu caro Hermócrates, só te mostras corajoso por estares colocado em último lugar e haver mais um que vai falar antes de ti; mas daqui a pouquinho saberás por experiência se a coisa é tão fácil assim. Toda-
d via, aceito teus conselhos e encorajamento, e além das divindades que enumeraste, chamarei os demais em meu auxílio, particularmente Mnemósine, pois dela depende, por assim dizer, a parte principal de meu discurso. Se eu conseguir evocar com fidelidade à memória e vo-los transmitir os discursos proferidos outrora pelos sacerdotes e para aqui trazidos por Solão, tenho quase certeza de que nosso teatro declarará unanimemente que eu desempenhei a contento meu papel. É o que me disponho a fazer desde já, sem maiores considerações.

e III — Antes de mais nada, precisamos não esquecer que, ao todo, já decorreram nove mil anos desde a guerra que se diz ter havido entre os povos que habitavam para fora e muito além das Colunas de Héracles e os moradores desta banda. É o que importa relatar com todas as minúcias. O que se conta, é que do lado de cá o comando foi entregue a nossa cidade, havendo ela sustentado todo o peso da guerra, e do outro lado, aos reis da Ilha Atlântida, maior toda ela, naquele tempo, é o que afirmamos, do que a Líbia e a Ásia reunidas, mas que hoje, tragada, como foi, por terremotos sucessivos, se transformou numa barreira intransponível de lodo, que
109 a impede a passagem a quantos daqui velejam para o grande mar. Quanto aos infinitos pontos bárbaros e às tribos helênicas então existentes, serão, por seu turno, lembrados no desenrolar da presente exposição, de acordo

com a necessidade. Mas antes disso, precisaremos falar dos atenienses daquele tempo, e bem assim dos efetivos de cada um e os respectivos governos. É óbvio que cabe dar a precedência a nossos conterrâneos.

b Antigamente, os deuses dividiram entre eles a terra inteira, segundo as regiões, recorrendo à sorte e sem discussões nem brigas. Pois seria insensatez admitir que os deuses ignoravam o que convinha a cada um, ou que, sabendo-o, alguns procurassem beneficiar-se em detrimento dos demais. Havendo, assim, recebido todos sua parte, povoaram as respectivas regiões e nos criaram como a ovelhas e propriedades deles, o que de fato éramos, sem recorrerem à violência, tal como fazem os pas-
c tores, que só sabem governar seus rebanhos à custa de pauladas; dirigem-nos, por assim dizer, desde a popa, que é o modo mais fácil de conduzir animais, com o leme da persuasão e segundo seus desígnios. É assim que orientam e governam a geração mortal.

Enquanto as outras divindades organizavam as respectivas regiões que a sorte lhes designara, Hefesto e Atena, por terem a mesma natureza e em parte provirem do mesmo pai, e também por se identificarem no amor da filosofia, da ciência e das artes, havendo recebido em comum nossa região como o lote mais indicado para os
d dois e naturalmente apropriado para a sabedoria e a virtude, povoaram-na de varões autóctones e lhes ensinaram a organização política. Seus nomes nos foram conservados, mas os feitos desapareceram na distância do tempo e com a destruição dos que recolheram aquelas tradições. Pois, conforme disse há pouco, os sobreviventes de cada geração eram montanheses iletrados, que mal sabiam de outiva os nomes dos senhores da terra e, menos ainda, o que eles haviam realizado. Compraziam-
e se em pôr nos filhos esses nomes, mas nada conheciam da virtude e das leis de seus antepassados, afora referências vagas a respeito de um ou de outro. Sofrendo as maiores aperturas, eles e seus filhos, durante gerações sucessivas, só atendiam às necessidades de todas as ho-
110 a ras, objeto exclusivo de suas cogitações, sem se preocuparem no mínimo com o que ocorrera no passado. Pois o estudo da mitologia e a investigação dos fatos pretéritos surge nas cidades juntamente com o ócio, quando os homens já estão providos do necessário para viver, nunca antes disso. Essa, a razão de haverem eles conservado

os nomes dos antigos, sem a lembrança de seus feitos. Digo isso, baseado no testemunho de Solão, de que os nomes de Cécrope, Erecteu, Erictônio, Erisíctono e os

b da maioria dos heróis anteriores a Teseu, cuja memória chegou até nós, são precisamente os de que se serviam os sacerdotes do Egito, quando lhe fizeram o relato das guerras de antanho, o mesmo acontecendo com os nomes das mulheres. Além do mais, a figura e a estátua da deusa que os homens daquele tempo representavam inteiramente armada, de acordo com os costumes da época, em que os serviços de guerra eram comuns aos homens e às mulheres, demonstram que os animais de vida

c gregária, tanto os machos como as fêmeas, são capazes, por natureza, de exercer em comum a virtude própria de cada sexo.

IV — Naquele tempo, esta região era habitada por várias classes de cidadãos, cada uma com seu ofício e vivendo todos dos produtos da terra; mas a classe dos guerreiros, desde o início separada por homens divinos das demais, vivia à parte. Dispunham do necessário pa-

d ra a alimentação e a educação, mas nenhum possuía nada em particular, por considerarem que tudo era comum entre todos, não aceitando dos outros cidadãos senão o estrictamente necessário para viver, sobre exercerem todas as funções que mencionamos ontem, quando nos referimos aos guardas por nós imaginados.

A respeito de nossa terra, conta-se, também, muita coisa verossímil e digna de fé, a começar por seus limites que, naquele tempo se estendiam até o Istmo e, do

e lado do continente, atingiam o cimo do Parneto e do Citerão. Daí descia a linha divisória na direção do mar, tendo a Orópia como limite à direita e o rio Ásopo à esquerda. Quando à excelência do solo, nossa terra superava todas, sendo, por isso, capaz de sustentar um grande exército que não precisasse preocupar-se com os trabalhos do campo. A melhor prova de sua fecundidade é que a porção remanescente pode competir com qualquer outra região do mundo, no que entende com a variedade e excelência de seus frutos e a riqueza de pasta-

111 a gens para animais de toda a espécie. Mas, além da superioridade dos frutos, a terra, então, se distinguia por produzi-los em abundância. De que modo fundamentar semelhante assertiva, e que faixa de nossa terra pode ser tida como resto do solo primitivo? Toda esta porção de

terra avança do continente para o mar à maneira de um promontório, acontecendo que a bacia marítima que o circunda é de grande profundidade. Muitas e grandes inundações se fizeram sentir no espaço de nove mil anos — pois tantos foram os anos decorridos entre aquele
b tempo e o nosso — sem que durante todo esse período e com tamanhas revulções da natureza se depositasse a terra deslocada das alturas, como sói acontecer noutros lugares; arrastada pelas águas das imediações, desaparece no mar fundo. Em comparação com as pequenas ilhas, o que resta do passado é como os ossos de um corpo devastado por doenças: a terra pingue e mole desapareceu, só ficando a carcassa do terreno. Naquele tempo, antes de haver sido devastada a região, as monta-
c nhas consistiam em elevações de terra, e as planícies pedregosas conhecidas atualmente pelo nome de Feleu eram cobertas de humo, estando as montanhas ornadas de matas, das quais ainda restam vestígios eloqüentes. Algumas dessas montanhas, que hoje só conseguem alimentar abelhas, até bem pouco tempo ostentavam árvores que forneciam madeira para cobrir grandes edifícios e cujas vigas ainda podem ser vistas. Abundavam tambem as árvores frutíferas, fornecendo a terra pastagem
d infinita para o gado. O solo absorvia as chuvas anuais de Zeus, não acontecendo como agora, em que a água passa da terra nua para o mar; como a terra era espessa, recebia a água em seu seio e a conservava na camada de argila impermeável, soltando por suas concavidades a água recebida das alturas, com o que alimentava por toda a parte um vasto sistema de irrigação, com seus rios e fontes. A prova da veracidade do que afirmo, são os santuários que até hoje subsistem em locais outrora assinalados por aquelas fontes.

e V — Tal era a condição natural do país, embelezado, como é de imaginar-se, por lavradores genuínos que só se dedicavam à sua profissão, amantes do belo todos eles e da natureza nobre, e que dispunham de um solo excelente com água em profusão, e tudo arrematado em cima por um equilíbrio feliz das estações.

Naquele tempo, a cidade era construída do seguinte modo: Para começar, a Acrópole não tinha a aparên-
112 a cia que hoje apresenta. Em uma única noite, chuvas torrenciais arrastaram a terra que a cobria e desnudaram a rocha, ao mesmo tempo que ocorriam terremotos e

grande inundação, a terceira antes da catástrofe do tempo de Deucalião. Mas, no que diz respeito às suas dimensões naquela época, estendia-se até o Erídano e o Ilisso, incluído o Pnix, e era limitado pelo Licabeto, no lado oposto do Pnix; na parte superior, com exceção de um ou outro ponto, era plana e coberta de terra. Para fora
b da Acrópole e em sua própria falda moravam os artesãos e os lavradores que cultivavam os campos circunjacentes; no topo e à parte dos demais, isolava-se a classe dos guerreiros, à volta do templo de Atena e Hefesto, que, no entanto, eles cercaram com uma sebe, à maneira do que se faz com os jardins das casas particulares. Ocupavam a parte norte da planície, onde construíram suas casas em comum e salas para as refeições de inverno, bem como tudo o mais que se relaciona com esse gê-
c nero de vida em comum, tanto em suas próprias moradias como nas dos sacerdotes, tirante o ouro e a prata, que eles nunca usavam para nada. Sempre a igual distância entre o fausto e a mesquinharia servil, construíram casas modestamente ornamentadas, onde eles e os filhos envelheciam, e que eram transmitidas no mesmo estado a outras pessoas de sentimentos iguais aos deles. Serviam-se, também, do lado sul para o mesmo fim, quando abandonavam no verão seus jardins, seus ginásios e refeitórios. No local em que hoje se eleva a Acró-
d pole, havia uma fonte que secou com os tremores de terra, só remanescendo nas imediações pequenos filetes de água; mas naquele tempo ela fornecia água em abundância, de temperatura agradável, tanto no inverno como no verão. Asssim viviam aqueles homens, guardas, a um tempo, de seus concidadãos e dirigentes dos demais helenos, com a preocupação constante de conservar sempre o mesmo número de homens e de mulheres, em con-
e dições, ou quase, de carregar armas, que eles calculavam em mais ou menos vinte mil.

VI — Por serem assim e administrarem sua pátria e os demais helenos com justiça sempre igual, adquiriram fama em toda a Europa e na Ásia pela beleza física e as variadas virtudes da alma, os mais ilustres homens de seu tempo. Quanto às condições dos adversários, como e de que modo viviam no começo, se não me esqueci do que ouvi contar quando menino, será um relato que vos entrego à guisa de dádiva de que os amigos devem partici-
113 a par em comum. Mas, antes de começar, importa escla-

recer uma particularidade, para que não vos espanteis de ouvir, por vezes, nomes helenos aplicados aos bárbaros. A causa disso, ireis sabê-la. Como Solão pretendia aproveitar essa narrativa para seus poemas, ao estudar o significado dos nomes próprios verificou que os primeiros Egípcios os haviam passado para sua língua, o que o levou, por sua vez a restabelecer o sentido original de cada nome e transcrevê-los em vernáculo. Seus escritos ficaram com meu avô e presentemente estão comigo, donde me ter sido possível examiná-los com calma, no meu tempo de criança. Não vos cause, pois, estranheza ouvir nomes próprios iguais aos que adotamos. Já sabeis qual é sua origem. Sirva isso de preâmbulo para esta longa narrativa.

VII — Conforme dissemos acima, ao tratar do sorteio dos deuses que dividiram a terra em lotes de tamanhos diferentes, grandes e pequenos, conforme a região, e instituíram para eles mesmos templos e sacrifícios: assim, também, Posido, a quem tocou por sorte a Ilha Atlântida, povoou-a com os filhos que ele tivera com uma mulher mortal num recanto dessa ilha, cuja conformação passarei a descrever. Bem no centro da ilha, mas olhando para o mar, estendia-se uma planície que passava por ser a mais bela de todas as planícies e de fertilidade excepcional. Mais ou menos no centro dessa planície, em distância de cinqüenta estádios, nota-se uma montanha não muito elevada em todos os sentidos. Nessa montanha morava um dos primitivos autóctones da região. Chamava-se Evénor, e sua mulher, Leucipe, que tiveram uma única filha, de nome Clito. Quando a menina atingiu a idade núbil, perdeu o pai e a mãe. Tomado de paixão, Posido se uniu a ela e fortaleceu a colina em que ela morava, circundando-a com um sistema de cinturões alternados, de mar e de terra, no qual os maiores envolviam os menores, a saber: dois de terra e três de mar, que ele torneou igualmente, a partir do meio da ilha, a igual distância um do outro, deixando-os intransponíveis para o homem, pois naquela época ainda não se conheciam barcos nem navegação. Ele próprio embelezou a ilha central, o que para uma divindade era tarefa muito fácil: fez jorrar da terra duas fontes de água, uma fria e outra quente, além de levar a terra a produzir alimentos variados e abundantes. Ademais, gerou cinco pares de gêmeos, todos homens, criou-os e,

havendo dividido a Ilha Atlântida em dez porções, atri-
114 a buiu ao primogênito do par mais velho a moradia de sua mãe e o lote de terra circunjacente, que era o maior de todos e de excelência comprovada, estabeleceu-o como rei dos demais irmãos e destes fez governadores, dando a cada um a direção de muitos homens e um extenso território. A todos deu nome. O mais velho e rei, recebeu o nome dado à ilha e ao oceano conhecido como Atlântico, derivado de Atlante, nome desse seu primeiro mo-
b narca. O gêmeo que nasceu depois desse e a quem tocou por sorte a porção extrema da ilha que olhava para as Colunas de Héracles e se defrontava com a região conhecida hoje pelo nome de Gadírica nesta parte do mundo, recebeu o nome heleno de Eumelo, que na língua da terra é Gadiro e passou depois a designar toda a região. Os dois gêmeos seguintes foram denominados, respectivamente, Anferes e Evemo; o primogênito do terceiro par,
c Mneseu, e o mais moço, Autóctono. Do quarto par, o primeiro se chamou Elasipo, e o último, Méstor. Ao mais velho do quinto par deu o nome de Azaes, e ao mais moço o de Diaprepes. Todos eles, pois, e seus descendentes dominaram durante várias gerações muitas outras ilhas do oceano e, conforme já disse, estenderam seu domínio para o lado de cá do estreito, até o Egito e a Tirrênia.

Os descendentes de Atlante não apenas cresceram
d em número e dignidade, como durante muitas gerações sucessivas sempre transmitiam o poder ao filho mais velho. Acumularam grandes cabedais, como nunca se vira em nenhuma dinastia do passado nem se verá facilmente no futuro, estando eles providos de todo o necessário, tanto de coisas da cidade como de outras regiões. Como decorrência do mando, muitos gêneros lhes vinham de
e fora, mas era da própria ilha que tiravam o de que precisavam para suas necessidades vitais, a começar pela perfuração de minas e a extração dos metais nelas contidos, sólidos ou fusíveis, principalmente o que hoje só é conhecido de nome, mas que outrora era mais do que isso, o oricalco, extraído da terra em vários pontos da ilha, e que depois do ouro, era o metal mais apreciado dos homens. Ademais, produzia também a ilha abundância de madeira para obras de carpintaria, bem como oferecia pasto suficiente para animais domésticos e selvagens. Até mesmo a raça dos elefantes se multiplicava bem na

ilha; por oferecer esta pingues pastagens aos animais que
115 a povoam os charcos, os lagos e os rios, e aos que vivem nas montanhas e nas planícies, era natural que também alimentasse o mais corpulento e voraz dos animais. Além disso, todos os perfumes encontrados presentemente em outras localidades, quer provenham de raízes, quer de ervas e de madeiras ou de essências de sucos extraídos de flores ou de frutos, tudo nela dava admiravelmente, assim como os frutos cultivados e os secos, tanto os de
b que nos alimentamos como os que servem de completar as refeições e a que damos o nome genérico de legumes, todos esses frutos de casca grossa que nos fornecem bebidas, alimentos e perfumes e nos ensejam distração e deleite, sempre difíceis de armazenar, e os que usamos depois das refeições, para alívio e satisfação dos que comem em excesso: todos, essa ilha sagrada, que o sol ainda banhava, produzia-os de beleza admirável e em nú-
c mero infinito. Como a terra os provesse de tudo isso, os moradores da ilha construíram templos, palácios régios, portos e arsenais, bem como embelezaram toda a região da maneira que passarei a relatar.

VIII — Inicialmente, construíram pontes nos cinturões de mar que envolviam a antiga metrópole, a fim de conseguir passagem para fora e para o palácio real. Esse palácio fora edificado nos primeiros tempos, no local habitado pela divindade e seus antepassados. À me-
d dida que os reis o recebiam de seus antecessores, tratavam de embelezá-lo ainda mais, empenhando-se ao máximo cada um em ultrapassar nesse ponto o anterior, até fazerem de sua moradia uma verdadeira obra-prima de encantar a vista, por suas dimensões e beleza. Do lado do mar, eles abriram um canal de três plectros de largura, cem pés de profundidade e cinqüenta estádios de comprimento até o cinturão externo, como a entrada de um porto, para os navios vindos do mar, e suficientemente largo para o ingresso de barcos de grande enverga-
e dura. Os cintos de terra que separavam as zonas marítimas eles abriram na altura das pontes, de modo que só permitissem passar de um cinturão para outro uma única trirreme, e os proveram de uma abertura, por baixo da qual os navios pudessem entrar, visto elevarem-se muito acima do nível da água os parapeitos dos cinturões de terra. O maior desses cinturões de água, que se comunicava com o mar, tinha três estádios de largura;

tão largo quanto este era o cinturão vizinho, de terra; dos dois seguintes, o de água apresentava dois estádios de largura, sendo que o seco era das dimensões do anterior;
116 a por ultimo, era apenas de um estádio o que circundava a ilha central. Quanto à ilha, sede do palácio real, media cinco estádios de diâmetro. Revestiram de um muro de pedra de um plectro de largura todo o contorno da ilha, o cinturão de terra e os parapeitos laterais da ponte; além disso, construíram torres e portas nas pontes e nas passagens do mar. As pedras usadas nessas construções foram extraídas do subsolo da porção central da ilha e dos dois cinturões de terra, tanto no lado de dentro
b como no de fora; havia brancas, pretas e vermelhas. Com o trabalho de extração de pedras, construíram bacias duplas no interior do solo, para a acomodação das naves, cujo teto era formado pela própria rocha. Algumas dessas construções eram de colorido simples; noutras foram aplicadas pedras de cores diferentes, para agradar a vista, o que lhes emprestava especial encanto. Todo o contorno do muro do cinturão externo foi revestido de uma camada de cobre, o do interno com uma de esta-
c nho, e o terceiro, que circundava a própria Acrópole, com os reflexos de fogo do oricalco.

IX — O palácio real, no interior da Acrópole, foi construído do seguinte modo. No centro da Acrópole havia um templo consagrado a Clito e Posido, cuja entrada estava proibida, e cercado por um muro de ouro, justamente onde no começo foi gerada e nasceu a família dos dez príncipes. Para aí, também, lhes traziam todos os anos os frutos da terra, na estação própria, das dez províncias em que haviam repartido entre eles mesmos a
d região. O templo de Posido tinha um estádio de comprimento e três plectros de largura, sobre ser de altura proporcional; seu estilo revelava certa influência bárbara. Por fora, todo o templo era forrado de prata, com exceção dos acrotérios, que eram de ouro. No interior, a abóbada era de marfim, com ornamentos de ouro, prata e oricalco; tudo o mais, paredes, colunas e o pavimento, revestido de oricalco. Levantaram aí estátuas de ouro,
e entre elas a da deusa, de pé, num carro, dirigindo seis cavalos alados, e de tal altura, que chegava a tocar na abóbada com a cabeça, e à sua volta, em círculo, cem Nereidas montadas em seus delfins; sim, porque, de acordo com a crença da época, elas perfaziam esse número. Ha-

via, também, muitas estátuas dedicadas por particulares. Do lado de fora do templo, em todo o seu contorno, foram colocadas estátuas de ouro de todos os descendentes dos dez reis, juntamente com as de suas esposas, além de muitas outras de grandes dimensões, como ex-votos dos soberanos e de gente do povo, tanto da cidade como das regiões vizinhas a ela submetidas. O altar,
117 a por suas dimensões e acabamento, correspondia a toda essa magnificência, não destoando o palácio real nem da grandeza do império nem da ornamentação do templo.

As duas fontes, de água quente e de água fria, de jorro abundante, pela amenidade e excelência de suas águas, prestavam-se admiravelmente para o uso da população. Em suas imediações construíram edifícios e plantaram árvores benéficas para as águas, bem como cister-
b nas, sendo umas ao ar livre e outras cobertas, estas últimas para os banhos quentes na estação do inverno. O banheiro dos reis era separado do dos particulares, havendo, também, banheiros especiais para as mulheres, cavalos e animais de carga, todos eles com dispositivos peculiares. Parte da água corrente eles canalizaram para o bosque de Posido, onde cresciam árvores da mais variada espécie, de beleza e grandeza admiráveis, graças à qualidade do solo; a outra parte era canalizada para os cinturões externos por meio de aquedutos que passavam
c sobre as pontes. Aí foram construídos vários templos dedicados às numerosas divindades, muitos jardins e ginásios para exercícios tanto dos homens como dos cavalos, sendo que estes últimos ficavam à parte, nas ilhas formadas pelos cinturões de água. Entre outras, bem no centro da ilha maior, foi localizado um hipódromo de um estádio de largura, e que em comprimento acompanhava todo o cinturão de terra, destinado especialmente para corrida de cavalos. De um lado e doutro dessa pista
d foram construídas casas para a maioria dos guardas, pois os de mais confiança residiam perto da Acrópole. Mas, aos que se distinguiam dentre todos por sua fidelidade eram designadas moradias especiais no recinto da Acrópole, ao lado das dos prórprios soberanos. Os arsenais estavam apinhados de trirremes e de apetrechos náuticos, tudo do melhor e sempre pronto para o uso. Assim estavam distribuídas todas essas construções, à volta do palácio real.

Depois de atravessar os portos externos, em número de três, alcançava-se um muro circular que começava no mar e distava, em toda sua extensão, cinqüenta estádios do maior cinturão e de seu porto, e fechava nessa altura a entrada do canal do lado do mar; toda a sua área era tomada por casas construídas muito perto umas das outras. O canal e o porto maior formigavam sempre de barcos e de mercadorias da mais variada procedência, que enchiam o dia e a noite de barulho e multidões e ruídos de toda a espécie.

X — Apresentei-vos um relato mais ou menos fiel do que há muito me contaram da cidade e de seu antigo palácio. Cumpre, agora, lembrar a natureza e a organização do resto do país. Para começar, informaram-me que toda a região era muito alta e caída a pique sobre o mar, mas que o terreno à volta da cidade era plano e cercado de montanhas que desciam até à praia; de superfície regular, era mais comprida do que larga, com três mil estádios na sua maior extensão, e dois mil no centro, para quem subisse do lado do mar. Toda essa faixa da ilha olhava para o sul, ao abrigo do vento norte. As montanhas das imediações eram famosas pelo número, altura e beleza, muito acima das de nosso tempo, com numerosas aldeias de periecos abastados, e rios e lagos e várzeas que forneciam alimentação abundante para toda a espécie de animais domésticos e selvagens, além de matas com toda sorte de madeiras de ampla indicação para qualquer espécie de trabalho.

Já por sua própria natureza, já pelo trabalho de uma longa série de reis em sucessivas gerações, essa planície adquiriu a feição que passarei a expor. Apresentava a forma aproximada de um quadrilátero retilíneo e oblongo, e o que lhe faltava em regularidade era recompensado por um fosso envolvente em toda a sua extensão. Quanto à profundidade, comprimento e largura desse fosso, é quase inacreditável o que se conta, por tratar-se de uma obra realizada pela mão do homem, ao lado de muitas outras de iguais características. Foi cavado até à profundidade de um plectro, ou cem pés; tinha um estádio de largura em toda a sua extensão, e como em comprimento ele circundava toda a planície, perfazia o total de dez mil estádios. Recebia as águas que desciam das montanhas, rodeava a planície e, alcançando a cidade por suas duas extremidades, despejava-se no mar. Da

parte alta da cidade saíam canais de cerca de cem pés de largura, que cortavam a planície em linha reta e vinham descarregar no fosso perto do mar; entre um canal e outro havia um intervalo de cem estádios. Serviam para transportar toras de madeira para a cidade, cortadas nas montanhas, e também para outros produtos das estações, em barcos apropriados, o que era facilitado pela abertura de canais oblíquos que permitiam passar de um para o outro, no rumo da cidade. Duas vezes por ano colhiam os frutos da terra, pois na estação do inverno beneficiavam-se das chuvas de Zeus, e no verão, das águas fornecidas pela terra, por meio de regos alimentados pelos canais.

(e)

No que diz respeito ao número de homens da planície para o serviço militar, ficou assentado que cada lote de terra forneceria um chefe; o tamanho de cada lote era de dez vezes dez estádios, num total de sessenta mil. Quanto aos homens tirados das montanhas e do resto do país, constituíam, ao que me disseram, verdadeira multidão; eram distribuídos de acordo com os distritos e aldeias, sob a direção dos respectivos chefes. Cada comandante tinha por obrigação fornecer para os efetivos de guerra a sexta parte de um carro de combate, a fim de perfazerem um total de dez mil carros; e mais: dois cavalos com seus cavaleiros; uma parelha de cavalos sem carro, com um combatente armado de escudo pequeno e um auriga para os cavalos, postado sempre atrás do combatente; depois, dois hoplitas, arqueiros e fundibulários em igual número; combatentes de pedras e de dardos, três de cada, e quatro marinheiros para completar a tripulação de mil e duzentos navios. Tal era a organização militar da cidade real; as outras nove eram ordenadas de maneira diferente, o que exigiria de nossa parte mui larga explanação.

(119 a) (b)

XI — Desde o começo, o governo e os cargos públicos foram organizados da seguinte maneira: cada um dos dez reis, em seu distrito e sua propriedade, dispunha de poder discricionário sobre os homens e a maior parte das leis, sendo-lhes facultado castigar quem quisessem, ou mesmo condená-lo à morte. Mas, a autoridade entre eles mesmos e suas relações recíprocas eram reguladas pelas disposições de Posido, tal como as leis as transmitiram, e pelas inscrições gravadas numa coluna de oricalco pelos primeiros reis, que se encontrava no templo de Posido,

(c)

d bem no centro da ilha. Nesse local, todos eles se reuniam cada cinco ou seis anos, alternadamente, como demonstração de igual reverência ao par e ao ímpar. Nessas reuniões, tratavam de assuntos de interesse comum, inquiriam se algum deles havia transgredido nalgum ponto a lei, e o julgavam de acordo. Antes do julgamento e em penhor de sua boa fé, procediam do seguinte modo: após dispensarem os respectivos séquitos, os dez soberanos, armados de paus desprovidos de ferro e com laços corredios, empenhavam-se em capturar um dos touros que pastavam livremente no recinto do templo de Posi-

e do e suplicavam à divindade que lhes permitisse apanhar a vítima mais do seu agrado. O touro laçado era conduzido à coluna, no topo da qual era imolado, de modo que o sangue banhasse a inscrição. Afora as leis, havia gravado na coluna um juramento que cominava as mais terríveis maldições para os desobedientes. A esse modo,

120 a depois de sacrificarem o touro de acordo com o ritual prescrito, consagravam-lhe todos os membros, enchiam de vinho uma cratera, dentro da qual lançavam um coágulo de sangue por pessoa e levavam o resto ao fogo, após a limpeza prévia da coluna e suas imediações. De seguida, retirando vinho da cratera em copas de ouro, faziam uma libação sobre o fogo e prometiam julgar conforme as leis inscritas na coluna e punir quem quer que as houvesse transgredido, bem como não violar conscientemente nenhum dos parágrafos ali gravados nem comandar alguém nem receber ordens de ninguém,

b a não ser de acordo com as determinações escritas de seus pais. Depois de prestarem todos esses juramentos, em seu próprio nome e no de seus descendentes, cada um bebia e consagrava no templo do deus a copa de que se servira, ocupando-se, em seguida, da ceia e de outras cerimônias necessárias. Ao escurecer e apagar-se o fogo do sacrifício, todos se envolviam num belíssimo manto azul escuro, assentavam-se no chão, sobre as cinzas do sacrifício, e durante a noite, depois de extinguir todo o

c fogo ao redor do templo eram julgados ou julgavam, sempre que algum deles fosse acusado de possível transgressão. Uma vez proferida a sentença, ao clarear do dia, inscreviam-na numa placa de ouro, que era dedicada juntamente com as vestes, à guisa de memorial.

Ademais, havia muitas outras leis particulares inscritas no templo, com respeito às prerrogativas de cada

rei, das quais as mais importantes tratavam da proibição de pegarem em armas uns contra os outros, de se congregarem num só esforço, na hipótese de algum deles tentar destruir em seu domínio uma das casas reais, deli-
d berar em comum, a exemplo do que fizeram seus antepassados, acerca das decisões pertinentes à guerra e de outros dispositivos, mas sempre conservando a supremacia entre a raça de Atlante. Contudo, o rei não tinha poder para condenar à morte nenhum dos de sua raça, a menos que contasse com o voto de mais da metade dos dez reis.

XII — Tal e tanta e assim organizada era a força daquela região que a divindade congregou e lançou contra nosso país, pelos seguintes motivos, conforme reza a tradição. Durante o decurso de muitas gerações, enquan-
e to a natureza do deus se fazia sentir neles, obedeceram às leis e se mantiveram fiéis ao princípio divino, com que eram aparentados. Animados de pensamentos verdadeiros e, a todas as luzes, grandiosos, comportavam-se com doçura e sabedoria nas ocorrências imprevistas e em suas relações recíprocas. Com exceção da virtude, não atribuíam nenhuma importância aos outros bens, considerando fardo leve a posse de montões de ouro e de ou-
121 a tras propriedades. Sem se embriagarem com a luxúria, jamais perdiam o auto-domínio por causa das riquezas nem se apartavam do cumprimento do dever; pelo contrário: temperantes todos eles, percebiam claramente que esses bens cresciam com a afeição mútua de par com a virtude, e que se a eles se apegassem e lhes emprestassem valor excessivo, acabariam perecendo e, com eles, a virtude.

Enquanto se governaram por tais princípios e neles predominou a natureza divina, prosperaram os bens a que me referi. Mas, quando se alterou o elemento divino
b que existia neles, pela mistura insistente de um elemento mortal considerável, vindo a prevalecer a natureza humana, incapazes de suportar o peso da prosperidade, comportaram-se por maneira indigna, apresentando-se, aos olhos de quem sabe ver, sob aspecto lastimoso, uma vez que se despojaram dos melhores e mais preciosos bens. Mas, os que não sabem distinguir a verdadeira felicidade os consideravam belíssimos naquelas condições e felizes em grau máximo, saturados, como se achavam, de avareza injusta e do orgulho de mandar. Porém Zeus, o

deus dos deuses, que reina segundo as leis e tudo observa, atentando no estado miserável a que chegara aquela raça tão virtuosa, resolveu castigá-los para que se tornas-
c sem mais sábios e mais prudentes. Para isso convocou os deuses na muito honrosa morada deles todos, e que, por estar situada no centro do universo, vê tudo o que participa da geração. Depois de todos reunidos, lhes falou . . .

O SEGUNDO ALCIBÍADES

O **Segundo Alcibíades** integra, segundo consenso de grande parte dos estudiosos, o grupo dos diálogos de autoria duvidosa, ao lado de **Hiparco, Os Rivais, Teágenes, Clitofonte** e **Minos**, todos considerados autênticos pelos antigos e registrados no catálogo de Trasilo. Alguns chegaram a atribuí-lo a Xenofonte, pela concordância entre a tese defendida por Sócrates e uma passagem das **Memorabilia** (I, cap. III, 2); fortes indícios, contudo, mostram a sua vinculação ao estoicismo. (Para o conhecimento da questão dos diálogos platônicos de autoria duvidosa, ver a Introdução de Carlos Alberto Nunes ao **Primeiro Alcibíades**, Vol. V, págs. 183 e ss., desta edição do **Corpus Platonicum**).

O assunto em discussão é a **prece**. As súplicas que dirigimos aos deuses devem ser feitas com cuidado, a fim de não pedirmos um grande mal pensando que estamos pedido algum bem (cf. 138b). Essa proposição conduzirá a considerações diversas, das quais é relevante a distinção entre ciência verdadeira (sabedoria) e falsa ciência (mera erudição), alcançando-se através delas o objetivo principal do diálogo: mostrar que nas orações o que realmente conta é o estado da alma (cf. 149e-150a).

Embora muitas evidências afastem a atribuição da autoria desse texto a Platão, é inegável que em muitas passagens o espírito do platonismo está presente, inclusive, como nota Diès (**Autour de Platon**, p. 587), na prece do poeta desconhecido que Sócrates aprova (143a).

O Segundo Alcibíades

(Ou: Sobre a Prece. Gênero Maiêutico)

Personagens:

Sócrates — Alcibíades

St. II

138 a — I — Vais fazer tuas orações à divindade, Alcibíades?

Alcibíades — Isso mesmo, Sócrates.

Sócrates — Pareces alterado; olhas para baixo, como se estivesses a pensar em alguma coisa.

Alcibíades — Em que poderia pensar, Sócrates?

Sócrates — No que mais importa, Alcibíades, quero b crer. Em nome de Zeus, dize-me o seguinte: não achas que os deuses em parte acolhem e em parte rejeitam as súplicas que lhes dirigimos, em público ou em particular, favorecendo algumas pessoas e outras não?

Alcibíades — Penso que sim.

Sócrates — Nesse caso, não te parece que é necessário muito cuidado para ninguém prejudicar-se, e pedir, sem o querer, um grande mal, na suposição de que está pedindo algum bem, no instante preciso em que a divindade se encontra disposta a conceder o que lhe pedem? c Pelo menos, é o que contam de Edipo, quando suplicou viessem os filhos a dividir a herança por meio do ferro. Tendo a possibilidade de implorar que afastasse de si os males presentes, pediu se lhe acrescentassem novas desgraças às que tanto o afligiam. Por isso, aconteceu quanto ele desejava, além de conseqüências de muito maior gravidade, que não precisarei particularizar.

Alcibíadas — Mas, Sócrates, referes-te a um louco. Acreditas mesmo que alguém, perfeito em juizo seria

capaz de fazer semelhante pedido?

II — **Sócrates** — Então, consideras a loucura o oposto da sensatez?

Alcibíades — Perfeitamente.

d **Sócrates** — E não achas que tanto há indivíduos insensatos como sensatos?

Alcibíades — Sem dúvida que há.

Sócrates — Ora bem; então vejamos quais sejam. Aceitamos, por conseguinte, que há indivíduos sensatos e indivíduos insensatos, como também há loucos.

Alcibíades — Aceitamos, realmente.

Sócrates — E não haverá pessoas sãs?

Alcibíades — Há.

Sócrates — Como também há doentes?

139 a **Alcibíades** — Sem dúvida.

Sócrates — Que não serão as mesmas.

Alcibíades — Decerto que não.

Sócrates — E fora desses dois estados, pode haver mais algum?

Alcibíades — Não há.

Sócrates — Logo, todo homem terá necessariamente de ser doente ou são.

Alcibíades — É assim que eu penso.

Sócrates — E com respeito à sensatez e à insensatez és da mesma opinião?

Alcibíades — Como assim?

Sócrates — És de parecer que todo homem terá de ser sensato ou insensato, ou haverá um estado intermediário, que seria o terceiro, e em que ele não seja nem uma coisa nem outra? b

Alcibíades — Com toda a segurança: não.

Sócrates — Nesse caso, ele terá forçosamente de ser uma coisa ou outra?

Alcibíades — É o que me parece.

Sócrates — Mas, já não te lembras de teres dito que a loucura é o oposto da sensatez?

Alcibíades — Lembro-me.

Sócrates — E também que não há um terceiro estado que faça o homem não ser bem sensato nem insensato?

Alcibíades — Sim; foi o que admiti.

c **Sócrates** — Então, de que modo poderia haver dois contrários para uma única coisa?

Alcibíades — De jeito nenhum.

Sócrates — Por conseguinte, loucura e insensatez viriam a ser a mesma coisa?

Alcibíades — Parece que sim.

III — **Sócrates** — Nesse caso, Alcibíades, será certo dizer que todos os insensatos são loucos. É o que se verificará, por exemplo, tanto com relação aos moços de tua idade, se houver entre eles, como terá de haver, algum desprovido de senso, como com os mais idosos. Vamos, por Zeus: dize-me se não és de parecer que em nossa cidade são poucos os homens de senso, enquanto não têm conta os que denominamos loucos, os insensatos.

Alcibíades — Sou.

Sócrates — E achas que poderíamos viver alegres na d companhia de tantos loucos, sem termos há muito tempo experimentado certos inconvenientes, como sermos batidos ou vergastados, ou sofrido outras violências próprias de loucos? Reflete um pouco, meu caro, se as coisas não se passam de outra maneira?

Alcibíades — Como será, então, Sócrates? É bem possível que me tenha enganado.

Sócrates — É também o que eu penso. Mas, consideremos a questão do seguinte modo.

Alcibíades — Como será?

Sócrates — Vou dizer-te. Já admitimos que há pessoas doentes, não é isso mesmo?

Alcibíades — Perfeitamente.

e **Sócrates** — E és de parecer que um indivíduo doente terá de ter necessariamente febre, ou sofrer de gota ou de oftalmia? Ou não achas que sem sofrer de nenhum desses incômodos, possa estar doente de outra coisa? Há uma infinidade de doenças; não são essas as únicas.

Alcibíades — É também o que eu penso.

Sócrates — Toda oftalmia não te parece ser doença?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Porém nem toda doença é oftalmia.

Alcibíades — Não, positivamente. Mas, eu mesmo já não sei o que falo.

140 a **Sócrates** — Se me concederes atenção, sendo dois a procurar, logo acharemos o caminho.

Alcibíades — Sim, concedo, Sócrates, quanto em mim estiver.

Sócrates — Não concordamos que toda oftalmia é

doença, mas que nem toda doença é oftalmia?

Alcibíades — Concordamos.

Sócrates — E com razão admitimos esse ponto. Como também são doentes todos os febricitantes, porém nem todos os doentes são febricitantes, nem sofrem b de gota nem de oftalmia, é o que eu penso. Muito embora todos esses males sejam doenças, é diferente o tratamento de cada um, conforme dizem os indivíduos a que damos o nome de médico. Nem são semelhantes, nem atuam por maneira semelhante, tendo cada doença sua força específica. No entanto, tudo é doença. Do mesmo modo, aceitamos que há grande variedade de artesãos, não é isso mesmo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Sapateiros, carpinteiros, escultores e muitos mais, que não vale a pena especificar. Cada um deles exerce determinada profissão; todos são artesãos, c porém nem todos são carpinteiros ou sapateiros ou escultores.

Alcibíades — Não, realmente.

Sócrates — O mesmo se observa com a insensatez: aos que a revelam em grau muito acentuado, damos o nome de loucos; os que dela participam um pouco menos, chamamos de tolos ou aluados. Quem se compraz com expressões mais delicadas, tratam-nos de exaltados, d simplórios e, também, inocentes, faltos de experiência, e casmurros. Se procurares, encontrarás muitas outras designações. São casos, todos eles, de falta de senso, mas que diferem entre si como uma profissão difere de outra, e uma doença, também, de outra qualquer. Não te parece?

Alcibíades — Estou de inteiro acordo.

IV — **Sócrates** — Mas voltemos ao ponto inicial da digressão. Dissemos no começo de nossa conversa que era preciso distinguir entre os indivíduos sensatos e os insensatos. Admitimos essas duas classes, não foi isso mesmo?

Alcibíades — Admitimos.

e **Sócrates** — E não consideras sensatos os indivíduos que sabem o que é preciso fazer ou dizer?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E insensatos? Não serão os que não sabem nem uma coisa nem outra?

Alcibíades — Justamente.

Sócrates — Logo, os que ignoram ambas as coisas, farão ou dirão, sem o querer, o que não devem.

Alcibíades — Exatamente.

Sócrates — Foi entre as pessoas desse tipo, Alci-
141 a bíades, que eu classifiquei Édipo. Mas no nosso tempo encontrarás muitos indivíduos que, sem estarem encolerizados como ele, pedem males aos deuses pensando que estão pedindo bens. Aquele, como não pedia bens, também não imaginava que os pedisse; porém há quem faça justamente o contrário. O que eu penso é que serias o primeiro, no caso de aparecer-te a divindade a que vais dirigir tuas orações, e te perguntasse, antes de formulares qualquer pedido, se te contentarias em ser tirano de Atenas e, ao perceber que se te afigurava mesquinha semelhante perspectiva e carecente de valor, acrescentasse:
b Não, de toda a Hélade; e ao ver que ainda consideravas pouco, a menos que te prometesse toda a Europa, e mais, para não ficar apenas em promessa, no mesmo dia, se assim o desejasses, todo o mundo passaria a saber que Alcibíades, filho de Clínias, se tornara tirano: tenho certeza, digo, de que voltarias radiante de alegria, por haveres alcançado o maior dos bens.

Alcibíades — O que eu acho, Sócrates, é que não há quem não ficasse satisfeito com tamanha sorte.

c **Sócrates** — Mas não havias de querer trocar tua vida pelo domínio de toda a região da Hélade e dos países bárbaros.

Alcibíades — Não, de fato; como haveria de querer, se não pudesse aproveitar-me disso?

Sócrates — Como também não aceitarias semelhante presente, se de sua posse só te adviessem males e prejuízos.

Alcibíades — Sem dúvida.

V — **Sócrates** — Como vês, não é seguro aceitar sem mais nem menos o que é oferecido, nem pedir algo, se
d disso resultar algum dano ou mesmo a morte. Poderia mencionar-te muitas pessoas que desejavam a tirania e se esforçaram por alcançá-la, como se ambicionassem algo bom, e que, como decorrência da própria tirania, vieram a perder a vida. Decerto ouviste falar do que aconteceu ontem mesmo, ou anteontem, com Arquelau da Macedônia, morto por seu amásio, cujo amor à tirania não era menor do que o que lhe dedicava o amante, convencido, como estava, o assassino, de que com a morte do amante

e ele se tornaria tirano e levaria vida feliz. Mas, três ou quatro dias depois de haver alcançado o que almejava, caiu, por sua vez, vítima de uma conspiração e perdeu a vida. Ou então observa o que se passa com os nossos concidadãos — do que não temos conhecimento apenas

142 a por ouvir dizer, mas por sermos testemunhas oculares — que ambicionaram postos de comando militar: quantos conseguiram alcançá-los, ou continuam até hoje exilados ou vieram a perder a vida. Os que parecem ter tido melhor sorte, passaram por tantos sustos e perigos, assim na expedição como depois de regressarem para a pátria, onde foram assediados pelos sicofantas por maneira não menos violenta do que o tinham sido pelos inimigos, que

b alguns desejariam ter sido comandados, em vez de ocupar postos de comando. Se dos perigos e canseiras lhes adviesse alguma vantagem, ainda teriam justificativa. Mas é justamente o contrário que se observa. O mesmo se dá com as pessoas que fazem promessa para ter filhos: quando se vêem atendidos nesse pedido, caem nas maiores desgraças e sofrimentos, uns, por terem filhos perversos ao extremo, passam a vida em profunda tristeza; ou-

c tros, depois de alcançarem filhos ótimos e de terem a infelicidade de perdê-los, não são menos desgraçados do que os primeiros e prefeririam ter ficado sem filhos. No entanto, apesar desses exemplos e de muitos outros do mesmo gênero, igualmente ilustrativos, é raríssimo encontrar quem recuse o que se lhe dá ou que, podendo alcançar algo por meio da oração, não formule algum pedido. A maioria dos homens não deixaria de aceitar a

d tirania ou comandos militares ou tantas outras coisas cuja posse é mais prejudicial do que vantajosa; chegariam, mesmo, a fazer votos para obter o que não têm. Mas, pouco tempo depois, alguns mudam de tom, retratam-se do primeiro voto, desejando que não tivesse sido formulado. Daí eu suspeitar que estão muito errados os indivíduos que acusam os deuses de serem causadores de seus infortúnios. São eles mesmos que, por imprudência ou,

e digamos, por suas loucuras, contra o destino as dores provocam. Ao que parece, Alcibíades, não faltava bom senso ao nosso poeta, que, ao ver os amigos insensatos, como suponho, fazerem e pedirem aos deuses coisas que não lhes seriam de nenhuma vantagem, mas que eles consideravam proveitosas, compôs uma prece para todos em comum, mais ou menos nos seguintes termos:

143 a Dá-nos, Zeus máximo, os bens que pedimos e os que silenciamos;
porém os males, afasta-os de nós, se os pedirmos às tontas.

Para mim, o poeta falou bem e com ponderação. Se tens algo a objetar, não deixes para depois.

VI — **Alcibíades** — É muito difícil, Sócrates, formular objeção ao que está bem dito. Contudo, ponho-me a refletir na quantidade de males de que a ignorância é causa, quando, como parece, sem o querermos, ela nos leva a praticar o mal e — o que é pior — a pedir aos deuses as maiores desgraças. Ninguém o percebe; pelo contrário: todos se julgam capazes de pedir para si apenas o melhor, não o que é ruim. Um pedido nessas condições assemelha-se mais a maldição.

b

Sócrates — Porém, meu caro, quem sabe se alguém mais prudente do que eu e tu não diria que fazemos mal em condenar, assim de pronto, a ignorância, sem esclarecermos a que ignorância nos referimos e ignorância de quê, e também como ela poderá ser um bem para determinadas pessoas e mal para outras.

c

Alcibíades — Como assim? Em qualquer circunstância, poderá haver alguma coisa que seja melhor ignorar do que conhecer?

Sócrates — Acho que pode; não pensas como eu?

Alcibíades — Não, por Zeus.

Sócrates — Mas, com toda a segurança, não te considero capaz de querer fazer com tua própria mãe o que dizem terem feito com seus pais Orestes e Alcmeão e tantos outros que cometeram crimes idênticos.

d

Alcibíades — Por Zeus, Sócrates, fala melhor!

Sócrates — Não deves dizer, Alcibíades, Fala melhor, para quem declara que não haverás de querer praticar semelhante ato, mas, de preferência, para quem asseverar o contrário, já que o crime te parece tão horrendo até para ser mencionado. Achas mesmo que se Orestes fosse sensato e soubesse qual seria para ele a melhor maneira de conduzir-se, teria feito o que fez?

Alcibíades — Não, realmente.

e

Sócrates — Nem ninguém o faria, quero crer.

Alcibíades — Também não.

Sócrates — Ao que parece, portanto, é mal igno-

rarmos o melhor e não conhecermos o que é melhor.

Alcibíades — Parece que sim.

Sócrates — Mal para ele como para todos?

Alcibíades — Sem dúvida.

VII — **Sócrates** — Consideremos agora o seguinte caso: suponhamos que te ocorresse de súbito a idéia de que seria grande benefício tomar de um punhal, ir à casa de Péricles, teu tutor e teu amigo, e perguntar se ele lá 144 a se encontrava, por tencionares matá-lo e a mais ninguém, e te informassem que ele lá se achava. Não digo que fosses capaz de fazer semelhante coisa; apenas formulo a hipótese de ocorrer-te essa idéia, pois nada impede a quem não conhece o bom, considerar por vezes o pior dos males como o bem em grau superlativo. Ou não achas que seja assim mesmo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — E se, ao penetrares na casa e à primeira b vista não o reconhecesses, por o teres imaginado pessoa diferente, ainda te atreverias a matá-lo?

Alcibíades — Não, por Zeus.

Sócrates — Porque não tinhas intenção de matar quem quer que viesses a encontrar, mas apenas o próprio Péricles, não é isso mesmo?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Assim, depois de várias tentativas, se nunca reconhecesses Péricles, nunca chegarias a agredi-lo?

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — E então? És de parecer que Orestes tivesse assassinado a mãe, se não a houvesse reconhecido?

c **Alcibíades** — Creio que não teria.

Sócrates — Não formara o propósito de matar a primeira mulher com que se deparasse, nem a mãe de quem quer que fosse, porém sua própria mãe.

Alcibíades — Exatamente.

Sócrates — Logo, a ignorância é de mais vantagem para os que se encontram com essa disposição e têm semelhantes idéias.

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — Como vês, para algumas pessoas, em certas ocasiões, a ignorância de determinadas coisas pode ser um bem, e não um mal como supunhas.

Alcibíades — É o que parece, de fato.

d VIII — **Sócrates** — Há outro caso que, se fosses con-

siderar, talvez te parecesse ainda mais estranho.

Alcibíades — qual é, Sócrates?

Sócrates — Pode acontecer, por assim dizer, que a posse de todas as ciências, porém sem o conhecimento do bem, raramente seja de vantagem para seu possuidor, e que, na maioria das vezes, prejudique. Estudemos a questão da seguinte maneira: Não te parece inevitável, quando pretendemos fazer ou dizer alguma coisa, imaginar que conhecemos, de fato, ou pensamos conhecer o e que estamos tão confiadamente na iminência de fazer ou de dizer?

Alcibíades — Acho que sim.

Sócrates — Seria o caso dos oradores que sabem dar bons conselhos, ou imaginam sabê-lo, quando nos doutrinam sobre a guerra ou a paz, ou a respeito de construção dos muros ou do preparo dos portos. Em resumo: 145 a todas as medidas tomadas por alguma cidade com relação a outra ou com seus próprios assuntos, decorrem exclusivamente dos conselhos dos oradores.

Alcibíades — É certo o que dizes.

Sócrates — Considera agora o seguinte, se me for possível expor meu pensamento. Admites que haja indivíduos sensatos, como também há insensatos?

Alcibíades — Sem dúvida.

Sócrates — E que os insensatos são em maior número, sendo poucos os sensatos?

Alcibíades — Isso mesmo.

Sócrates — E que tens em vista alguma coisa para qualificá-los desse modo?

Alcibíades — Exatamente.

b **Sócrates** — Ao indivíduo que se prontifica a dar conselhos, sem saber nem o que é melhor, nem quando será melhor: esse é que denominas sensato?

Alcibíades — De forma alguma.

Sócrates — Como também não será o que conhece a arte da guerra, porém ignora quando é melhor dar início à guerra e por quanto tempo convirá que ela dure.

Alcibíades — Não.

Sócrates — Nem, ainda, o que sabe matar alguém, ou tomar-lhe as propriedades, ou expulsá-lo da terra natal, porém ignora quando e com quem será melhor assim proceder.

Alcibíades — Não, decerto.

c **Sócrates** — Será, então, quem conhecer qualquer

dessas coisas e, ao mesmo tempo, dispuser do conhecimento do bem, que se confunde, aliás, com o conhecimento do útil, não é verdade?

Alcibíades — Perfeitamente.

Sócrates — Um indivíduo nessas condições é que designamos como suficiente para aconselhar a cidade e a si mesmo. Quem não for assim, será o contrário disso. Ou como te parece?

Alcibíades — Isso mesmo.

IX — **Sócrates** — E o indivíduo que entenda de montar a cavalo ou de atirar com arco, ou de luta e pugilato, ou que se distinga em qualquer outra espécie de d competição e em tudo o que conhecemos como arte: que nome dás a quem sabe como proceder pelo melhor modo, de acordo com essa arte? O nome cavaleiro não vem da arte de bem cavalgar?

Alcibíades — Vem.

Sócrates — Da arte do pugilato vem pugilista; da auleutrística ou arte de tocar flauta vem flautista, e em tudo o mais pela mesma forma. Ou será de outra maneira?

Alcibíades — Não; é assim mesmo.

Sócrates — Achas, então, que o conhecedor de uma dessas artes forçosamente terá de ser denominado ho- e mem sensato? Ou diremos que lhe falta muito para isso?

Alcibíades — Muito, por Zeus.

Sócrates — E como imaginas que seria uma cidade composta de hábeis arqueiros e de tocadores de flauta, e também de atletas e artesãos de toda natureza, de mistura com os a que há pouco nos referimos, os entendidos na arte de guerrear e de matar os outros, e também os oradores inflados de orgulho político, se a todos eles faltasse o conhecimento do bem e nenhum soubesse como 146 a aplicar essas artes e em benefício de quem?

Alcibíades — Achá-la-ia pessimamente organizada, Sócrates.

Sócrates — É o que dirias, de fato, quando visses a rivalidade de todos contra todos e a importância que cada um atribui, para a vida da cidade, em exceder a si mesmo e valer sempre mais, quero dizer, no que respeita ao melhor desempenho de sua arte, ao passo que em relação ao que é melhor para a cidade e para ele mesmo, comete os piores erros, por confiar, segundo penso, na b opinião carecente de inteligência. Sendo assim, não teremos o direito de dizer que uma cidade nessas condi-

ções só apresenta anarquia e desordem?

Alcibíades — E com toda a razão o diríamos, por Zeus.

Sócrates — E já não admitimos que é absolutamente necessário imaginar que conhecemos ou que conhecemos de verdade o que nos dispomos a dizer ou realizar?

Alcibíades — Admitimos.

Sócrates — E no caso de alguém fazer o que sabe ou julga saber, e adicionar a isso o conhecimento do útil, c não concluiríamos que agiu com vantagem, tanto para a cidade como para si próprio?

Alcibíades — Como não?

Sócrates — Porém quer parecer-me que se fizer o contrário disso, nem ele nem a cidade virão a lucrar coisa alguma.

Alcibíades — Não, de fato.

Sócrates — E então? Continuas a pensar do mesmo modo, ou já mudaste de opinião?

Alcibíades — Não; ainda penso do mesmo modo.

Sócrates — Mas não disseste, também, que a maioria dos homens são insensatos e que são poucas as pessoas de juízo?

d **Alcibíades** — Disse.

Sócrates — Como voltamos a afirmar que a maioria dos homens erra com relação ao bem, por confiarem, segundo penso, na opinião carecente de inteligência.

Alcibíades — Falamos nisso, realmente.

Sócrates — Sendo assim, é de vantagem para a maioria das pessoas não saber nem imaginar que sabe, sempre que se dispõem a fazer o que sabem ou presumem saber, uma vez que disso lhe advenha mais dano do que lucro.

Alcibíades — É muito certo o que dizes.

X — **Sócrates** — Como vês, eu tinha razão em afirmar que a posse de qualquer conhecimento desacompae nhado do conhecimento do bem, só muito raramente poderá ser útil, e que na maioria das vezes prejudica seu possuidor.

Alcibíades — Se não antes, agora me convenci dessa verdade.

Sócrates — Logo, a cidade e a alma que desejarem viver bem, terão de abraçar firmemente esse conhecimento, à maneira do doente que não desgruda do médico ou do que faz com o piloto quem deseja navegar com

147 a segurança. Sem esse conhecimento, quanto mais favorável for o vento da sorte, no que respeita à aquisição de riquezas, força física ou qualquer outra vantagem do mesmo gênero, maiores, ao que parece, terão de ser os erros daí decorrentes. O indivíduo que sabe tudo, como se diz, e domina muitas artes, e que, sendo órfão desse conhecimento, se deixe guiar por qualquer outro, não se verá lançado, como o merece, no maior torvelinho das tempestades, visto se ter arriscado, como imagino, a navegar sem piloto em alto mar, no espaço não muito b grande de uma vida? A meu ver, aplicam-se a este caso as palavras do poeta, com referência a certa personagem:

Coisas sem fim conhecia, porém muito mal todas elas.

Alcibíades — Mas, como podem, Sócrates, aplicar-se-lhe as palavras do poeta? Não encontro nenhuma relação com o nosso tema.

Sócrates — Pois há muita, até. O certo, amigo, é que o nosso poeta fala por enigmas, como fazem todos. c É da própria natureza da poesia ser abscura, razão de não estar ao alcance de todo o mundo. Ora, se com essa peculiaridade for ela cultivada por algum poeta de temperamento invejoso, que em vez de comunicar-nos sua sabedoria, só deseja escondê-la o mais possível, sobe de ponto a dificuldade para alcançarmos o pensamento de cada um deles. Decerto não hás de imaginar que Homero, o mais divino e sábio dos poetas, ignorasse que não é possível conhecer mal as coisas. É ele quem afirma de Margites que conhecia um sum-número de coisas, porém d todas mal. Acharemos a solução do enigma, segundo penso, se emprestarmos a "mal" o sentido de "ruim" e pusermos "conhecia" em lugar de "conhecer". Com essas alterações saímos do metro, porém fica o que o poeta queria significar, a saber: que êle conhecia muitas coisas, porém era ruim para ele conhecê-las todas. É fora de dúvida que se era ruim para ele conhecer muitas coisas, é que se tratava de um indivíduo sem préstimo, a estar certa nossa interpretação.

e **Alcibíades** — Penso que está, Sócrates. Dificilmente eu poderia aceitar outra diferente dessa.

Sócrates — Tens razão de pensar assim.

Alcibíades — É também o que me parece.

XI — **Sócrates** — Mas, prossigamos, por Zeus. Já percebeste, decerto, a natureza e o vulto da dificuldade

de que também participas, segundo penso, pois mudas de direção a cada instante, sem um momento de repou-
148 a so, e o que antes asseveravas com firmeza, agora rejeitas, sem persistires na mesma convicção. Se agora mesmo te aparecesse a divindade a cujo templo te diriges, e, antes de dizeres tua prece, te perguntasse se te contentarias com algumas das coisas a que nos referimos no começo, ou se seria preferível deixar que tu mesmo formulasses o pedido, que julgarias de mais vantagem: aceitar o que ele se prontificava a dar-te ou pedires tu mesmo alguma coisa?

Alcibíades — Pelos deuses, Sócrates; assim de pronto não sei como responder. Mas quer parecer-me que só
b um segundo Margites pediria alguma coisa. É preciso muito cuidado para não prejudicar-se alguém e pedir males, na suposição de que está pedindo bens, e não ter, como disseste, de mudar de tom pouco depois e desfazer o voto formulado antes.

Sócrates — E não foi por ser mais sábio do que nós que o poeta a que nos referimos no começo da conversa nos aconselhou a orar aos deuses para nos livrarem de males, ainda mesmo que os peçamos?

Alcibíades — Penso que sim.

Sócrates — Os lacedemônios, também, Alcibíades,
c ou por admiração ao poeta, ou porque tivessem tido espontaneamente a mesma idéia, costumam orar dessa maneira, tanto em público como em particular, e pedem aos deuses que lhe concedam o bem e o belo. Ninguém os ouve pedir outra coisa. E nem por isso, até ao presente, foram menos felizes do que os demais homens; e se porventura lhes tem acontecido algum revés, não foi por causa daquela maneira de pedir. Pois os deuses têm o poder, segundo penso, tanto de atender a nossas súplicas
d como dar-nos o contrário do que pedimos.

XII — Porém desejo contar-te uma história que certa vez ouvi de nossos maiores: todas as vezes que surgia dissídio entre os atenienses e os lacedemônios, onde quer que o prélio se travasse, ou fosse no mar ou em terra, nossa cidade era sempre mal sucedida, sem nunca sair vitoriosa. Aborrecidos com o que se passava e sem saberem como encontrar meio de se livrarem daquelas calamidades, decidiram-se os atenienses pelo recurso que se
e lhes afigurou mais indicado: mandar perguntar a Amão, entre outras coisas, por que motivo os deuses só concediam vitória aos lacedemônios e não a eles, sendo certo,

como disseram, que de todos os helenos nós somos os que fazemos os mais freqüentes e mais brilhantes sacrifícios, ornamos-lhes os templos com oferendas como não o faz nenhum outro povo; todos os anos enviamos-lhe as

149 a mais solenes e suntuosas procissões e gastamos com o serviço dos deuses mais do que todos os outros helenos reunidos. Ao passo que os lacedemônios, prosseguiram, nunca se preocuparam com essas coisas, e tão pouco caso fazem dos deuses, que chegam a oferecer a todos vítimas estropiadas, e em tudo se mostram mais parcimoniosos do que nós, muito embora não sejam menos ricos, comparados conosco. Depois de assim falarem e de haverem perguntado como precisariam proceder para

b se livrarem das calamidades que os afligia, nada lhes respondeu o profeta — evidentemente porque a divindade não o permitia —; porém, chamando para perto o mensageiro, lhe falou: Eis o que Amão responde aos atenienses: diz que prefere o culto discreto dos lacedomônios aos sacrifícios de todos os helenos reunidos. Nada mais acrescentou. Quer parecer-me que por culto discreto entendia a divindade precisamente a maneira de orar, essencialmente diversa da dos demais helenos. Estes, ou

c seja quando sacrificam bois com chifres dourados, ou quando adornam seus templos com oferendas, pedem de de tudo, ao acaso, tanto bom como mal. Ouvindo expressões blasfemas, os deuses rejeitam essas procissões e sacrifícios faustosos. Por isso, penso que é preciso muito cuidado e reflexão para saber o que se vai dizer ou deixar de dizer.

XIII — Em Homero encontrarás outras passagens

d do mesmo tipo. Refere que, ao assentarem o acampamento, os Troianos

Logo hecatombes perfeitas aos deuses do Olimpo oferecem,
e que subia até ao céu, nas espirais da fumaça
o suave odor da gordura. Os eternos, porém, recusaram
o sacrifício, que a todos odiosa era Tróia sagrada,
e Príamo e assim todo o povo do velho monarca lanceiro,

de forma que para eles era inútil oferecer sacrifícios e dádivas, por serem odiados pelos deuses, que, a meu ver, não se deixam dobrar por presentes, à maneira de onzeneiros desonestos. Constitui grande tolice de nossa par-

te, por conseguinte, imaginar que nesse ponto somos superiores aos lacedemônios. É idéia inconcebível olharem os deuses para oferendas e sacrifícios e não para as almas, por onde vejam quais são justas e piedosas. A estas,
150 a segundo penso, é que eles atendem de preferência, e não aos sacrifícios e procissões faustosas, que podem ser organizadas todos os anos sem impedimento, por qualquer indivíduo ou cidade carregada de crimes, tanto contra os deuses como contra seus próprios concidadãos. Mas os deuses não se dobram aos presentes e desprezam tudo isso, como o declaram Amão e o profeta dos deuses. É bem possível, por conseguinte, que tanto entre os deuses como entre os homens de senso a justiça e a sabedoria sejam particularmente estimadas.
b Ora, os indivíduos sensatos e justos são precisamente os que sabem como falar ou comportar-se com relação aos deuses e aos homens. Pediria agora que me disseses o que pensas a respeito de tudo isso.

Alcibíades — Eu, Sócrates? Penso exatamente como tu e o deus; nem me ficaria bem discordar dele.

Sócrates — E não te lembras de haveres dito que te encontravas em grande perplexidade, para não acon-
c tecer pedires por engano algum mal, pensando que estavas pedindo algo bom?

Alcibíades — Lembro-me.

Sócrates — Como vês, não é muito seguro dirigires à divindade tuas orações, a menos que aconteça recusar ela o sacrifício ao ouvir tua prece blasfema, se é que não te concedesse coisa muito diferente. A meu parecer, o melhor é ficares quieto; não creio que te resolvas a adotar a prece dos lacedemônios, pois a isso se opõe tua superioridade — é o nome mais delicado que se
d pode dar à insensatez —. Será forçoso, por conseguinte, esperar até sabermos como devemos tratar os deuses e os homens.

XIV — **Alcibíades** — Quando chegará esse tempo, Sócrates, e quem vai ser meu professor? Tenho certeza de que será para mim grande prazer conhecer essa pessoa.

Sócrates — É alguém que tem cuidado de ti; porém acho que, assim como Atena dissipou dos olhos de Diomedes a névoa que os turvava, conforme nos conta Homero, para

Que distinguir facilmente consigas os deuses e os homens,

e será preciso, também, retirar a caligem que presentemente te recobre a alma, depois do que ficarás em condições de distinguir entre o bem e o mal. Por enquanto, receio que ainda não sejas capaz disso.

Alcibíades — Pois que retire a caligem ou o que bem lhe parecer, porque me declaro disposto a cumprir todas as determinações desse homem — seja ele quem for — contanto que me deixe melhor.

151 a **Sócrates** — Ele também te vota bastante dedicação.

Alcibíades — Até lá, então, acho melhor adiar o sacrifício.

Sócrates — Parece-me acertada a decisão; é mais seguro isso do que te expores a tão grande perigo.

Alcibíades — E como será, Sócrates? Mas, já que me deste um conselho tão bom, vou cingir-te a fronte b com esta coroa. Aos deuses oferecerei outras coroas e tudo o mais que costumamos ofertar-lhes, quando para mim chegar esse dia, o que não há de demorar, caso tal seja do seu agrado.

Sócrates — Aceito o presente, como aceitarei também de muito bom grado tudo o que me quiseres ofertar. Eurípides faz Creonte dizer, quando viu Tirésias com uma coroa na cabeça e soube que a obtivera com sua arte e como primícias dos despojos da guerra:

> De bom augúrio, disse, considero
> tua triunfal guirlanda. Como sabes,
> tempestade violenta nos oprime.

c Assim, também, considero de bom augúrio a idéia que te ocorreu. Quer parecer-me que a tempestade em que me encontro não é menos violenta do que a de Creonte, e de muito bom grado alcançaria a vitória sobre teus apaixonados.

HIPIAS MENOR

Os dois **Hípias**, Maior e Menor, trazem à cena um sofista famoso, Hípias de Élide. Como no **Protágoras** e no **Górgias**, Platão faz do sofista objeto da ironia de Sócrates, e utiliza no desenvolvimento do assunto motivações diretamente ligadas à fama do sofista cujo nome intitula o diálogo.

A conversa, aqui, tem seu ponto de partida na discussão dos caráteres de Aquiles e Ulisses, tema, portanto, vinculado à Ilíada e à Odisséia, das quais Hípias costumava tirar exemplos para as suas prédicas morais.

Mas esse tema não é senão a via de encaminhamento do diálogo para a seu objetivo próprio: a demonstração da tese socrática de que o mal não é cometido senão involuntariamente. Essa demonstração é indireta, e seu instrumento é uma redução ao absurdo. O argumento principal é o seguinte: aquele que mente (por extensão: pratica o mal) com conhecimento de causa é mais instruído e mais capaz do que aquele que mente sem querer ou saber. O mais instruido e mais capaz é, em tudo, superior ao ignorante, e assim o que mente sabendo que mente é melhor do que aquele que mente sem o saber. A transposição dessa conclusão para o plano do geral implicará numa completa subversão da consciência moral, pois teremos então de admitir que o que pratica o mal voluntariamente é melhor do que quem o faz involuntariamente. Para que tal conclusão, entretanto, se legitimasse inteiramente, seria preciso que existisse realmente alguém capaz de praticar voluntariamente o mal. Como tal pessoa não existe, nem poderá existir, porque ninguém deseja o mal pelo mal, a conclusão se infirma (cf. 376b: ". . . se houver alguém nessas condições. . .").

Texto pertencente ao grupo dos diálogos aporéticos, o **Hípias Menor** tem sua autenticidade confirmada por uma citação de Aristóteles (**Metafísica**, Livro I, 1025a, 6 e ss.).

Hípias menor

(Ou: Sobre a mentira. Gênero refutatório)

Personagens:

Êudico — Sócrates — Hípias

St. I

363 a I — E tu, Sócrates, por que te manténs calado, depois da magnífica exibição de Hípias, e não te ajuntas ao coro dos elogios, nem fazes nenhuma observação, no caso de achares que ele não falou com propriedade? Tanto mais, que só nós ficamos, sinceros apreciadores desses entretenimentos filosóficos.

Sócrates — Realmente, Êudico; de bom grado inter-
b rogaria Hípias sobre o que ele acabou de dizer de Homero. Já ouvi de teu pai, Apemanto, que a Ilíada de Homero é um poema de maior beleza do que a Odisséia, na mesma proporção em que Aquiles é superior a Odisseu. Cada um dos poemas apresenta uma figura central; a da Ilíada é Aquiles, e a da Odisséia, Odisseu. É sobre isso que eu desejaria interrogar Hípias, no caso de concordar ele em dizer-nos o que pensa dessas duas personagens, e
c qual, a seu ver, é superior, já que se esplanou em tantas e tão variadas considerações a respeito de Homero e de outros poetas.

II — **Êudico** — Evidentemente, Hípias não se recusará a responder ao que lhe perguntares. Não é verdade, Hípias, que se Sócrates te dirigir perguntas, tu responderás a elas?

Hípias — Fora censurável de minha parte, Êudico, esquivar-me de responder a Sócrates, visto ter eu por hábito sair de Élide, onde resido, para ir a Olímpia, por ocasião dos jogos na assembléia geral dos helenos, e

d apresentar-me no santuário, não apenas para discorrer, segundo a solicitação dos circunstantes, sobre temas estudados previamente, como para responder às perguntas que me dirigirem.

364 a **Sócrates** — Como és feliz, Hípias, se puderes, realmente, em todas as Olimpíadas ingressar no santuário tão seguro de ti mesmo e confiante em tua sabedoria! Surpreender-me-ia se algum dos atletas das competições de força física ali se apresentasse para lutar, sem medo e tão confiante no seu próprio corpo como tu tizes estar com relação à tua inteligência.

Hípias — É natural, Sócrates, o que se dá comigo. Desde que comecei a tomar parte nos jogos olímpicos, não encontrei ninguém superior a mim, seja no que for.

III — **Sócrates** — Que belo monumento de sabedo-
b ria, Hípias, deve ser tua glória, para a cidade de Élide e para teus genitores! Porém que nos dizes acerca de Aquiles e de Odisseu? Qual dos dois, e por que motivo, consideras superior? Há pouco, enquanto éramos muitos lá dentro e tu fazias a tua declamação pública, não pude acompanhar o que dizias; porque havia muita gente, temia interromper-te, para não perturbar com perguntas tua declamação. Agora, porém, que somos poucos e Êudico me concita a interrogar-te, fala e explica-nos clara-
c mente o que expunhas a respeito dessas duas personagens. De que maneira as diferencias?

Hípias — De muito bom grado, Sócrates, vou expor-te com maior clareza do que antes, não somente o que penso a respeito deles dois como de outras. Declaro, pois, que em seus poemas Homero apresentou Aquiles como o mais bravo dos heróis que foram a Tróia, Nestor como o mais sábio, e Odisseu, o mais astucioso.

Sócrates — Ora, ora Hípias! Só te peço que me fa-
d ças o favor de não zombar de mim no caso de eu custar a apanhar o sentido do que dizes e de amiudar minhas perguntas. Assim, procura responder-me por modo suave e sem aborrecer-te.

Hípias — Fora vergonhoso, Sócrates, ensinando eu, como ensino, justamente isso a outras pessoas, e fazendo-me pagar pelo meu trabalho, não mostrar condescendência quando me interrogas, nem responder-te com bons modos.

IV — **Sócrates** — Belas palavras! Assim, penso haver compreendido teu pensamento com relação a ser Aqui-
e les o mais bravo, e Nestor o mais sábio. Mas, ao afirma-

res depois que foi intenção do poeta apresentar Odisseu como o mais astucioso, para ser franco, ignoro de todo o que queres dizer com isso. Explica-mo, então, para vermos se desse modo eu compreendo melhor. Aquiles não nos é apresentado por Homero como astucioso?

Hípias — De forma alguma, Sócrates, mas como o mais simples e veraz dos homens. Na cena das Preces, quando o poeta apresenta os heróis em conversa uns com os outros, faz Aquiles dizer a Odisseu:

365 a Filho de Laerte, de origem divina, Odisseu engenhoso,
é necessário dizer-vos agora, com toda a clareza
meu pensamento e a intenção em que me acho de em prática pô-lo,
para evitar que aturdir não me venham de todos os lados.
Tal como do Hades as portas, repulsa me causa a pessoa
b que na alma esconde o que pensa e outra coisa na voz manifesta.

Nesses versos ele expõe claramente o caráter dos dois homens, a saber: Aquiles, simples e veraz, e Odisseu, astuto e mentiroso, pois são essas as palavras que ele faz Aquiles dizer a Odisseu.

Sócrates — Creio, Hípias, ter apanhado agora teu pensamento. Ao que parece, entendes por astucioso o indivíduo que mente.

c **Hípias** — Exatamente, Sócrates; é assim que Homero apresenta Odisseu em muitas passagens da Ilíada e da Odisséia.

Sócrates — Pelo que se vê, para Homero o indivíduo veraz é um, e outro, o mentiroso; não são uma só pessoa.

Hípias — Nem poderia deixar de ser assim, Sócrates.

Sócrates — E tu, Hípias, sobre isso pensas como ele?

Hípias — Sem dúvida nenhuma; estranho seria se não pensasse.

V — **Sócrates** — Então, vamos deixar Homero de
d lado, mesmo porque é impossível interrogá-lo sobre qual era a sua intenção, quando compôs essa passagem. Por isso, já que chamaste a ti essa causa e esposas a opinião que atribuis a Homero, responde ao mesmo tempo por

Homero e por ti.

Hípias — Perfeitamente. Podes perguntar em termos breves o que quiseres.

Sócrates — Por mentiroso entendes os indivíduos incapazes de fazer alguma coisa, como seria o caso dos doentes, ou, ao invés disso, os que são capazes de fazer algo?

Hípias — Os capazes, penso, e até de muitas coisas mesmo, principalmente de enganar os outros.

e **Sócrates** — Pelo que parece, ao que disseste, eles são a um tempo capazes e astuciosos, não é isso?

Hípias — Exatamente.

Sócrates — E serão astuciosos e enganadores em virtude de simplicidade muito própria e curteza de espírito, ou, pelo contrário, por astúcia e certa espécie de inteligência?

Hípias — Por astúcia e inteligência, sem dúvida.

Sócrates — Donde se conclui, então, que são inteligentes?

Hípias — Sim, por Zeus; e muito!

Sócrates — Sendo inteligentes, sabem ou não sabem o que fazem?

Hípias — Sabem-no muito bem; por isso mesmo, fazem mal aos outros.

Sócrates — E sabendo o que fazem, são ignorantes ou sábios?

366 a **Hípias** — Sábios, decerto, nisso, justamente, em enganar os outros.

VI — **Sócrates** — Pára aí! Recapitulemos o que disseste. Os mentirosos, disseste, são capazes e inteligentes, e conscientes e sábios naquilo em que são mentirosos?

Hípias — Foi o que afirmei.

Sócrates — E uma coisa é o homem veraz, e outra o mentiroso; são opostos entre si.

Hípias — Afirmei também isso.

Sócrates —Ora bem. De acordo, por conseguinte, com o teu modo de pensar, os mentirosos estão incluídos no número das pessoas capazes e sábias?

Hípias — Seguramente.

b **Sócrates** — Quando afirmas que os mentirosos são capazes e sábios justamente nisso, queres dizer que eles podem mentir se o quiserem, ou que não podem fazê-lo, enquanto mentirosos?

Hípias — Digo que podem.

Sócrates — Para resumirmos tudo numa só palavra: o indivíduo ignorante e incapaz de mentir não poderá ser mentiroso.

Hípias — Assim é, de fato.

Sócrates — Capaz é quem faz o que quer e quando quer. Não me refiro a impedimentos decorrentes de doenças ou de causas semelhantes; falo em tese, como quando digo que és capaz de escrever meu nome quantas vezes entenderes. É isso o que eu quero dizer. Não é ao indivíduo nessas condições que dás o nome de capaz?

Hípias — É.

VII — **Sócrates** — Dize-me uma coisa, Hípias: és hábil em cálculo e em aritmética?

Hípias — Muito, Sócrates.

Sócrates — Portanto, se alguém te perguntasse quanto é três vezes setecentos, tu lhe darias, se quisesses, d rapidamente a resposta certa?

Hípias — Sem dúvida.

Sócrates — Isso, naturalmente, por seres capacíssimo e muito hábil nessa matéria?

Hípias — Sim.

Sócrates — Mas, és apenas o mais capaz e mais sábio, ou também o melhor na matéria em que és capaz e sábio, isto é, em aritmética?

Hípias — Sim, também o melhor, Sócrates.

Sócrates — Desse modo, serias o mais capaz de dizer a verdade sobre essa matéria, não é assim?

Hípias — Decerto.

e **Sócrates** — E quanto a enganar a respeito do mesmo assunto? Responde-me como até aqui tens feito, Hípias, com igual nobreza e magnificência. Se alguém te perguntasse quanto é três vezes setecentos, não mentirias mais facilmente, se quisesses mentir e não dizer nun- 367 a ca a verdade, e não darias todas as vezes resposta errada, ou poderia o ignorante nessa matéria mentir melhor do que tu, se quisesses? Ou dar-se-ia o caso de muitas vezes, querendo mentir o ignorante, acertar involuntariamente com a verdade, justamente por ser ignorante, ao passo que tu, por seres sábio, se quisesses, mentirias sempre bem?

Hípias — Sim, nesse ponto tens toda a razão.

Sócrates — Poderia faltar com a verdade o mentiroso sobre todos os assuntos, menos com relação a números? Com números não poderá mentir?

Hípias — Sim, por Zeus; também com relação a números.

VIII — **Sócrates** — Assentemos mais esse ponto, Hípias, que há pessoas capazes de mentir a respeito de números e de cálculo.

b

Hípias — Sim.

Sócrates — E quem poderá ser? Não se fará mister, para que ele seja falso, que tenha a capacidade de mentir? Pois, de acordo com o que disseste, se ainda estás lembrado, quem é incapaz de mentir, nunca poderá mentir.

Hípias — Sim, estou lembrado; disse isso mesmo.

Sócrates — E há momentos não te revelaste como a pessoa mais capaz de mentir em matéria de números?

Hípias — Sim, foi dito também isso.

c

Sócrates — E não és também o mais capaz para dizer a verdade a respeito de cálculo?

Hípias — Perfeitamente.

Sócrates — Logo, uma e a mesma pessoa é capaz de mentir e de dizer a verdade a respeito de cálculo. E quem é bom em cálculo? Não será o calculista?

Hípias — Sim.

Sócrates — Então, Hípias, quem poderá mentir em matéria de cálculo, a não ser quem for bom? E essa é a pessoa capaz, como é, ainda, a pessoa verdadeira.

Hípias — É o que parece.

Sócrates — Como vês, a mesma pessoa mente e diz a verdade sobre os mesmos assuntos, não sendo em nada melhor e veraz do que o mentiroso; trata-se de uma única pessoa, e de forma alguma de duas, que se oporiam, como asseveraste.

d

Hípias — Sim, sob esse aspecto parece que não se opõem.

Sócrates — Não será bom examinarmos outros exemplos?

Hípias — Pois não, já que assim o desejas.

IX — **Sócrates** — Não és também perito em geometria?

Hípias — Sou.

Sócrates — E então? Não será válido, também, tudo isso em geometria? Uma só e única pessoa não será a mais capaz de mentir e de dizer a verdade acerca das figuras, a saber, o geômetra?

Hípias — Sim.

Sócrates — E a esse respeito, quem mais poderá ser bom, senão ele?

e **Hípias** — Ninguém.

Sócrates — Logo, a pessoa mais capaz de fazer ambas as coisas é o geômetra bom e sábio? E se houver quem seja capaz de mentir em relação a figuras, não será justamente quem é bom? Essa é a pessoa de capacidade para mentir, ao passo que o ignorante é destituído dessa capacidade, pois, conforme já concluímos, quem for incapaz de mentir não poderá dizer inverdades.

Hípias — É certo.

Sócrates — Consideremos agora um terceiro exemplo, o do astrônomo, cuja arte tu conheces melhor ainda 368 a do que as precedentes, não é verdade, Hípias?

Hípias — Perfeitamente.

Sócrates — Não se passa o mesmo na astronomia?

Hípias — Com toda a probabilidade, Sócrates.

Sócrates — Assim, em astronomia, se há alguém mentiroso, só poderá ser o bom astrônomo, por ter a capacidade de mentir; o incapaz não o poderia, visto ser ignorante.

Hípias — É o que parece.

Sócrates — Em astronomia, por conseqüência, uma só pessoa fala a verdade e mente.

Hípias — Parece.

X — **Sócrates** — Vamos, Hípias, examina sob esse b aspecto outras ciências, para veres se não se dá a mesma coisa em todas elas. Pois és o mais sábio dos homens em todas as artes, como de uma feita já te ouvi gabar-te na ágora, junto de uma banca de câmbio, ao enumerares a variedade verdadeiramente invejável de tuas aptidões. Dizias que certa vez em que foste a Olímpia tudo o que trazias sobre o corpo havia sido feito por ti. Em primeiro lugar, o anel que tinhas no dedo — foi por aí que principiaste — era trabalho teu, pois sabias muito bem c entalhar anéis; trazias, também, um cinto feito por ti; tua escova de banho e um frasquinho de óleo eram de tua fabricação. De seguida, disseste que tu mesmo havias cortado os sapatos que então calçavas, bem como havias tecido o manto e a túnica. Porém o que mais deixou a todos astupefactos, como demonstração de tua extraordinária capacidade, foi dizeres que o cinto da túnica que tinhas no corpo, também feito por ti, era igual aos da mais fina fabricação persiana. Ademais, levavas

contigo poemas diferentes, epopéias, tragédias e ditiram-
d bos, além de composições em prosa da mais variada espécie. A respeito das ciências a que há momentos me referi, apresentavas-te como superior a quem quer que fosse, bem como em ritmo, em harmonia e na arte de bem escrever, e em muitos outros gêneros, se bem me lembro, em que também te sobressaías. Sim, quase ia esquecendo a tua mnemotécnica, em que te consideras parti-
e cularmente brilhante. É certeza haver-me olvidado de muita coisa. Mas, como disse, considera não só em relação às tuas artes — e são tantas! — como às demais, e dize-me se, de conformidade com o que assentamos até agora, eu e tu, encontras alguma em que não seja a mesma pessoa, porém pessoas diferentes, a que fala verdade e a que mente. Vamos, examina sob esse aspecto a arte
369 a ou habilidade — ou que melhor nome te aprouver aplicar-lhe — que bem entenderes. Não a encontrarás, amigo; não existe. Porém nomeia-a tu mesmo.

XI — **Hípias** — Assim de momento, Sócrates, não encontro.

Sócrates — Nem nunca a encontrarás, é o que eu penso. Porém se eu estou com a razão, deves ainda lembrar-te do que se conclui de nossa conversa.

Hípias — Não compreendo, Sócrates, o que queres dizer.

Sócrates — Creio que não recorreres à tua mnemotécnica, porque a consideras dispensável. Mas vou avivar-te a memória. Sabes muito bem que disseste ser Aquiles homem verdadeiro, e Odisseu, mendaz e astucioso.

b **Hípias** — Certo.

Sócrates — Agora, como vês, ficou bem claro que a mesma pessoa é a um só tempo falsa e verdadeira, de forma que se Odisseu é falso, é também verdadeiro, e se Aquiles é verdadeiro, é também falso. Não diferem entre si, nem são opostos, porém iguais.

Hípias — Ó Sócrates, tu sempre teces sutilezas desse tipo, separando do discurso o que nele se contém de
c mais abstruso; apegas-te a essa particularidade e te comprazes com minúcias, sem nunca apanhares em conjunto o tema em discussão. Agora mesmo, caso queiras, posso demonstrar-te com abundância de exemplos e em forma elegante que Homero apresentou Aquiles em seu poema como pessoa sem malícia e superior a Odisseu, enquanto este é doloso, fértil em mentiras e inferior a Aquiles. Se

quiseres provar que Odisseu é superior a Aquiles, opõe outro discurso ao meu. Assim os circunstantes poderão julgar qual de nós dois fala melhor.

d XII — **Sócrates** — Ó Hípias, eu não contesto absolutamente que não sejas mais sábio do que eu. Mas sempre tive por hábito prestar a máxima atenção à exposição de quem quer que seja, principalmente quando o orador se me afigura sábio. O desejo de aprender me leva a interrogá-lo de vários modos, a examinar o que ele diz e a refletir sobre suas palavras, para melhor compreendê-las. Mas se o orador me parece insignificante, não só não lhe formulo perguntas de nenhuma espécie, como não presto atenção ao que ele fala. Por aí, justamente, é que podes conhecer quem eu tenho na conta de sábio.
e Hás-de encontrar-me, então, atento às suas palavras e empenhado em fazer-lhe perguntas, para instruir-me e tirar proveito delas. Por isso, quando falavas há pouco e citaste os versos em que Aquiles, segundo dizias, se dirigia a Odisseu como a indivíduo que ele considerava pretensioso, pareceu-me estranho, caso dissesses a verdade,
370 a que Odisseu, fecundo em ardis, em nenhum trecho de Homero apareça como mentiroso, o que não se dá com Aquiles, segundo tua exposição, porque depois dos versos iniciais que há pouco recitaste:

Tal como do Hades as portas, repulsa me causa a pessoa

que na alma esconde o que pensa e outra coisa na voz manifesta,

b declara, logo a seguir, que não se deixaria demover do seu intento nem por Odisseu nem por Agamémnone, e que em hipótese alguma continuaria em Tróia, porém

cedo, amanhã, sacrifícios farei a Zeus grande e aos eternos,

e deitarei meus navios nas ondas, depois de providos.

Tu próprio, certo, hás de ver, se o quiseres e se isso te importa,

pelo Helesponto piscoso, bem cedo, eles todos partirem

c e, neles, homens alegres, à força do remo impelindo-os.

E se Posido, que a terra sacode, nos der ventos prósperos,

no solo fértil de Ftia estaremos no dia terceiro.

E antes disso, até, quando assacava doestos contra Agamémnone, declarou:

Mas para Ftia resolvo voltar, que é bem mais vantajoso

Ir para casa nas naves recurvas. Não julgo decente

d permanecer ultrajado e de bens e riquezas prover-te. E muito embora ele houvesse nessa ocasião declarado isso na presença de todo o exército, como já o fizera, de outra feita, na frente de seus próprios companheiros, em parte alguma se nos apresenta ocupado com preparativos de viagem nem com tentativas de pôr a flutuar seus navios, a fim de retornar para casa, tão nobremente indiferente se mostrava em falar a verdade. Essa a razão, Hípias, de eu te haver dirigido perguntas desde o começo, por estar em dúvida sobre qual desses dois homens quis e o poeta representar como melhor, por ser de opinião que ambos são excelentes e que é difícil decidir qual ultrapasse o outro em mentir ou em dizer a verdade, ou em qualquer outra virtude. Sob esse aspecto os dois se equivalem.

XIII — **Hípias** — Não é correta a tua interpretação, Sócrates. Quando Aquiles mente, não o faz por malícia, porém sem o querer, pois devido ao desastre do acampamento, via-se obrigado a ficar, para prestar eventual socorro aos seus companheiros. Odisseu, pelo contrário, mente de caso pensado e com malícia.

Sócrates — Meu caro Hípias, tu me estás logrando. Nesse ponto imitas Odisseu.

371 a **Hípias** — De forma alguma, Sócrates! Por que dizes isso? Logrando-te em quê?

Sócrates — Por afirmares que Aquiles mente sem má intenção, pois sobre ser malicioso e impostor, é gabarola, como o descreve Homero; mostra-se superior a Odisseu na arte de estadear sua própria gabolice e de não deixar-se apanhar em falso, a ponto de não hesitar em

contradizer-se na presença de Odisseu, sem que este o
b perceba. Pelo menos, não se infere de quanto ele disse a Odisseu que este tenha notado sua falsidade.

Hípias — Por que dizes isso, Sócrates?

Sócrates — Não sabes que momentos depois de haver êle declarado a Odisseu que pela madrugada se faria à vela, diz a Ajaz que não navegaria, e fala de outras coisas?

Hípias — Onde é isso?

Sócrates — Quando diz:

Não tomarei decisão de tornar para a guerra cruenta,

c antes que Heitor, o divino, de Príamo sábio nascido,

chegue até perto das tendas e naus dos heróicos Mirmídones,

e, a dizimar os guerreiros aquivos, as naus incendeie.
Mas quero crer que aqui perto da tenda em que me acho e da nave

de côr escura, há de Heitor valoroso refrear seus propósitos.

Acreditas, então, Hípias, que o filho de Tétis e pupilo do
d sapientíssimo Quirão fosse tão desmemoriado, que, depois de pouco antes haver investido nos mais violentos termos contra as falas dúplices, declare a Odisseu que se fará ao largo, e a Ajaz que pretende continuar, a não ser que o tenha feito de caso pensado e por estar convencido da simplicidade de Odisseu e certo de avantajar-se, com relação a ele, em subterfúgios e falsidades?

XIV — **Hípias** — Não acredito, Sócrates; foi sua in-
e genuidade que o levou a mudar de opinião, razão de dizer uma coisa a Ajaz e outra a Odisseu. Odisseu porém, quando fala a verdade é sempre com segunda intenção, o mesmo acontecendo quando mente.

Sócrates — Nesse caso, Odisseu é melhor do que Aquiles.

Hípias — De forma alguma, Sócrates!

Sócrates — Como! Não reconhecemos há pouco que os que mentem voluntariamente são melhores do que os que o fazem sem o querer?

Hípias — De que modo, Sócrates, os que cometem injustiça de caso pensado, premeditam o mal e o põem

372 a em prática podem ser melhores do que os que erram involuntariamente? Muito mais condescendência devemos ter com os que cometem injustiça, ou mentem, ou praticam algum mal apenas por ignorância. As próprias leis tratam com mais severidade os que mentem ou praticam voluntariamente o mal do que os outros.

XV — **Sócrates** — Vês, Hípias, como tenho razão de

b dizer que sou tenaz quando me ponho a interrogar os sábios? Pode bem dar-se que seja esse o meu único merecimento; de tudo o mais sou muito parcamente dotado, pois sempre me escapa o sentido íntimo das coisas, continuando eu sem saber nada. A melhor prova disso está no fato de, sempre que me ponho a conversar com alguma pessoa de reconhecido mérito e de cuja sabedoria os helenos dão testemunho, tornar-se manifesto que eu nada sei. Não há questão, por assim dizer, em que es-

c tejamos de acordo. E que maior prova de ignorância poderá haver do que discordarmos dos sábios? Porém uma qualidade maravilhosa me salva: não me envergonho de aprender, mas questiono e interrogo, e fico muito obrigado aos que me respondem, sem jamais regatear-lhes agradecimento. Quando aprendo algo, nunca nego minha dívida com fazer passar como achado próprio o que tivesse aprendido com outrem; pelo contrário: mimoseio a quem me ensina com o nome de sábio e declaro abertamente o que aprendi com ele. É o que se dá agora co-

d nosco, pois não posso concordar com o que dizes; discordo em toda a linha. Sei perfeitamente que é minha a culpa, por ser eu quem sou, para não me referir a mim mesmo em termos mais elevados. A mim parece, meu caro Hípias, precisamente o oposto do que dizes. O que eu acho é que os que causam mal aos outros, ou cometem injustiça, mentem ou enganam de caso pensado, não involuntariamente, são melhores do que os que o fazem sem o querer. Por vezes, contudo, penso de modo contrário e me ponho a vacilar sobre o assunto, o que

e prova que o desconheço. Agora, por exemplo, encontro-me em fase de certa perturbação que me leva a considerar as pessoas que cometem qualquer erro de caso pensado melhores do que as que o fazem involuntariamente. Atribuo o mal de agora a nossa conversação anterior, causa de eu julgar neste momento que os que

praticam o mal sem o querer são piores do que os que assim procedem de caso pensado. Usa, portanto, de condescendência para comigo e não te recuses a curar-me a alma. Muito maior benefício me prestaras

373 a livrando minha alma de sua ignorância do que se me curasses de uma doença do corpo. Observarei apenas que se te dispuseres, para isso, a pronunciar um discurso longo, asseguro-te de antemão que não vais curar-me; ser-me-á impossível acompanhar-te. Mas se quiseres responder-me como há momentos, far-me-ás um grande bem, sem com isso prejudicar-te. Assiste-me também o direito, filho de Apemanto, de chamar-te em meu auxílio; foste tu que me concitaste a disputar com Hípias. Caso ele se recuse a responder às minhas perguntas, intercede a meu favor.

Êudico — Não Sócrates; creio que não será neces-

b sário intervirmos junto de Hípias. Nem ficaria isso de acordo com sua declaração de há pouco, de que não se esquivaria a nenhuma pergunta de terceiros. Não é verdade, Hípias? Não foi isso o que disseste?

Hípias — Sim, disse; porém Sócrates perturba sempre a exposição dos outros, dando a impressão, até, de que é desonesto.

Sócrates — Ó meu caro Hípias! Não faço isso por querer. Se fosse o caso, eu seria sábio e astucioso, de acordo com o que disseste. Por isso, deves ser condescendente comigo; tu mesmo declaraste que devemos ser indulgentes com as pessoas que praticam involuntariamente o mal.

c **Êudico** — Não procedas de outro modo, Hípias; responde às perguntas de Sócrates, tanto por consideração a nós, como em atenção ao teu próprio nome.

Hípias — Bem; responderei, por seres tu quem pede. Pergunta o que quiseres.

XVI — **Sócrates** — Desejo veementemente, Hípias, examinar a fundo a questão de que tratamos há pouco, sobre quem seja melhor: o que pratica o mal de caso pensado ou o que o faz involuntariamente. A meu parecer, esse é o caminho mais acertado para estudarmos o problema. Responde-me, portanto: achas que há bons corredores?

d **Hípias** — Sem dúvida.

Sócrates — E maus, também?

Hípias — Sim.

Sócrates — O bom corredor é o que corre bem; e o mau, o que corre mal?

Hípias — Isso mesmo.

Sócrates — O que corre devagar, corre mal; e o veloz, corre bem?

Hípias — Certo.

Sócrates — Em corridas, portanto, e para o corredor, a velocidade é um bem, e a lentidão um mal?

Hípias — Quem o duvidará?

Sócrates — Quem é, então, o melhor corredor, o que corre devagar porque assim o quer, ou o que o faz contra sua própria vontade?

Hípias — O que o faz voluntariamente.

Sócrates — Correr não é fazer alguma coisa?

Hípias — Com efeito.

e **Sócrates** — E fazer alguma coisa não é agir de algum modo?

Hípias — Sim.

Sócrates — Logo, quem corre mal, em matéria de corrida, comete uma ação má e desonesta?

Hípias — Má, como não?

Sócrates — Corre mal o corredor vagaroso?

Hípias — De acordo.

Sócrates — Logo, o bom corredor pratica voluntariamente esse ato mau e pouco honroso.

Hípias — Pelo menos, é o que parece.

Sócrates — Em corridas, portanto, o pior corredor é o que pratica a má ação involuntariamente, não o que faz o mal de caso pensado.

Hípias — Sim, em corridas é assim mesmo.

374 a **Sócrates** — E na luta? Quem é melhor lutador: o que cai porque quer, ou o que cai sem o querer?

Hípias — O que cai porque quer, ao que parece.

Sócrates — E numa luta, que é pior e vergonhoso: cair ou derrubar o adversário?

Hípias — Cair.

Sócrates — Sendo assim, na luta, também, quem pratica voluntariamente a pior ação e a mais vergonhosa é melhor lutador do que quem a pratica sem o querer.

Hípias — É o que parece.

Sócrates — E com relação às demais atividades do corpo? O indivíduo de melhor constituição não é o que poderá fazer ambas as coisas: os trabalhos do forte e os b do fraco, as boas e as más ações? Por isso, ao fazer o in-

divíduo bem constituído algo mal com o corpo, é voluntariamente que o faz, ao passo que as pessoas fracas o fazem sem o querer?

Hípias — Parece que em relação à força as coisas se passam realmente desse modo.

Sócrates — E com relação à graça dos movimentos, Hípias, não é o indivíduo mais bem conformado fisicamente que poderá assumir de caso pensado atitudes más ou desgraciosas, enquanto o mal conformado fará isso mesmo sem o querer?

Hípias — Certo.

Sócrates — Assim, a desgraciosidade dos traços, c quando voluntária, decorre da excelência da constituição do corpo, e quando involuntária, de algum defeito?

Hípias — Parece.

Sócrates — E que dizes da voz? Qual voz consideras melhor: a de quem desafina porque quer, ou a de quem o faz involuntariamente?

Hípias — A de quem desafina porque quer.

Sócrates — A outra, portanto, é pior?

Hípias — É.

Sócrates — E que preferias ter, o que é bom ou o que é ruim?

Hípias — O que é bom.

Sócrates — E quanto aos pés, preferias claudicar intencionalmente ou contra tua vontade?

Hípias — Intencionalmente.

d **Sócrates** — A claudicação não constitui defeito ou deformidade?

Hípias — Constitui.

Sócrates — E a ambliopia, não é um defeito dos olhos?

Hípias — É.

Sócrates — Que olhos escolherias para o resto da vida: os com que visses de modo impreciso e confuso por assim quereres, ou olhos com os quais visses dessa maneira sem o quereres?

Hípias — Por querer.

Sócrates — Logo, consideras melhores em ti os órgãos que funcionam voluntariamente mal, não os que assim o fazem involuntariamente?

Hípias — Sim, nesse particular.

Sócrates — E com relação a tudo o mais, nariz, boca, ouvidos, e todos os sentidos, não é válida a mesma

e conclusão? Assim, não quererias ter os sentidos que funcionam mal involuntariamente, por serem defeituosos, ao passo que desejarias os que o fazem voluntariamente, por serem bons?

Hípias — Parece que sim.

XVII — **Sócrates** — E então? Como instrumento, qual é o de melhor uso, o que voluntariamente funciona mal, ou o que o faz involuntariamente? Por exemplo: qual é o melhor leme, o com que de indústria governamos mal, ou o com que fazemos isso mesmo involuntariamente?

Hípias — Aquele é o melhor.

Sócrates — E o mesmo não se dá com o arco, a lira, a flauta, e com tudo o mais?

Hípias — Dizes a verdade.

375 a **Sócrates** — Pois bem; e quanto a cavalos, será melhor possuir um de temperamento que permita montar voluntariamente mal, ou involuntariamente?

Hípias — Voluntariamente.

Sócrates — Por ser melhor, portanto.

Hípias — Certo.

Sócrates — Logo, com o cavalo de bom temperamento pode-se voluntariamente executar mal um trabalho próprio desse temperamento, e involuntariamente a mesma coisa com um cavalo de mau temperamento?

Hípias — Perfeitamente.

Sócrates — E o mesmo não se dá com os cães e todos os outros animais?

Hípias — Dá-se.

b **Sócrates** — E então? É melhor possuir alma de um arqueiro que erre voluntariamente o alvo, ou a do que o faz sem o querer?

Hípias — A do que erra voluntariamente.

Sócrates — Portanto, a alma assim conformada é melhor para a arte do tiro ao alvo?

Hípias — É.

Sócrates — E a outra, a alma que erra involuntariamente o alvo, é pior do que a que o faz de caso pensado?

Hípias — No tiro ao alvo, sim.

Sócrates — E na medicina? O entendimento que produz voluntariamente mal ao corpo não possui maiores conhecimentos da arte de curar?

Hípias — Possui.

Sócrates — É superior, portanto, nessa arte, ao que não possui esses conhecimentos?

Hípias — Sim, é superior.

Sócrates — E então? Com relação à citarística, à au-
c lética e às demais artes e ciências em geral, não é superior o entendimento que erra voluntariamente e peca contra a beleza e contra as regras, e pior o que o faz involuntariamente?

Hípias — Parece.

Sócrates — E quanto ao caráter dos escravos, não preferíramos possuir escravos que erram conscientemente no seu trabalho, aos que o fazem involuntariamente, por serem aqueles superiores no trabalho deles mesmos?

Hípias — Sim.

Sócrates — E com relação a nossa alma, não desejaríamos que fosse a melhor possível?

Hípias — Sem dúvida.

d **Sócrates** — E a alma que erra e ocasiona o mal voluntariamente não será melhor do que a que faz isso mesmo sem o querer?

Hípias — Seria absurdo, Sócrates, considerarmos melhor quem conscientemente cometesse uma injustiça do que quem o fizesse sem o querer.

Sócrates — Mas é o que teremos de aceitar como conclusão do nosso discurso.

Hípias — Eu, pelo menos, não aceito.

XVIII — **Sócrates** — Penso que tu também, Hípias, aceitarás. Porém responde-me mais uma vez: a justiça não é força ou conhecimento, ou ambas as coisas? Não será necessariamente uma das duas?

e **Hípias** — Sim.

Sócrates — Se a justiça é uma força da alma, quanto mais poderosa a alma, mais justa será. Pois já reconhecemos, meu caro, que a alma mais forte é a melhor.

Hípias — Sim, reconhecemos.

Sócrates — E se for conhecimento? Quanto mais sábia, mais justa será a alma, e quanto menos instruída, menos justa?

Hípias — Certo.

Sócrates — E se for ambas as coisas? A alma que possuir ambas, conhecimento e força, será mais justa, e a menos instruída, mais injusta?

Hípias — Parece.

Sócrates — E a mais poderosa e mais sábia não se nos revelou como sendo melhor e capaz de realizar em todo gênero de trabalho tanto o bem como o mal?

376 a **Hípias** — Revelou.

Sócrates — Logo, quando pratica o mal, age voluntariamente, por sua força e sua arte. Fazer, portanto, as duas coisas, ou apenas uma delas, é pertinente à justiça?

Hípias — Parece.

Sócrates — Por outro lado, cometer injustiça é proceder mal; não cometer é proceder bem?

Hípias — Sim.

Sócrates — Logo, a alma mais forte e melhor procede conscientemente quando comete injustiça, e a alma ruim assim procede sem o querer?

Hípias — Parece.

b **Sócrates** — e o homem bom, não é o dotado de alma boa, assim como o mau é o de alma ruim?

Hípias — Certo.

Sócrates — Sendo assim, o homem bom praticará injustiça de caso pensado, e o mau, involuntariamente, desde que o homem bom possua alma boa.

Hípias — Como realmente possui.

Sócrates — Quem erra, por conseguinte, intecionalmente e pratica ações injustas e prejudiciais, se houver alguém nessas condições, não poderá deixar de ser o homem bom.

Hípias — Não, Sócrates; isso não me é possível conceder-te.

Sócrates — Nem eu, Hípias, a mim mesmo; mas é o c que necessariamente se conclui de nosso raciocínio. Porém, como te dizia há pouco, nesses assuntos eu vivo sempre a oscilar de um lado para o outro, sem deter-me nunca numa opinião segura. Não é de admirar, porém, que eu e as demais pessoas indoutas revelemos tão pouca resistência. Mas se vós outros, os sábios, também vos mostrais vacilantes, isso é que é terrível para todos, pois nem com nos aproximarmos de vós poremos remate a nossas divagações.